



# **QUANDO SE FALA EM ANARQUIA, FALA-SE EM QUÊ?**

Eliana Ferreira de Lima

**MESTRADO EM FILOSOFIA - POLÍTICA**

2019

Versão corrigida e melhorada após defesa pública.

Dissertação para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Filosofia - Política, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Giovanni Damele, PhD em Filosofia pela Universidade de Turim, na Itália; Professor Auxiliar Convidado da FCSH-UNL.

E sob a coorientação da Professora Doutora Maria das Graças Pinto Coelho – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; Coordenadora do Grupo de Pesquisas GEMINI - Análises e Pesquisas em Cultura, Processos e Produtos Midiáticos.

À coragem de Pierre-Joseph Proudhon,  
um dos raros pensadores oriundos da classe operária,  
que ousou ao se autodenominar “anarquista”.  
Feito escrito na tese “O que é a propriedade?”, em 1840,  
iniciando o propósito do anarquismo.

- 
- E então, o senhor é um democrata?
    - Não.
  - O quê? Então é um monarquista?
    - Deus me livre.
    - Aristocrata?
    - De jeito algum.
  - Deseja um governo misto?
    - Menos ainda.
  - Então, o que o senhor é?
    - Sou um anarquista.
  - Embora muito amigo da ordem, sou, em toda a acepção do termo, anarquista.

**Pierre-Joseph Proudhon**

## AGRADECIMENTOS

Hora de agradecer. Momento difícil, diante da dimensão que deixa a sensação de que faltou alguém para dizer muito obrigada pelo, talvez, sonho mais difícil de alcançar, tamanhas foram as dificuldades. E os muitos obstáculos superados e a serem. Ainda.

E por onde começar?

- A Deus, que me fortalece na fé. A ela, parceira de todos os momentos: minha filha Maria Eduarda, que, mesmo contra sua vontade, absteve-se do conforto do lar e do cotidiano e atravessou o Atlântico para dias incertos, mas certa de que devia acompanhar a mãe nesse projeto que fez dos seus dias os melhores e os mais difíceis no alto dos seus, naquele ano, há dois anos, 51 anos. A mãe que resolveu se reinventar e voltar à sala de aula após 25 anos para estudar, e assim qualificar-se. E na terra dos patrícios se debruçar em observações e estudos para entender o que acontece com o seu Brasil, que padece numa louca roda viva política. Assim, a opção pela Filosofia Política.
- Agradecer àquela que tem a força de um titã para que seus filhos alcancem o auge dos sonhos: minha mãe, Maria.
- Ao amigo e colega de trabalho que foi o propulsor para esta realização: Antônio Carlos Farache. Querido Tota.
- Ao amigo António Delgado, Professor-Coordenador do Instituto Politécnico de Leiria e Investigador do CIEBA – Universidade de Lisboa, pelo imenso apoio no desenvolvimento deste trabalho.
- Aos meus irmãos, sempre a postos para celebrar e estender a mão.
- A toda minha abençoada família. Aos amigos queridos, carinho que fortalece-me. Em especial a Rosemary Cestari, Edlúcia Dantas, Gisele Bourguy, Analice Lemos, Karla Jisany, Alice Lima e Sandra Elali, que estiveram presentes sem hora definida.
- Ao meu tio Paulo Lima. Um pai!
- Ao meu fiel motorista Edi, que se viu diante de uma nova missão: administrador.
- À UFRN, por acreditar e incentivar seus servidores à qualificação. Aos colegas de trabalho que colaboraram para que eu chegasse aqui.

- Em Especial ao meu orientador, Professor Giovanni Damele, um verdadeiro historiador, que atendeu prontamente ao convite para que eu desenvolvesse essa dissertação e na abordagem do assunto que me propus a dissecar, a intrigante anarquia.
- À sempre atenciosa Professora Graça Pinto, minha coorientadora, que vem se disponibilizando a dirimir dúvidas e indicar soluções para o aprimoramento dessa difícil tarefa que é ser mestranda.

À Universidade Nova de Lisboa, pela oportunidade. E a esse adorável país chamado Portugal, pelo tão bom acolhimento. Já estou com um Atlântico de saudade.

# QUANDO SE FALA EM ANARQUIA, FALA-SE EM QUÊ?

ELIANA LIMA

## RESUMO

Problematizar o movimento anarquista a partir da autodenominação feita pelo francês Pierre-Joseph Proudhon de se considerar anarquista; as tentativas de conquistas para uma sociedade libertária, as lutas, a propaganda pelo feito, a utopia. Em meio a esse contexto, saber o que é anarquia como significado de ordem e sobre a deformação rotulada no movimento anárquico. Os crimes cometidos, inclusive assassinatos de presidentes e reis. Quais os reflexos atuais das lutas dessa teoria política. Estes são os aspectos principais analisados neste trabalho.

O movimento teve auge, mas efêmeros. Mesmo assim, as investidas do pensamento libertário influenciaram o mundo, desde então aos dias de hoje. Senão, vejamos: alguns países, principalmente os de regime democrático, vivem sob ideários sonhados e buscados nas intensas lutas do fim do séc. XIX e início do séc. XX, como conquista trabalhista – a jornada de oito horas -, a união sem casamento ou contrato, como há mais de um século propalaram os libertários. Salas de aula mistas, com estudantes dos sexos feminino e masculino, tais quais eram em escolas fomentadas por anarquistas.

Nos tempos atuais, o advento da internet e o surgimento das redes sociais criaram um mundo paralelo – o virtual – em estado relativo de anarquia, onde as pessoas se sentem libertas para emitir, formar e desconstruir opiniões, dogmas ou princípios. Lugar de mobilizações. Mas, as redes sociais têm proprietários, que impõem normas e seguem implementando mudanças.

**Palavras-chave:** liberdade, anarquia, internet, Proudhon, propaganda, presidente, política, movimento, pensamento, direito, amor, estudantes, escola, eleições, opinião, comportamento, leis.

## **ABSTRACT**

Problematizing the anarchist movement from the self-denomination made by the French Pierre-Joseph Proudhon to consider himself anarchist, the conquer attempts for a libertarian society, the fights, the Propaganda by the Made, the utopia. Amid this context, point out definitions of what really is anarchy, the deformation labeled in the goal of the anarchic movement. The marginality of crimes committed, including the murders of presidents and kings. What are the current reflections of the struggles of this political theory. These are the main aspects analyzed in this work.

The movement had booms, but they were ephemeral. Even so, the onslaughts of libertarian thought have influenced the world ever since. Otherwise, some countries, especially those with a democratic regime, live under ideals dreamed and sought in the intense struggles of the end of the 19th century and early 20th century, as the labor rights - the eight-hour work day - relationships without marriage or contract, as libertarians have proclaimed for over a century. Mixed classrooms, with male and female students, such as were in schools fostered by anarchists.

Nowadays, the advent of the internet and the emergence of social media networks have created a parallel world - the virtual one - in a relative state of anarchy, in the face of the practically unattainable controlling power. Place where people feel free to emit, form and deconstruct opinions, dogmas or principles. Place of mobilizations that can decide on laws, elections, changes of behavior, etc.

**Keywords:** freedom, anarchy, internet, Proudhon, propaganda, president, politics, movement, critical thinking, law, love, students, school, elections, opinion, behavior, laws.

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Parte I: Proletários versus burgueses.....</b>	<b>7</b>
1.1.: A miséria e a exacerbação do poder .....	7
1.2.: Origem e antagonismo.....	14
1.3.: Respostas à repressão do Estado.....	23
1.4.: Efeito maculado.....	27
1.5.: Propaganda pelo feito.....	30
<b>Parte II: Nova fase.....</b>	<b>35</b>
2.1.: A vingança.....	35
2.2.: Contra-ataque .....	38
2.3.: Ação direta .....	40
2.4.: Sindicalismo e anarquismo.....	44
<b>Parte III: Revolução e vertentes.....</b>	<b>49</b>
3.1.: O sonho da transformação.....	49
3.2.: Pedagogia anarquista.....	52
3.3.: Filosofia heterogênea.....	55
3.4.: O inimigo?.....	60
3.5.: Insustentável liberdade.....	69
3.6.: Indomináveis.....	72
<b>Considerações finais.....</b>	<b>79</b>
<b>Referências.....</b>	<b>83</b>



## **Lista de Figuras**

Figura 1 - Revolta de Haymarket, em Chicago (1886).....	10
Figura 2 - Mártires de Chicago.....	12
Figura 3 - Proudhon e seus filhos (1853).....	16
Figura 4 - O Quarto Estado - tela do pintor italiano Pelizza da Volpedo.....	18
Figura 5 - Comuna de Paris.....	25
Figura 6 - A Prisão de Ravachol.....	34
Figura 7 - Estátua de bronze de Proudhon em Besançon, França.....	49
Figura 8 - O Novo Homem.....	50

## INTRODUÇÃO

Observar pormenores<sup>1</sup> do movimento anarquista é a proposta deste trabalho. Não a partir das formulações teóricas no fim do séc. XVIII, mas no nascimento da doutrina a partir do séc. XIX, marcado pela autodenominação do filósofo político francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) de se afirmar anarquista, no seu célebre livro “O que é a propriedade?”, de 1840, em que ele mesmo define na polêmica resposta: “Propriedade é roubo”. Sua postura política revolucionária atribui ao anarquismo, taxado então como desordem e caos, um valor positivo. Ao mesmo tempo em que se declara anarquista, Proudhon se autoproclama amigo da ordem: “*Embora muito amigo da ordem, sou, em toda a acepção do termo, anarquista*”.<sup>2</sup> Nestes mais de 150 anos de história o movimento libertário passou por diversas fases, entre elas a que maculou o anarquismo como uma ideologia marginalizada, com ações isoladas promovidas por aqueles que foram chamados de “ilegalistas”, que se autodeclaravam anarquistas. Vamos saber que ações foram estas que perseguem essa teoria política com o rótulo de grupos que vivem à margem das leis. Pecha que segue até os dias atuais. Quais foram as causas, os atos e, consequentemente, a reação que se desenrolaram nas passagens libertárias.

O movimento libertário se une às causas dos proletários que vivem sob a opressão e ao trabalho exaustivo, enquanto uma minoria, chamada de burguesia, refestela-se dessas atividades extenuantes numa época em que tal classe social se abastece do capitalismo, em plena revolução industrial. Em meio a esse cenário de contradições e diferença sociais consideradas injustas, Proudhon surge como o “Pai do Anarquismo” diante da coragem de ser o primeiro pensador a se intitular anarquista, favorável à revolução social e a destruição do Estado, mas contra a violência. O otimismo apresentado por Proudhon foi delineado pelo escritor canadense George Woodcock (1912-1995)<sup>3</sup>, em que explica a

---

<sup>1</sup> Os pormenores observados neste trabalho são do movimento anarquista; as estratégias para a intenção de destruir qualquer forma de hierarquia e dominação; o que levou à violência por militantes; quais as vitórias conquistadas, o que deu errado. Ou seja: o conjunto de frutos de revoltas que há mais de 150 anos continua inspirando adeptos pelo mundo.

<sup>2</sup> PROUDHON, Pierre-Joseph: *O que é a propriedade?*. Tradução: Marllia Caeiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1975, pp. 234-235.

<sup>3</sup> WOODCOCK, George: *História das idéias e movimentos anarquistas* – Volume I: A idéia. Tradução: Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2007, p. 10 (Prólogo).

percepção do francês em torno da “ambiguidade” na palavra grega “Anarchos” e volta a usá-la “para ressaltar que a crítica que se propunha fazer à autoridade não implicava, necessariamente, uma defesa da desordem”. A palavra *anarchos*, segundo o professor brasileiro Caio Túlio Costa,<sup>5</sup> “pode ser usada para definir desordem na falta de um governo, ou quando não existe a necessidade dele, portanto, etimologicamente quer dizer sem governo, sem autoridade, sem superiores”. Assim, surge a perspicácia de Proudhon. Seu ponto de vista anarquista se dá diante do crescimento vertiginoso da produção com a primeira Revolução Industrial que promove uma vida opulenta à burguesia e fortes rendimentos, enquanto os trabalhadores têm uma vida miserável, sem condições sociais e laborais, mas produzindo em ritmo de exaustão e de forma infra-humano nas fábricas, nas indústrias, com salários insuficientes para saciar a fome.

“Qual é o grande problema do século XIX?”, pergunta que o historiador francês Jean-Yves Mollier faz e ao que ele mesmo responde, em depoimento no documentário “História do Anarquismo: Sem deuses, Sem mestres”, dirigido pelo filósofo e cineasta francês Tancrède Ramonet. Na visão de Mollier, professor da Universidade de Versailles, o grande problema foi evidenciado de “um termo muito simples”: “a questão social”. Ele esclarece: “A sociedade se desenvolve, as estradas de ferro são criadas. Primeiro inventa-se a máquina a vapor, as estradas de ferro, o barco a vapor, a tecelagem. De certa maneira, a sociedade tem uma evolução considerável: higiene, medicina etc. E, ao mesmo tempo, nunca houve uma miséria tão terrível, vivida justamente por aqueles que trabalhavam nas fábricas, nas indústrias”.<sup>4</sup> Conforme o texto do documentário, a massa operária não tinha “um dia de descanso, assistência médica ou aposentadoria”, seus filhos começam a trabalhar ainda crianças, “um a cada dois morre antes de completar seis anos de idade. As deficiências, as epidemias e o álcool são devastadores. O alfabetismo é a norma. Os acidentes são de lei”. O filme de Ramonet também foi bem aproveitado na produção deste trabalho diante do vasto material histórico descrito e narrado, fundamentado em documentos, imagens e filmes de época, alguns “inéditos”, segundo o autor, complementado por fatos e depoimentos de historiadores, professores, jornalistas e intelectuais europeus, americanos e canadenses, especializados no estudo do movimento

---

<sup>4</sup> Jean-Yves Mollier, Historiador e Professor da Universidade de Versailles, no documentário “História do Anarquismo: Sem Deuses, Sem Mestres”, 1º Episódio - *A paixão por destruição - 1840-1906*.

<sup>5</sup> COSTA, Caio Túlio: O que é Anarquismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 16ª impressão, 2004, p. 12.

libertário.<sup>6</sup> Mas, o que é ser anarquista? Na óptica do ativista libertário francês Sébastien Faure (1858-1942) *apud* Woodcock (2007, p. 7)<sup>7</sup>, é “todo aquele que contesta a autoridade e luta contra ela”.

Essa teoria política que rejeita o governo, a autoridade do Estado e a influência do clero ganhou várias correntes, entre as quais destaco aqui algumas das indicadas pelo pesquisador brasileiro Felipe Corrêa, coordenador do Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) e editor da Faísca Publicações Libertárias, em seu livro *Bandeira Negra - Rediscutindo o Anarquismo*: “**coletivismo, comunismo, individualismo** (definidas a partir da perspectiva de distribuição dos frutos do trabalho na sociedade futura)”, “**sindicalismo revolucionário** (definida “para intervenção social e organização da sociedade futura)”, “**anarco-individualismo** (definida pela rebeldia individual)”, “**mutualismo** (definida pela associação comunitária e produtiva em cooperativas econômicas, que buscam reconstruir a sociedade)”, “**anarco-comunismo e anarco-sindicalismo**, sinônimo de sindicalismo revolucionário (definidas pelo repúdio à violência)”, “**anarquismo individualista e anarquismo societário** (anarquismo social),

---

<sup>6</sup> Trecho do texto do 1º episódio do documentário “História do Anarquismo: sem deuses nem mestres” (Ni Dieu ni maître: Une histoire de l’anarchisme), dirigido pelo filósofo e cineasta francês Tancrède Ramonet sobre a história desta teoria política que rejeita toda forma de dominação, fundamentado em documentos, imagens e filmes de época, declarações de historiadores, professores e jornalistas europeus, americanos e canadenses. Descreve inicialmente: “Até a metade do século XIX o termo “anarquismo”, cuja raiz grega na-arkhê significa “ausência do poder”, é um termo negativo utilizado para designar a desordem e o caos. Mas se grandes personalidades como **Sade, Babeuf ou Godwin\*** poderiam ter outrora sido taxadas de anarquistas, é Pierre-Joseph Proudhon, um dos raros pensadores oriundos da classe operária, que se serve do termo para definir uma postura política revolucionária e atribui ao anarquismo um valor positivo”. Este trabalho também tem como base as informações contidas nesse filme, que é dividido em três partes, de 52 minutos cada, concluído em 2016: **I** – “1840-1906: A paixão por destruição” [[https://www.youtube.com/watch?v=x\\_L99OFI0h8&t=1394s](https://www.youtube.com/watch?v=x_L99OFI0h8&t=1394s)], assistido entre 10 e 12 de abril de 2019/ **II** – “1907-1921: Terra e Liberdade” [<https://www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=501s>] – 21 a 23 de abril/ **III** – “1922-1945: Em memória do derrotado” [<https://www.youtube.com/watch?v=JiZ1rhsbAYk>] – 5 a 8 de maio.

\* Marquês de Sade (1740-1814) “homem da Revolução Francesa” que “procurou demonstrar as dificuldades de concretização da tríade revolucionária: Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, segundo o sociólogo Jorge de Sá [[https://www.cmjournal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/o\\_sexo\\_como\\_arma\\_para\\_mudar\\_o\\_mundo](https://www.cmjournal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/o_sexo_como_arma_para_mudar_o_mundo)] – 01/08/2019. François-Noël Babeuf (1760-1797), “político e agitador na França Revolucionária cujas estratégias táticas forneceram um modelo para os movimentos de esquerda do século 19” – Enciclopédia Britânica [<https://www.britannica.com/biography/Francois-Noel-Babeuf>] – 01/08/2019. William Godwin (1756-1836), “dissidente religioso que antecipou o movimento literário romântico inglês com seus escritos avançando ateísmo, anarquismo e liberdade pessoal” – Enciclopédia Britânica [<https://www.britannica.com/biography/William-Godwin>] – 01/08/2019.

<sup>7</sup> WOODCOCK, George: *História das Idéias e Movimentos Anarquistas – 1º Volume – O homem dos paradoxos*. Floresta (RS): L&PM Editores, tradução de Júlia Tettamanzy, 2007, p. 7.

ainda que negue que haja contradição entre estas correntes: “o anarquista societário é também um individualista. O anarquista individualista é um societário que não ousa dizer o nome”; “anarquismo espiritual (definida a partir da noção de que o ser humano é capaz de viver sem governo, e que o pacifismo é a estratégia mais adequada de atuação)”; “anarquismo filosófico (definida por pensadores que chegaram aos princípios anarquistas na busca de reflexões universais)”.<sup>8</sup> As mais seguidas abordamos neste trabalho.

Dentre as vertentes anarquistas, a luta contra o Estado ganhou forte influência naquele que ficou conhecido como o pai do anarco-individualismo: o filósofo alemão Max Stirner (1806-1856), que considera a ideia do Único uma espécie de pessoa individualista e egoísta que se recusa a sacrificar o seu interesse pelo de um espírito dominante. Sua rejeição ao Estado chegou ao ponto de declarar que ele e o Estado são “*inimigos*”<sup>9</sup>. O individualismo de Stirner teve posicionamento contrário no italiano Errico Malatesta (1853-1932), militante que viveu por mais de 60 anos o movimento anarquista e presenciou transformações de estratégias e acontecimentos econômicos, culturais e políticos. Apesar do longo tempo, o italiano não teve obras completas publicadas, apenas alguns textos que escreveu. Para Malatesta, a violência promovida por trabalhadores é resposta ao capitalismo, que considera um sistema fundamentado na violência. Polemizou com os movimentos mais pacifistas por considerar que o sistema capitalista é violento. Assim, defendeu a violência no movimento revolucionário como autodefesa e resposta dos trabalhadores<sup>10</sup>. O ativista italiano se opôs que o sindicalismo por si só iria se sobrepor ao anarquismo. Alertou sobre o perigo do corporativismo sindical e para não confundir o “sindicalismo” – “que quer para si uma doutrina e um método para resolver a questão social” -, “com a propaganda, a existência e a atividade dos sindicatos operários”. Defendeu a participação dos trabalhadores independente das suas posições políticas, ideológicas ou religiosas, aproximando-se mais do sindicalismo revolucionário do que da estratégia anarcossindicalista, que defende os vínculos.<sup>11</sup> A greve geral foi um

---

<sup>8</sup> CORRÊA, Felipe: *Bandeira Negra - Rediscutindo o Anarquismo*. Curitiba: Prisma Editora, 2015, p. 235.

<sup>9</sup> STIRNER, Max: *O único e sua propriedade*. Tradução: João Berrento. Lisboa: Editores Refractários, 2004, p. 144.

<sup>10</sup> MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários – reunião dos principais textos do anarquista italiano*. Cultura Brasileira, Projeto Cultural de apoio ao estudante brasileiro nas áreas de Ciências Humanas, Atualidade Crítica e Filosofia, p. 8.

<sup>11</sup> MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários - Sindicalismo e Anarquismo*, Umanità Nova, 06/04/1922. [<http://www.culturabrasil.org/zip/malatesta.pdf>].

dos enfrentamentos ao Estado e ao capitalismo pelos direitos trabalhistas. Malatesta entende como “uma arma poderosa nas mãos do proletariado” que pode “ser um modo e a ocasião de desencadear uma revolução social radical”, “mas sob a condição de compreendê-la e de utilizá-la de uma forma diferente daquela praticada pelos seus antigos partidários”<sup>12</sup>. Quais foram as vitórias e os insucessos dessas lutas pelos direitos? Vamos analisar ao longo deste artigo.

O mito da greve geral pela classe trabalhadora teve apologia no teórico francês Georges Sorel (1847-1922), adepto do sindicalismo revolucionário, para promover a ruptura do regime capitalista, com a massa laboriosa cruzando os braços e paralisando a economia. Em *Reflexões sobre a Violência*, livro que publicou em 1908, conclui que são em “greves que o proletariado afirma a sua existência”, e relaciona ao poder de violência: “A greve é um fenómeno de guerra; seria mentira dizer que a violência é um acidente chamado a desaparecer das greves”. (p. 297). O preço que os libertários e os operários pagaram por tais mobilizações e enfrentamentos foi alto. Com muitas vidas, inclusive.

No avanço das ideias e ideais anarquistas, novas correntes vão surgindo e desse círculo aparece o anarcocapitalismo, que teve como um dos mais notórios proponentes o filósofo nova-iorquino e ativista antipolítico Murray Rothbard (1926-1995), que defendeu a dissolução completa do Estado, entre outros pensamentos, por considerar que o imposto é roubo e que todo o governo é ruim em si mesmo.<sup>13</sup> Entremeios, aparece no pensamento de Robert Nozick (1938-2002), um dos professores titulares mais jovens da história de Harvard, aos 30 anos, a defesa de um Estado mínimo, que considera “tanto inspirador quanto certo”. Estado esse que deve ser limitado às funções restritas de proteção contra a força, o roubo, a fraude, de fiscalização do cumprimento de contratos e assim por diante”. Se mais amplo for, entende que “violará os direitos das pessoas”.<sup>14</sup> Adiante.

Este trabalho, portanto, além de descrever e analisar o anarquismo clássico e contemporâneo, propõe-se também a abordar suas muitas transformações. A abordagem

---

<sup>12</sup> MALATESTA, Errico. Escritos Revolucionários – A Greve Geral, Umanità Nova, n.º 132, 7 de junho de 1922.

<sup>13</sup> ROTHBARD, Murray N.: *A Anatomia do Estado*. Tradução: Tiago Chabert. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil. 1ª Edição.

<sup>14</sup> NOZICK, Robert, *Anarquia, Estado e Utopia*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 9.

segue até a atualidade, com a influência do advento da internet e a chegada das chamadas redes sociais, como Facebook e Twitter, e multiplataformas de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, que possibilitam um relativo mundo – virtual – anarquista. Contudo, serão mesmo espaços de expressa liberdade? A contar que são territórios livres, mas têm donos, que promovem constantes reformulações e transformam em produtos e empresas economicamente cobiçados que geram negócios bilionários.

## Parte I: Proletários versus Burgueses

### 1.1.: A miséria e a exacerbação do poder

Debruçar sobre a história do movimento anarquista, que converge ao movimento operário, em cada passagem das lutas e dos seus mártires<sup>15</sup>, provocou uma sensação semelhante a que tive na leitura das obras trágicas de Shakespeare, com as características da natureza humana da qual ele foi profundo conhecedor, na reunião de desejos, ódio, assassinatos, traição, vingança e, mesmo entre todos os infortúnios, o amor. O amor dos anarquistas pela liberdade e pela igualdade, sobretudo<sup>16</sup>. Sensação também de que o movimento libertário viveu fases de genocídio<sup>17</sup>, considerando os relatos sobre milhares de operários e revolucionários libertários que sofreram repressão das mais violentas. A história contada sobre o anarquismo consta de mortes e feridos em manifestações pacíficas, em dissolução de comunidades formadas em experiências libertárias por meio de insurreições, e em julgamentos sumários. Assassinar não apenas os homens que empunharam a bandeira negra<sup>18</sup>, mas também mulheres e crianças, indiscriminadamente. Aleatoriamente. Massacre também de inocentes para servir de “exemplo”<sup>19</sup> aos que tentassem desafiar o Estado/poder e a opulência burguesa.

---

<sup>15</sup> Termo usado no contexto do Novo Testamento em referência àquele que preferiu morrer a renunciar à sua fé, mas seu sinônimo foi ampliado para, segundo o dicionário Caldas Aulete, quem se sacrificou, ou foi morto, em nome de uma crença ou de um ideal”

<sup>16</sup> Faço aqui uma relação aos ideais do movimento anarquista.

<sup>17</sup> A percepção de genocídio se deu no conjunto do documentário do cineasta francês Ramonet, diante de depoimentos de historiadores, fotos e imagens em que aparecem mortes em massa, inclusive campo de concentração, como na derrota em Espanha. Considero a palavra na explicação de Caldas Aulete de que na Segunda Guerra Mundial essa “ação ganhou cunho ideológico” e “suposta justificação baseada numa ideia, num conceito”.

<sup>18</sup> Bandeira Negra é um dos símbolos do anarquismo. A primeira menção vaga no desconhecimento ou em suposições ao longo dos anos. Pesquisadores creditam o emblema à *communard* Louise Michel, expoente do anarquismo, tendo como fundamento a referência feita pelo historiador anarquista George Woodcock no livro *O Anarquismo* de que Michel carregava uma bandeira negra durante a manifestação de desempregados no dia 9 de março de 1883 em Paris, que bradavam “Pão, trabalho ou morte”. Indica também que o anarquista Émile Pouget empunhava a bandeira: “Cerca de 500 dos manifestantes, liderados por Louise Michel e Pouget, que levavam uma bandeira negra, marcharam em direção ao Boulevard Saint-Germain” (p. 281). Mas no mesmo livro o autor fala sobre uma “organização conhecida como A Banda Negra” que em agosto de 1882 seus membros “realizaram uma série de atos antirreligiosos” na França.

<sup>19</sup> Ver Revolta de Haymarket, em Chicago, na página 9.



Muito da história de vitórias e derrotas do movimento anarquista está minuciosamente destacada no documentário *História do Anarquismo: Sem deuses, Sem Mestres*, produzido e dirigido pelo filósofo e cineasta francês Tancrède Ramonet, que, dividido em três partes, reúne acontecimentos com fatos históricos e geográficos do movimento libertário ao redor do mundo, fundamentado por vasto material de arquivo, alguns inéditos,<sup>20</sup> com depoimentos de historiadores, professores, jornalistas e intelectuais europeus, americanos e canadenses especialistas em estudos do movimento libertário. Sobre os massacres sofridos pelos anarquistas em todo o período retratado, assim está descrito no início do terceiro e último capítulo do documentário, o que indica o domínio exercido pelo movimento anarquista, abatido nos contra-ataques dos inimigos poderosos – Estado/governo, burguesia/capitalismo – que subjugaram a sonhada revolução:<sup>21</sup>

*O anarquismo tem quase tantas correntes políticas quanto figuras relevantes. E, se hoje elas parecem minoria, esquecemos que houve um tempo em que dominaram o mundo. No entanto, no final da Primeira Guerra Mundial na Europa, o anarquismo parecia ter perdido quase toda sua influência. Não foram apenas os ataques da propaganda pelo ato, nem mesmo a gritante proclamação das leis céleres que o deixaram inaudível. Em vez disso, as bombas que, de Verdun a Somme, passando pelo Chemin des Dames, assassinaram quase um terço dos trabalhadores em alguns países, silenciaram a massa de militantes. Sem mencionar os milhões de amputados, transtornados e quebrados para os quais a revolução não era prioridade.*<sup>22</sup>

Um dos exemplos de perseguição aos trabalhadores que desafiavam a ordem por liberdade e direitos é apontado como o massacre de Chicago, nos Estados Unidos, em 1880, para onde muitos imigraram, principalmente da Europa – vindos de Itália, França, Alemanha -, em busca do sonho de trabalho no sistema político norte-americano que era propalado democrático e republicano. Entrementes, “depararam-se com uma onda de corrupção e ideias radicais”. Enquanto a produção na indústria crescia e exigia mais trabalhadores, o capitalismo se enrobustecia e o cenário era de segregação.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> Sobre o ineditismo do material de arquivo utilizado na série documental, a informação está na sinopse do filme no canal do YouTube de Caio Nunes da Cruz, estudante de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas [<https://unesp.academia.edu/CaioNunesdaCruz>], conferida no dia 25/07/2019. Trata-se de publicação posta em 18 de maio de 2018, com o filme legendado para o português.

<sup>21</sup> Terceiro e último capítulo do documentário “História do Anarquismo: 1922-1945: Em Memória do Derrotado” [<https://www.youtube.com/watch?v=JiZ1rhsbAYk>], conferido em 20 de maio de 2019.

<sup>22</sup> Cenário descrito de acordo com relato feito na introdução do primeiro episódio do documentário.

<sup>23</sup> Ibid.

O panorama de desigualdade existente em Chicago, cidade mais populosa do estado de Illinois, é assim descrito no filme de Ramonet: “Esse encontro com ideias radicais ocorreu sobretudo em Chicago, onde muitos desses imigrantes acabam chegando. O aço, o concreto e a carne reclamam mais braços. Consumida pelo nascimento da máfia financiada pelos industriais poderosos, a cidade está repleta de trabalhadores segregados, mulheres da noite e crianças de rua. Ela rapidamente se torna um local de contestação”.

Essa ilusão de trabalho na América que seduz muitos estrangeiros em busca de vida com dignidade teve imenso impacto na percepção da anarquista Emma Goldman (1869-1940), uma das mais notáveis ativistas do movimento libertário, defensora da paz, do amor livre e do controle de natalidade. E assim ela descreve seu primeiro encontro com os Estados Unidos:<sup>24</sup>

“Chegando à América, trouxe as mesmas esperanças da maioria dos imigrantes europeus e me deparei com as mesmas decepções, mas estas últimas me afetaram mais profunda e intimamente. Ao imigrante sem dinheiro e sem conexões não é permitido apreciar a reconfortante ilusão de que a América é o tio benevolente que assume uma imparcial e carinhosa guarda de seus sobrinhos e sobrinhas. Logo aprendi que em uma república há inúmeras maneiras pelas quais os mais fortes, astutos e ricos podem tomar o poder e mantê-lo. Vi muitos trabalhadores por salários baixos que os mantinham nos limites da escassez para aqueles poucos que obtinham grandes lucros. Vi os tribunais, os salões do legislativo, a imprensa e as escolas — na realidade, todo local para a educação e proteção — usados de forma efetiva como instrumento de proteção de uma minoria, enquanto às massas era negado qualquer direito. Descobri que os políticos sabiam como obscurecer cada questão, como controlar a opinião pública e manipular os votos para sua própria vantagem e de seus aliados financeiros e industriais. Este é o retrato da democracia que logo descobri na minha chegada nos Estados Unidos. Houve basicamente pouca mudança significativa desde aquele tempo”.

Nos anos 1880, “Chicago era a casa dos anarquistas nos Estados Unidos”, diz o historiador Kenyon Zimmer,<sup>25</sup> sob condições miseráveis de vida. A larga escala de desenvolvimento da indústria estabelecia mão de obra de catorze ou dezesseis horas por dia, e muitos “dormiam em corredores e sótãos” e famílias “apinhadas em “cabanas”.<sup>26</sup> O sonho de igualdade e liberdade, a priori, tornou-se pesadelo.

---

<sup>24</sup> Trecho do artigo “Minha vida valeu a pena?”, parágrafo I, por Emma Goldman, publicado em dezembro de 1934 na revista norte-americana Harper’s [<https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-was-my-life-worth-living>]. Aqui segue com a tradução do inglês por Eliane Carvalho para a 35ª edição da revista Verve, autogestionária do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP). Conferido em 27/07/19.

<sup>25</sup> Professor da Universidade de Texas em Arlington no documentário “História do Anarquismo.

<sup>26</sup> DOMMANGET, Maurice: Historia del 1º de Mayo. Barcelona: Editorial Laia, 1976, tradução de Marta Guasfávino, p. 32.

Diante do cenário indigno, trabalhadores se mobilizaram para a realização de uma greve geral com o objetivo de reivindicar a jornada laboral de oito horas. A greve teve início no dia 1º de maio de 1886, em vários pontos dos Estados Unidos. “No dia 3 de maio, terceiro dia de paralisação, trabalhadores e policiais entraram em confronto, que deixou um saldo de 50 feridos, centenas de prisões e seis mortes. No dia seguinte, outro confronto aconteceu, resultando em mais feridos, presos e mortos. Os acontecimentos daquele início de maio receberam o nome de Revolta de Haymarket”.<sup>27</sup> Os líderes do movimento foram presos e responsabilizados pelas mortes. Alguns condenados à forca, outros a prisão perpétua. Marca o símbolo de sacrifício do movimento operário, originando o 1º de Maio como o Dia Internacional do Trabalhador. No livro “História do Dia 1º de Maio”, o historiador socialista Maurice Dommanget (1888-1976) relata: <sup>28</sup>

“Havia cerca de 15.000 pessoas. Do topo de um carro, **Spies, Albert Parsons e Fielden\*** tomaram sucessivamente a palavra. Tudo transcorria bem. A multidão ia se retirar quando a polícia invadiu a praça e começou a dispersar violentamente os manifestantes. O comandante não tinha terminado de pronunciar a frase regulamentar nesses casos quando uma bomba caiu nas fileiras da polícia, derrubando cerca de sessenta homens. Dois morreram no local e seis depois em consequência dos ferimentos. Foi o sinal de pânico louco e de uma batalha terrível do que a do dia anterior. Os policiais sobreviventes ajudados por reforços abriram fogo contra a multidão ainda presente. O massacre foi assustador, mas é impossível estabelecer o equilíbrio doloroso. Uma agência de Chicago fala de mais de 50 “agitadores”, muitos mortalmente. É, evidentemente, uma subestimação bem compreensível”.



Fig. 1.: Revolta de Haymarket - Ilustração de Thure de Thulstrup (1886).

Fonte: InfoEscola [<https://www.infoescola.com/datas-comemorativas/dia-do-trabalho/>]

---

<sup>27</sup> Relato sobre o Dia do Trabalho no site InfoEscola, parceiro do UOL Educação, o maior portal de educação do Brasil [<https://www.infoescola.com/datas-comemorativas/dia-do-trabalho/>] – 08/08/2019.

<sup>28</sup> DOMMANGET, Maurice: Historia del 1º de Mayo. Barcelona: Editorial Laia, 1976, tradução de Marta Guasfávino, p. 35.

\* Informações sobre esses revolucionários na página seguinte.

Oito homens foram acusados de terem jogado a bomba. De acordo com o documentário de Ramonet, o procurador do caso, Julius Grinnel, na Corte Penal do \*Condado de Cook, em junho de 1886, “reconhece, por meias palavras, a inocência deles”, ao declarar, durante o julgamento: “Sabemos que esses homens são tão culpados quanto as milhares pessoas que os seguiam. Mas eles foram escolhidos por serem os líderes. Senhores do júri, façam deles um exemplo. Enforcem-nos e estarão salvando nossas instituições e nossa sociedade”.<sup>29</sup> Mesma declaração que também está descrita na página 284 do livro *A tragédia Haymarket*, do historiador nova-iorquino Paul Avrich (1931-2006). Tal iniquidade foi reparada, se é que se pode remediar tamanha atrocidade, em 1893, pelo então governador do Illinois, John Peter Altgeld, que inocentou os dois homens condenados à prisão perpétua e também os que foram enforcados. O governador reconheceu como julgamento injusto. “Ele mostrou, com ampla documentação, que os réus haviam sido condenados por um júri numeroso e preconceituoso, que não tinha sido provada a culpabilidade das acusações contra eles e que não tinham sido apresentadas provas fiáveis para os ligar ao lança-bombas”. Altgeld ousa ainda mais e “afirma sua própria crença de que a bomba havia sido lançada por alguém "buscando vingança pessoal" por ter sido espancado durante os problemas trabalhistas daquele período, de modo que "o Capitão Bonfield<sup>30</sup> é o homem que realmente é responsável pela morte dos policiais".<sup>31</sup> (p.422).

Na mensagem, Altgeld afirma que a liberdade a “Fielden, Schwab e Neebe” não se tratou de “um ato de simples misericórdia” ou “porque eles tivessem sofrido o suficiente”, mas sim pela condenação injusta de um crime que não cometeram, sendo uns penalizados com a força e outros com a prisão (Paul Avrich, p. 423). O perdão “fez de Altgeld durante muito tempo um dos homens mais injuriados da América.”, era insultado desde “cabeludo demagogo” a “Nero da última década do século XIX”, de “inimigo da sociedade” ao “destruidor dos valores americanos” (p. 424). Mas também recebeu apoios, como o do jornalista Benjamim Tucker (1854-1939), um dos principais defensores do anarquismo americano individualista no século XIX. Entre os elogios, disse que “ao colocar os

---

<sup>29</sup> Relato no documentário “História do Anarquismo - A paixão por destruição”.

<sup>30</sup> Capitão John Bonfield foi o Comandante da Esquadra de Polícia da cidade de Des Plaines, em Illinois.

<sup>31</sup> AVRICH, Paul: *The Haymarket Tragedy*. New Jersey: Princeton University Press, 1984 – [[https://libcom.org/files/haymarket\\_tragedy\\_avrich.pdf](https://libcom.org/files/haymarket_tragedy_avrich.pdf)] – consultado de 20/07/19 a 25/08/19.

homens livres [...] o governador tinha feito "um acto de justiça magnífica, ainda que um pouco tardia" (Paul Avrich, p. 425). Segundo Avrich, quando Altgeld morreu, em 1902, e o corpo na Biblioteca Pública de Chicago, “milhares de pessoas estavam alinhadas na Avenida Michigan num vento frio de Março para prestar os seus respeitos”. "Ele era um homem antes de ser um político", disse Lucy. Parsons.<sup>32</sup> "Ele era um daqueles raros personagens que podiam permanecer fiel aos seus altos ideais, apesar da política". (p. 427).

Dos oito homens apontados como culpados, sete foram condenados à morte e um a 15 anos de prisão. Até que o governador de Illinois, Richard J. Oglesby, no momento do julgamento, comutou a condenação de dois em prisão perpétua, e os demais cinco continuaram sentenciados à forca. Um dia antes da execução pelo carrasco, Louis Lingg se suicida na prisão. Os outros quatro, August Spies, George Engel, Adolph Fischer e Albert Parsons, são enforcados:



Fig. 2.: Mártires de Chicago

Fonte: <https://grupooperariointernacionalista.wordpress.com/2018/05/01/1o-de-maio-a-luta-da-classe-trabalhadora-e-internacional>

<sup>32</sup> Lucy Parsons foi mulher do anarquista Albert Parsons, um dos enforcados no caso Haymarket. Foi notável “ativista, liderando paralisações trabalhistas e muitos protestos trabalhistas” [<https://www.library.illinois.edu/rbx/2019/02/28/lucy-e-parsons>] – consultado em 24/08/19.

A violência promovida pelo Estado [polícia], o julgamento e a condenação de oito homens, cinco deles anarquistas, florescem na então jovem destemida Emma Goldman, que havia chegado aos Estados Unidos pouco antes da revolta, a filosofia antiautoritária do anarquismo, e seu papel foi fundamental para o desenvolvimento do movimento libertário na América do Norte. Sobre a condenação, discorreu no artigo *Minha vida vale a pena?*:<sup>33</sup>

“Seu crime foi um imenso amor por seus companheiros e a determinação em emancipar a massa oprimida e desapossada. De forma nenhuma o estado de Illinois conseguiu provar a conexão desses homens com a bomba atirada em um comício na Praça de Haymarket, em Chicago. Foi o fato de serem anarquistas o que resultou em sua condenação e execução no dia 11 de novembro de 1887. Este crime jurídico deixou uma marca indelével em minha mente e em meu coração, e levou à minha aproximação do ideal pelo qual estes homens haviam morrido tão bravamente. Passei a me dedicar à sua causa. É necessário mais do que a experiência pessoal para se adquirir uma filosofia ou um ponto de vista a partir de algum evento específico. É a qualidade de nossa resposta ao evento e nossa capacidade de entrar na vida dos outros que nos possibilita tornar a vida e a experiência deles em nossa própria. No meu caso, minhas convicções derivaram e se desenvolveram dos eventos e das vidas de outros, bem como da minha própria experiência. Tudo o que vi, relativo à autoridade e à repressão econômica e política sobre os outros, transcende qualquer coisa que eu tenha sofrido”.

A revelação de que os revolucionários “tinham sido injustamente condenados” provocou a ira não apenas entre os anarquistas, mas também ganhou ecos de indignação entre humanistas de todo o mundo. “O julgamento havia sido injusto e os anarquistas de Haymarket se tornaram mártires. Tanto para os socialistas quanto para os anarquistas. Depois disso, seus retratos estavam por toda parte, em todas as organizações operárias, não apenas da França e da Grã-Bretanha, mas até na América Latina”, relata o historiador anarquista e escritor canadense Robert Graham.<sup>34</sup> O caso de Haymarket ganha ecos pelo mundo e desencadeia nos anos seguintes manifestações por diversas partes comandadas por anarquistas. E é na França que começa uma nova era no movimento, sob efeito de bombas e da propaganda pelo feito.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Emma Goldman no parágrafo I do artigo “Minha vida valeu a pena?”.

<sup>34</sup> Documentário “História do Anarquismo: Sem Deuses, Sem Mestres - A paixão por destruição”.

<sup>35</sup> Estratégia anarquista para inspirar ações de revide a ataques sofridos de forma coletiva, mas os ilegalistas promoveram atentados individuais. Segundo o historiador e escritor italiano Giampietro Berti, professor de História da Universidade de Pádua, a “propaganda pelo feito, que não tem um autor determinado, é uma expressão espontânea da ação revolucionária” - detalhada adiante.

## 1.2.: Origem e antagonismo

Os ventos sopram a teoria anarquista diante do progresso que se chama revolução industrial, iniciando os primeiros passos para uma nova conjuntura econômica, originando o entrevero entre trabalhadores e capitalistas (burgueses), que detêm os meios de produção, e os operários apenas a teoria do pensamento do socialismo libertário. Época em que pensadores se questionam sobre como resolver a contradição e como promover a conjunção de liberdade e igualdade, como analisa o professor e historiador Normand Baillargeon, da Universidade de Quebec<sup>36</sup>: “Como garantir o maior leque possível de liberdade, compatível com o fato de que todos fazem parte do mesmo leque de liberdade com o máximo de igualdade possível, dado que, sem igualdade, a liberdade é incompleta? É preciso conciliar esses ideais de liberdade e igualdade. Essa tentativa nada fácil de conciliar o máximo de liberdade com o máximo de igualdade, essa dupla aspiração de igualdade e de liberdade é um dos valores que fundamentam o anarquismo”.<sup>37</sup>

O movimento anarquista, visto então como babélico, ganha contribuição positiva no pensamento do francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), tido como o primeiro teórico a se declarar anarquista, que propõe uma nova ordem social baseada na justiça sem exploração, como define o escritor e historiador anarquista canadense George Woodcock (1912-1995): “Proudhon, que valorizava a liberdade individual a ponto de desconfiar até da própria palavra “associação”, viria a tornar-se o antepassado direto do movimento anarquista organizado, que deu às suas ideias expressão e força coletiva e o verdadeiro mestre de alguns dos homens que o criaram”.<sup>38</sup> Sua notoriedade surge com a tese *O que é a propriedade?*, escrita em 1840. A resposta que ele apresenta ao questionamento do título da obra, “A propriedade é um roubo”, causa escândalo. Muitos de seus leitores entendem de modo literal e o impacto é imediato. Atinge a intenção do anarquista. “Sua maneira ousada de expressar-se pretendia apenas chocar o leitor e, na verdade, o que ele queria que se entendesse por propriedade era, como mais tarde explicou, “a soma de seus abusos”. Ele denuncia a propriedade do homem que a utiliza

---

<sup>36</sup> Documentário “História do Anarquismo: A Paixão por Destruição - 1840-1906.

<sup>37</sup> Depoimento no documentário “História do Anarquismo - A Paixão por Destruição”.

<sup>38</sup> WOODCOCK, George: História das Idéias e Movimentos Anarquistas – 1º Volume – O homem dos paradoxos. Floresta (RS): L&PM Editores, 2007. Tradução de Júlia Tettamanzy, p. 117.

para explorar o trabalho alheio sem qualquer esforço próprio”, e se fez favorável ao “direito que cada homem tem de controlar efetivamente o lugar onde habita, a terra e os instrumentos de que necessita para viver e trabalhar”, e a principal crítica que “fazia aos comunistas era o fato de desejarem destruí-la”.<sup>39</sup> E é na pronúncia paradoxal em conversa imaginária que nasce o primeiro ideólogo anarquista autodeclarado. Pronúncia que merece destaque na íntegra:<sup>40</sup>

“- Que forma de governo vamos preferir?

- Eh! Podeis perguntá-lo, responde, sem dúvida, algum dos meus leitores mais novos; sois republicano.

- Republicano sim; mas essa palavra nada precisa. Res publica, é a coisa pública;

ora quem quer que queira a co queira a coisa pública, sob qualquer forma de governo quê seja,

pode dizer se republicano,

Os reis também são republicanos.

queira a coisa pública, sob qualquer forma de governo que seja, pode dizer-se republicano,

Os reis também são republicanos.

- Pois bem! sois democrata?

- Não.

- Quê! Sereis monárquico?

- Não.

- Constitucionalista?

- Deus me livre.

- Sois então aristocrata?

- Absolutamente nada.

- Quereis um governo misto?

- Ainda menos.

- Então que Sois?

- Sou anarquista.

- Estou a ouvir-vos: estais a brincar; dizeis isso dirigido ao governo.

- De maneira nenhuma: acabais de ouvir a minha profissão de fé séria e maduramente reflectida; se bem que muito amigo da ordem, sou, em toda a acepção do termo, anarquista. Escutai-me”.

---

<sup>39</sup> Ibid., p. 125.

<sup>40</sup> PROUDHON, Pierre-Joseph: *O que é a propriedade?*. Tradução: Marllía Caeiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1975, pp. 234-235.





Fig. 3.: Proudhon e seus filhos em 1853. Óleo sobre tela pintado por Gustave Courbet (1819-1877) após a morte do anarquista, em 1865

Fonte: [www.gustave-courbet.com](http://www.gustave-courbet.com) – 09/08/19

Proudhon faz a ligação entre três formas de dominação: a política exercida pelo Estado, a econômica exercida pelo capital, e a religiosa exercida pela ideia de Deus, de acordo com o que esclarece o historiador italiano Gaetano Manfredonia, especializado no movimento operário e libertário: “Então Proudhon é o verdadeiro pai da anarquia, já que é o único que conecta essas três formas de dominação. E ele acha que é preciso destruí-las ao mesmo tempo se quisermos de fato mudar a estrutura social”.<sup>41</sup>

Embora defenda a destruição de poderes para mudar a estrutura social, Proudhon se manifesta contrário à violência revolucionária. Percebe num sistema mutualista, como a criação de um Banco do Povo<sup>42</sup>, a prática para a transformação. Sua ideia seduz socialistas no mundo todo. Na distante Rússia, chama a atenção do conde Liev Tolstói, que empresta a Proudhon o título de um de seus ensaios para balizar seu novo livro: *Guerra e Paz*<sup>43</sup>. Também na Rússia, fascina Mikhaïl Bakunin, antigo cadete já

---

<sup>41</sup> Trecho de depoimento no filme "História do Anarquismo: - *A paixão por destruição*".

<sup>42</sup> Segundo Woodcock, em *História das Ideias e Movimentos Anarquistas*, o “Banco do Povo” “deveria ser uma instituição destinada a estimular a troca de produtos entre os trabalhadores através de cheques de trabalho e a fornecer crédito com taxas de juros nominais para cobrir os custos de administração” (p.143).

<sup>43</sup> Na abordagem sobre Tolstói em *História das Ideias e Movimentos Anarquistas*, que o define como “O Profeta”, Woodcock diz que no início de 1862, em viagem pela Europa, o russo visitou Proudhon em Bruxelas. Ocasão em que “conversaram sobre o livro que Proudhon estava quase terminando”: *La guerre et la paix*, e que “restam poucas dúvidas de que Tolstói tenha tomado por empréstimo bem mais do que o título desse tratado – que situava as origens e a evolução da guerra não nas decisões tomadas por líderes políticos e militares, mas na psique social – para o seu maior romance”: *Guerra e Paz*.

conhecido de prisões na Europa e várias vezes condenado à morte. Mas Bakunin entendia que a única forma de abolir o Estado e o capitalismo era por meio da luta armada.<sup>44</sup> A partir dessa reflexão o anarquismo ganha a ideia de revolução e seu pensamento repercute no âmbito da nova Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)<sup>45</sup>.

Crítico da religião, Joseph Proudhon considera um vício que pode ser o grande percalço para as transformações. Pondera que a ideia de divindade é “primitiva unânime, inata” na espécie, sem determinação diante da “razão humana”. Entende que o homem, ao fazer de Deus sua própria imagem, quis se apropriar dele e desfigurou “o grande Ser”. Atenta que ao tratar Deus como património o relega a “formas monstruosas” e assim o tornou “propriedade do homem e do Estado”, dando “origem à corrupção dos costumes pela religião e à fonte de raivas piedosas e guerras sagradas”. Para Proudhon, a “influência das ideias religiosas no progresso da sociedade é puramente negativa, não nascendo da religião nenhuma lei, nenhuma instituição política e civil”.<sup>46</sup> Sua reflexão aponta que a religião impõe o “esquecimento dos deveres”, o que pode “favorecer a corrupção geral”. Admite que a religião não é a “causa da desigualdade de condições entre os homens, da miséria, do sofrimento universal, dos problemas dos governos”, diante da necessidade de uma “perspectiva mais alta e mais profunda”. Entretanto, ao mesmo tempo invoca: “Mas haverá no homem algo de mais antigo e mais profundo que o sentimento religioso?”<sup>47</sup> Antes de analisar esse ambiente para discorrer sobre o atraso, o anarquista francês remete ao passado: “Reforma! reforma! gritaram outrora João Baptista e Jesus Cristo; reforma! Reforma! gritavam os nossos pais há cinquenta anos, e grita-lo-emos ainda por muito tempo: reforma! Reforma!”<sup>48</sup>. Ou seja: por meio da reforma se inicia a mudança para alcançar objetivos. Seria essa mais em reforma de confrontos de ideias do que em ações de imposição com violência, portanto?

---

<sup>44</sup> "História do Anarquismo: Sem Deuses, Sem Mestres" A paixão por destruição – 1840-1906 [[https://www.youtube.com/watch?v=x\\_L99OFIOh8](https://www.youtube.com/watch?v=x_L99OFIOh8)] – 02/08/19.

<sup>45</sup> - Também chamada de Primeira Internacional, a AIT foi fundada em Londres no ano de 1864, “que consistia em uma federação composta por diversas seções de países europeus, contando com várias organizações de trabalhadores, como partidos, sindicatos, cooperativas etc”, de acordo com o site Mundo Escola [<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/associacao-internacional-dos-trabalhadores-ait.htm>] – 11/08/19

<sup>46</sup> PROUDHON, Pierre-Joseph: *O que é a propriedade?*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. Tradução de Marília Caeiro, pp. 19-20.

<sup>47</sup> Ibid., p. 21.

<sup>48</sup> Ibid., p. 19.

No caso de Proudhon, o alcance proposto é o da coletividade, do mutualismo. Diferentemente de seguidores como Karl Marx<sup>49</sup> e Bakunin, ele repele a violência. Enquanto continua saudado pela empatia de Bakunin, mesmo divergindo na opinião sobre luta armada, Proudhon passa a enfrentar relações contraditórias e ambíguas dirigidas por Karl Marx. “Se nos seus primeiros escritos, na Sagrada Família, por exemplo, ele o considera muito, dizendo que *O que é a Propriedade* é um manifesto científico do proletariado francês e que o livro terá para o Quarto Estado<sup>50</sup> a mesma importância que a obra de Sieyès<sup>51</sup> teve para o Terceiro; atacará violentamente *Contradições Econômicas*<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> Escritor e revolucionário socialista comunista alemão (1818-1883).

<sup>50</sup> Inicialmente chamada pelo autor de “Caminho dos trabalhadores”, a obra foi batizada de “Quarto Estado” quando enviada para a exposição de Turim, em referência à história europeia, especificamente à Revolução Francesa, em que a burguesia derrubou o domínio do Primeiro e do Segundo Estado (nobreza e clero), e instaurou o Terceiro Estado (burguesia), “O Quarto Estado” é a revolução social, no século XX, que “seria o século da nova classe vitoriosa, o proletariado. O Quarto Estado”. [https://nucleopiratiniga.org.br/1-quarto-stato-o-quarto-estado-texto-sobre-o-quadro-que-virou-simbolo-do-npc] – consultado 25/08/19.



**Fig. 4.**

**Fonte:** <https://www.museodelnovecento.org/it/mostra/giuseppe-pellizza-da-volpedo-e-il-quarto-stato>

<sup>51</sup> Refere-se ao francês Emmanuel Joseph Sieyès (1748-1836), que foi ordenado padre (também chamado de abade) em 1773. Em 1789, ele escreveu a obra *O que é o Terceiro Estado*, em que no encerramento do primeiro capítulo resume: “...o Terceiro Estado abrange, pois, tudo o que pertence à nação. E tudo o que não é Terceiro Estado não pode ser olhado como pertencente à nação. Quem é o Terceiro Estado? Tudo”. “Foi eleito deputado, integrando a Assembleia Constituinte francesa (que redundou na Constituição francesa de 1791), bem como na elaboração da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789”. Consultado no dia 25/08/19 na “Resenha Forense” do professor de direito civil Marcelo Pichioli da Silveira, [https://www.academia.edu/36569705/A\_Constituente\_Burguesa\_Qu\_estce\_que\_le\_Tiers\_%C3%89tat\_d\_e\_Emmanuel\_Joseph\_Siey%C3%A8s].

<sup>52</sup> “Sistema de contradições econômicas ou Filosofia da Miséria” é um livro de Proudhon publicado em 1846 em que critica o sistema econômico capitalista mas discorda do autoritarismo e do marxismo.

em um panfleto de má-fé, a *Miséria da Filosofia*, e conservará pelo resto da vida um rancor profundo pelo francês. Em uma carta a Engels em 1870, na ocasião da guerra franco-prussiana, Marx ainda dirá que "*os franceses precisam ser surrados*" e que "*a vitória de Bismark sobre Napoleão III\* significará a vitória do nosso socialismo sobre o socialismo de Proudhon*".<sup>53</sup>

E por que tanta ironia e tanta ira? Na introdução escrita em edição do livro *Filosofia da Miséria*, de Proudhon, da qual foi tradutor, o pesquisador brasileiro José Carlos Orsi Morel narra que quando "Marx chega em Paris em 1844, Proudhon já é um político de sólida reputação e conhecido em toda a Europa; ademais, ele goza de alguma influência sobre o proletariado, principalmente em Lyon e em Paris. Marx, ao contrário, é totalmente desconhecido. São homens muito diferentes tanto pela origem social quanto pelo temperamento e é bom citar algumas descrições de alguns, feitas por admiradores críticos".<sup>54</sup> Desses admiradores críticos, cita a descrição do sociólogo alemão Karl Grün sobre o primeiro encontro que teve com Proudhon, em carta escrita no dia 4 de janeiro de 1845:<sup>55</sup>

"... Como eu posso explicar (...) é um proletário que investiga a ciência social e que é recompensado desta coragem por um processo criminal e que não se amargura com isto. Quando entrei no quarto de Proudhon, eu vi um homem bastante encorpado, nervoso, de seus trinta anos, vestindo um colete de lã e calçando tamancos. Era um quarto de estudante com uma cama, alguns livros nas estantes e sobre a mesa alguns exemplares do "National" e uma revista de economia política.(...) Nem bem eram passados cinco minutos e já estávamos engajados em uma cordial entrevista e o diálogo corria tão facilmente que eu nem tive tempo de perceber o quanto tinha me enganado ao supor que encontraria aqui a desconfiança de um **J. J. Rousseau** ou de um **Louis Boerne**...\*".

---

<sup>53</sup> Descrição por José Carlos Orsi Morel na introdução da tradução (p.12) que realizou do livro *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*. São Paulo: Ícone Editora, Tomo I, 2003, 438 pp.

<sup>54-55</sup> Ibid., p. 13.

\* Otto von Bismarck (1815-1898) foi primeiro ministro da Prússia, fundador e primeiro chanceler do Império Alemão [<https://www.britannica.com/biography/Otto-von-Bismarck>]. Napoleão III (1808-1873), sobrinho de Napoleão I, presidente da Segunda República da França (1850-1852) e imperador dos franceses (1852-1870), derrotado na Guerra Franco-Alemã (1870-1871) [<https://www.britannica.com/biography/Napoleon-III-emperor-of-France>] – 27/08/19.

\* Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo e teórico político suíço que inspirou líderes da Revolução Francesa e da Geração romântica. Morou e morreu na França – consulta em 27/08/19 [[www.britannica.com/biography/Jean-Jacques-Rousseau](https://www.britannica.com/biography/Jean-Jacques-Rousseau)]. Karl Ludwig Börne (1786-1837) foi um jornalista e escritor político judeu-alemão e satírico, considerado parte do movimento Jovem Alemanha, chamado na França, onde morou e morreu, de Louis Boerne – consulta em 27/08/19 [[www.revuedesdeuxmondes.fr/article-revue/louis-boerne-sa-vie-et-ses-ecrits](http://www.revuedesdeuxmondes.fr/article-revue/louis-boerne-sa-vie-et-ses-ecrits)].

Sobre Karl Marx, o cientista político alemão Karl Schüz, que, segundo o tradutor José Carlos Morel, “nunca foi inimigo do pensamento de Marx”, assim descreveu-o: "...o que Marx dizia era certamente substancial, lógico e claro, mas nunca conheci um homem de tanta arrogância nas atitudes, arrogância que tanto feria e que era insuportável. Quando uma opinião afastava-se da sua, ele sequer dava-se ao trabalho de a examinar. Se alguém o contradizia, ele o tratava com um desprezo que mal conseguia dissimular...Eu me lembro ainda do tom de vomitório com o qual ele pronunciava a palavra bourgeois (burguês). Era de bourgeois que ele tratava qualquer pessoa que se permitia contradizê-lo...".<sup>56</sup>

O que movia as diferenças entre Marx e Proudhon? O “autoritarismo” estava entre a mistura de combustível. A gota d’água para decretar, definitivamente, o rompimento das relações entre os dois foi a carta escrita por Proudhon, no dia 17 de maio de 1846, em Lyon. As divergências, que se tornaram notórias com a obra marxista *Miséria da Filosofia*, em contraposição à proudhoniana *Filosofia da Miséria*, rebuscam o método dialético materialista que em Marx desconstrói a perspectiva reformista do socialismo de Proudhon, defensor do mutualismo e de uma transformação radical de baixo para cima. O anarquista francês, em sua experiência que deveria considerar preponderante, e do privilégio que o elevava a uma fama que Marx almejava, discorreu várias exemplificações sobre erros aos quais deveriam se refletir na luta contra o capitalismo e que não se poderiam incorrer. A carta de Proudhon para a divisão do movimento socialista é de tal importância que a reprodução na íntegra é significativa:<sup>57</sup>

Concordo de bom grado em tornar-me um dos destinatários da sua correspondência, cujos objetivos e organização me parecem mais úteis. No entanto, não posso prometer escrever com frequência ou em grande extensão: minhas diversas ocupações, combinadas com uma ociosidade natural, não favorecem tais esforços epistolares. Eu também devo tomar a liberdade de fazer certas qualificações que são sugeridas por várias passagens da sua carta. Em primeiro lugar, embora as minhas ideias em matéria de organização e realização sejam neste momento mais ou menos resolvidas, pelo menos no que diz respeito aos princípios, creio que é meu dever, como é dever de todos os socialistas, manter por algum tempo ainda a forma crítica ou dubitativa. Em suma, faço profissão em público de um antidogmatismo econômico quase absoluto. Procuremos juntos, se desejarem, as leis da sociedade, a maneira pela qual essas leis são realizadas, o processo pelo qual teremos sucesso em descobri-las; mas, pelo amor de Deus, depois de ter demolido todos os a priori dogmatismos, não nos deixe, por nossa vez, sonhar em doutrinar o povo; não nos deixemos cair na contradição de seu compatriota Martinho Lutero, que, tendo derrubado a teologia católica, iniciou imediatamente, com excomunhão e anátema, a base de uma teologia protestante. Nos últimos três séculos, a Alemanha tem se ocupado principalmen\_

---

<sup>56</sup> Ibid., p. 13.

<sup>57</sup> Reprodução traduzida por José Carlos Orsi Morel do livro *Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*, São Paulo, Ícone Editora, Tomo I, 2003, p. 19.

te em desfazer o trabalho de má qualidade de Lutero; não nos deixe deixar a humanidade com uma bagunça semelhante para esclarecer como resultado de nossos esforços. Aplauda de todo o coração o seu pensamento de trazer todas as opiniões à luz; façamos uma boa e leal polêmica; dêmos ao mundo um exemplo de tolerância aprendida e perspicaz, mas não vamos, meramente porque estamos à frente de um movimento, nos tornarmos os líderes de uma nova intolerância, não nos posicionemos como os apóstolos de uma nova intolerância. religião, mesmo que seja a religião da lógica, a religião da razão. Vamos nos reunir e incentivar todos os protestos, vamos marcar toda exclusividade, todo misticismo; nunca consideremos uma pergunta tão exausta, e quando usamos nosso último argumento, vamos começar de novo, se necessário, com eloquência e ironia. Nessa condição, entrarei com prazer em sua associação. Caso contrário - não! Eu também tenho algumas observações a fazer sobre esta frase da sua carta: no momento da ação. Talvez você ainda mantenha a opinião de que nenhuma reforma é possível sem um golpe de Estado, sem o que antes era chamado de revolução e não é nada além de um choque. Essa opinião, que eu entendo, que eu desculpo, e gostaria de discutir de bom grado, tendo-me compartilhado por um longo tempo, meus estudos mais recentes fizeram-me abandonar completamente. Acredito que não precisamos disso para ter meio de reforma social, porque esse pretensão meio seria simplesmente um apelo à força, à arbitrariedade, em resumo, uma contradição. Eu mesmo coloquei o problema desta maneira para trazer de volta à sociedade, por uma combinação econômica, a riqueza que foi retirada da sociedade por outra combinação econômica. Em outras palavras, através da Economia Política, transformar a teoria da Propriedade contra a Propriedade de maneira a engendrar o que os socialistas alemães chamam de comunidade e o que eu me limitarei a chamar de liberdade ou igualdade. Mas acredito que conheço os meios de resolver esse problema com apenas um pequeno atraso. Eu preferiria, portanto, queimar a Propriedade por um fogo lento, em vez de dar-lhe nova força, fazendo uma noite de São Bartolomeu dos proprietários...

Seu muito dedicado  
Pierre-Joseph Proudhon.

Após a morte de Proudhon, Bakunin surge como o herdeiro do pai do anarquismo, enquanto Marx, que há tempos havia rompido com o francês, reforça o embate com o anarquista russo. Os debates saem do controle e essa disputa entre eles, tanto pessoal quanto política, intensifica as diferenças das duas teorias do pensamento socialista da época, com as vertentes anarquistas e marxistas. As divergências tinham como palco principal a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), mais conhecida como Primeira Internacional.<sup>58</sup> No primeiro volume do livro *História das Ideias e Movimentos Anarquistas*, George Woodcock descreve: “Era, em parte, uma luta pelo controle da organização, na qual Bakunin comandava os internacionalistas dos países latinos, contra Marx e o Conselho Geral, procurando eliminar o seu poder - mas era também um conflito de personalidades e ideias” (p.190).

---

<sup>58</sup> Conforme o Mundo Educação, site educacional para fins de pesquisas, a Associação Internacional dos Trabalhadores, AIT (ou Primeira Internacional), foi a organização criada para reunir diversas correntes do movimento operário do mundo industrializado, na segunda metade do século XIX, dissolvida após disputas com o fim da Comuna de Paris, em 1871 [mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/associacao-internacional-dos-trabalhadores-ait.htm] – 13/08/19.

O rompimento é sacramentado no Congresso de Haia, em setembro de 1872 – local escolhido por estratégia de Marx, que consegue a expulsão de Bakunin e de seus discípulos da Primeira Internacional. Woodcock explica: “Os atos mais escandalosos do Congresso de Haia foram deixados para o fim: Marx havia submetido à Comissão de Investigação não só as provas colhidas por seu genro Paul Lafargue<sup>59</sup>, demonstrando que a Aliança<sup>60</sup> continuava a funcionar na Espanha, seguindo instruções de Bakunin” (pp.202-203), e que o anarquista russo “utilizara meios fraudulentos com o objetivo de apropriar-se de todos ou de parte dos bens de outro homem - o que constitui fraude -, e mais ainda que, para fugir dos compromissos assumidos, lançara mão de ameaças, feitas por ele mesmo ou por seus agentes”. Mesmo diante de um “relatório pouco esclarecedor sobre a questão da Aliança”, a maioria marxista decidiu pela expulsão. Marx também conseguiu a aprovação da proposta para que o Conselho Geral fosse trocado de Londres por Nova York, “onde estaria a salvo dos bakuninistas e dos blanquistas<sup>61</sup>, aos quais considerava, na melhor das hipóteses, como aliados perigosos”. Assim, o “Congresso chegou ao fim nessa nota indigna: a Internacional jamais voltaria a reunir-se”.<sup>62</sup>

Os anarquistas remanescentes se reuniram dias depois em Saint-Imier, no Jura, Suíça, onde rejeitaram as decisões tomadas durante o Congresso de Haia e “proclamaram uma união livre das federações da Internacional. Bakunin, entretanto, não teve “ligação direta com a Internacional antiautoritária que se originou dessa reunião. Na verdade, a partir de 1872 suas atividades diminuíram pelo rápido declínio de sua saúde”.<sup>63</sup> Como em toda disputa tem o vencedor e o perdedor, o desencontro do propósito de socialismo foi o inimigo para destruir o ideário libertário? Aprofundado adiante.

---

<sup>59</sup> Jornalista socialista franco-cubano, escritor e ativista político, Lafargue era casado com Laura, a segunda filha de Marx.

<sup>60</sup> Referência à Aliança Revolucionária Mundial, da qual, segundo Woodcock, trata-se de “uma organização fantasma sobre a qual não temos nenhuma outra referência”.

<sup>61</sup> Discípulos do revolucionário socialista Auguste Blanqui (1805-1881), “uma lendária figura mártir do radicalismo francês, aprisionada por mais de 33 anos” – *Encyclopedia Britannica* [<https://www.britannica.com/biography/Auguste-Blanqui>] – consultado em 13/08/19.

<sup>62</sup> WOODCOCK, George: História das Ideias e Movimentos Anarquistas – 1º Volume - Ideia. Floresta (RS): L&PM Editores, 2007. Tradução de Júlia Tettamanzy, p. 202.

<sup>63</sup> Ibid., p. 204.

### 1.3.: Respostas à repressão do Estado

O movimento libertário inicia uma fase de violência que vai macular sem volta a teoria anarquista? De acordo com levantamento feito em várias obras, de livros a teses defendidas, de jornais ao documentário do filósofo e cineasta francês Tancrède Ramonet, os ataques sofridos por operários e socialistas revolucionários despertaram o sentimento de reação. E com a reação começa a impingir no movimento o “terror”. Segundo o historiador e anarquista francês Jean Maitrón (1910-1987) em seu livro *Ravachol e os Anarquistas*, “uma verdadeira epidemia terrorista, a dinamite, nasceu e se desenvolveu na França”, entre 1892 e 1894, promovida pelos chamados “ilegalistas”, influenciados pelo autor dos explosivos: o tintureiro François Koenigstein, conhecido como Ravachol (1859–1892). Um dos seus seguidores mais notáveis foi Émile Henry – aprofundado mais adiante -, responsável por dois ataques a bomba. Sobre Henry, Octave Mirbeau (1848-1917), escritor, jornalista e entusiasta do anarquismo francês, diz que “distinguiu o anarquismo essencial dos atos cometidos em seu nome”: (Woodcock, p.87)

“Um inimigo mortal da anarquia não poderia ter agido melhor do que este Émile Henry ao jogar sua inexplicável bomba no meio de pessoas anônimas e pacíficas que iam ao café para tomar um copo de cerveja antes de se dirigirem para casa... Émile Henry diz, afirma, declara ser ele próprio um anarquista. Talvez isso seja possível. Virou moda nos dias de hoje, entre os criminosos, usar o anarquismo para justificar qualquer agressão praticada por eles... Todos os partidos têm seus criminosos e seus tolos, porque todo partido é feito de homens”.

*A semaine sanglante* - "semana sangrenta" – que resultou na destruição da Comuna da Paris<sup>64</sup>, na capital francesa, com cerca de 20 mil insurreccionistas mortos<sup>65</sup> provocou imensa revolta. O pensamento anarquista pacifista de Proudhon é deixado de lado e se sobressai a revolução armada defendida por Bakunin. "A brutalidade do esmagamento da Comuna de Paris chocou muitos operários na Europa e no resto do mundo. E os anarquistas pensaram: "Se o Estado pode agir assim, então temos o direito de agir igual”,

<sup>64</sup> A Comuna de Paris funcionou entre 18 de março e 28 de maio de 1871 na capital francesa como “forma de governo controlada por trabalhadores e membros de classes populares da França e de outros países” – *Encyclopedia Britannica* [<https://www.britannica.com/event/Commune-of-Paris-1871>] - 10/08/19.

<sup>65</sup> “Durante a "semana sangrenta", as tropas esmagaram a oposição dos communard, que em sua defesa montaram barricadas nas ruas e incendiaram prédios públicos. Cerca de 20.000 insurreccionistas foram mortos, juntamente com cerca de 750 tropas do governo. No rescaldo da Comuna, o governo tomou medidas repressivas severas: cerca de 38.000 foram presos e mais de 7.000 foram deportados” – *Encyclopedia Britannica* [Ibid.].



retrata o escritor e jornalista inglês Matthew Carr.<sup>66</sup> E complementa o historiador anarquista e escritor canadense Robert Graham: "Eles pensaram: "A mudança não pode ser pacífica, pois, se agirmos pacificamente, seremos massacrados, assim como foram os *communard*. Se você é pacifista, vai ser executado".<sup>67</sup> Embora tenha sido a primeira tentativa de destruição integral do Estado, a Comuna de Paris não foi um evento prioritariamente anarquista, como explica Woodcock: "...a Comuna de fato conserva-se por si só como um episódio na história revolucionária. Nem os blanquistas nem os anarquistas, e ainda menos os marxistas, podem reivindicá-la como obra sua. Num sentido mais amplo, pode-se tomar como verdadeiro que a Comuna lutou sob a bandeira do federalismo proudhoniano".<sup>68</sup>

O número de mortos que transformaram Paris numa vala comum, após o ataque contrarrevolucionário, ainda continua indefinido, conforme descreve o historiador Jean-Yves Mollier, professor da Universidade de Versailles: "Um massacre do qual não temos ideia hoje. Por muito tempo discutiu-se acerca do número de mortos, se foram 25 ou 30 mil. Foi provavelmente cerca de 20 mil. Mas, matar com os fuzis da época cerca de 20 mil pessoas em uma semana é quase impossível. Ou seja, se a matança terminou em 28 de maio de 1871 foi porque a terra de Paris, as sarjetas e os esgotos não podiam mais absorver o sangue".<sup>69</sup> Exponente do movimento operário francês e do anarquismo, Louise Michel (1830-1905) participa ativamente da Comuna de Paris. Os dias intensos, desde a preparação ao esmagamento, são relatados por ela em obra de dois volumes<sup>70</sup>. No segundo volume, descreve o sangrento final sob o título *A carniça fria*. Em um dos trechos, a anotação: "Primeiro a matança em massa desencadeou-se de bairro para bairro, aquando da entrada do exército regular. Depois foi a caça aos federados, nas casas, nas ambulâncias, em toda a parte. Nas catacumbas, a caça era com cães e archotes; aconteceu

---

<sup>66</sup> Depoimento no documentário "História do Anarquismo - A paixão por destruição".

<sup>67</sup> Ibid.

<sup>68</sup> WOODCOCK, George: História das Idéias e Movimentos Anarquistas – 2º Volume – O Movimento. Floresta (RS): L&PM Editores, 2006. Tradução de Alice K. Miyashiro, Heitor Ferreira da Costa, José Antônio Arantes e Júlia Tettamanzy, p. 62.

<sup>69</sup> Depoimento no primeiro episódio do documentário de Ramonet.

<sup>70</sup> MICHEL, Louise: A Comuna II. Lisboa: Editorial Presença, 1971, tradução de Maria Clarinda Brás e Armando da Silva Carvalho.

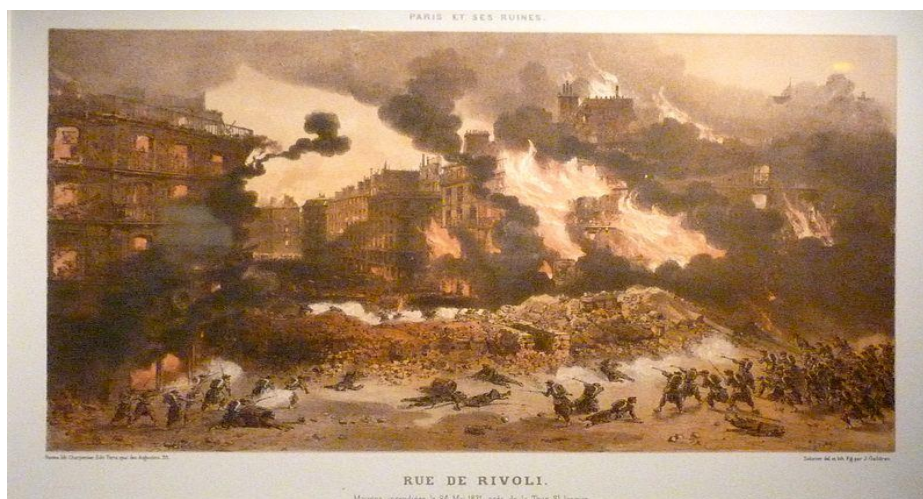


Fig. 5.: Incêndios na Rue de Rivoli, 24 de maio de 1871, por Léon Sabatier e Albert Adam para Paris e suas ruínas, publicada em 1873 na Bibliothèque historique de la Ville de Paris

Fonte: commons.wikimedia.org/wiki/File:Commune\_de\_Paris\_24\_mai\_incendies\_rue\_de\_Rivoli.jpg

o mesmo nas pedreiras de **Amérique\***, mas aí o medo foi mais forte” (p.79).

No artigo *La Commune de Paris*, publicado no seu periódico *Le Révolté*, o russo Peter Kropotkin (1842-1921), eminente teórico do movimento anarquista, conta que o levante revolucionário ocorreu sem derramamento de sangue: “No dia 18 de março de 1871, o povo de Paris levantou-se contra o governo que desprezava e detestava e declarou que Paris era agora uma cidade independente, livre e dona do seu destino. Essa derrubada do poder central aconteceu sem a costumeira encenação teatral que normalmente acompanha as revoluções. Não houve tiros e o sangue não chegou a correr sobre as barricadas. Quando o povo armado saiu às ruas, os governantes fugiram, as tropas abandonaram a cidade e os funcionários civis refugiaram-se apressadamente em Versalhes, levando tudo o que podiam. O governo se evaporou como uma poça de sangue estagnado em meio à brisa da primavera e no dia 19 de março Paris se viu livre da sujeira que a havia maculado”.<sup>71</sup>

Sobre o aprendizado com a experiência da Comuna de Paris, Kropotkin diz que é “fruto de um período de transição, nascida sob a mira das armas prussianas, estava

---

\* “Soldados obrigaram moradores a jogar cloro nos cadáveres, fazendo as ruas parecerem cobertas de neve. Milhares de corpos já haviam sido jogados em covas coletivas ou levados para os Carrières de L'Amérique, enterrados nas catacumbas ou para além dos baluartes. Os corpos restantes podem ter sido deixados ali intencionalmente para mostrar às pessoas comuns o custo do seu desacato”.

<sup>71</sup> Consultado em [https://pt.protopia.at/wiki/A\\_Comuna\\_de\\_Paris\\_\(Kropotkin\)](https://pt.protopia.at/wiki/A_Comuna_de_Paris_(Kropotkin)), dia 14/08/19.

destinada a desaparecer. Mas pelo seu caráter eminentemente popular, ela deu origem a uma nova série de revoluções e pelas ideias que lançou tornou-se a precursora de todas as revoluções sociais. O povo aprendeu a lição e, quando surgirem mais uma vez na França os protestos das comunas revoltadas, ele já não esperará que o governo tome atitudes revolucionárias”.<sup>72</sup> Outra reação ao ataque promovido pelo Estado surgiu com a Revolta de Haymarket, que ganhou repercussão mundial. “Isso provoca uma grande ira. Não apenas dentre os anarquistas, mas dentre os humanistas do mundo todo”, diz Robert Graham, escritor e anarquista historiador canadense, autor da obra *Anarquismo: Uma História Documental de Ideias Libertárias*.<sup>73</sup>

Na França, Ravachol inicia uma série de atentados que vai associar o anarquismo ao terrorismo. Em *Anarquismo*, na *Encyclopedia Britannica*, Kropotkin cita trecho do artigo do historiador francês Ernest Babelon (1854-1924) sobre a decisão do juiz Joseph E. Gary de sentenciar manifestantes da Praça Haymarket à morte e à prisão perpétua, o que teria provocado “uma série de surtos em anos posteriores” com atribuição “à propagação da reforma pela revolução, como as da Espanha e da França em 1892, na qual Ravachol era uma figura proeminente”.<sup>74</sup> As ações com explosivos por Ravachol foram inspiradas com a Revolta de Haymarket, entretanto o início para a reação foi o ocorrido na comuna francesa de Clichy, como explica a historiadora, editora e ensaísta libertária suíça Marianne Enckell: “Em 1º de maio de 1891, os anarquistas decidem fazer um dia de luta e de ação. Não um dia de desfile ordenado, como veio a se tornar nos dias de hoje. Ocorrem alguns protestos em Clichy, onde os policiais batem nos anarquistas e vice-versa. Depois, em Fourmies, no norte, mulheres e crianças que estão diante do cortejo são fuziladas, e muitas morrem. É por isso que Ravachol coloca as bombas”.<sup>75</sup> Contudo, segundo o historiador e jornalista Matthew Carr, tais bombas jogadas “não mataram ninguém”.

---

<sup>72</sup> Ibid.

<sup>73</sup> Depoimento no 1º episódio do documentário francês *História do Anarquismo*.

<sup>74</sup> *Encyclopedia Britannica*  
[<https://archive.org/details/PeterKropotkinEntryOnanarchismFromTheEncyclopdiaBritannica/page/n3>] – p.917, consultado em 18/08/19.

<sup>75</sup> Esses dados apresentados pela ensaísta libertária foram no primeiro episódio do documentário *História do Anarquismo*.

#### 1.4.: Efeito maculado

Os crimes cometidos pelos “ilegalistas” começam a degradar a visão positiva que foi conquistada pelas ideias mutualistas de Proudhon e seus diversos sucessores. A associação da palavra anarquia, ou anarquismo, ao caos emerge fortalecida no senso comum e ainda hoje continua no imaginário coletivo, inclusive nos dicionários.<sup>76</sup> Na contramão dos esforços dos anarquistas clássicos, os atos individuais dos ilegalistas “fizeram um mal enorme à causa anarquista”, conforme descreve George Woodcock. Entre os mais famosos assassinos, o escritor canadense cita “Ravachol, Émile Henry<sup>77</sup> e Leon Czolgosz<sup>78</sup>”, que impingiram crimes à “causa anarquista, ao implantar na opinião pública uma identificação que ainda permanece muito tempo depois de terem cessado as razões que a justificavam”.<sup>79</sup> A violenta retaliação à condenação dos manifestantes anarquistas de Clichy se transformou na armadilha que “a polícia e a mídia francesas, bem como do Reino Unido e do resto do mundo, fizeram de Ravachol, que não era um personagem importante na história do anarquismo, a face sombria do movimento. Sua vertente destrutiva”.<sup>80</sup>

Woodcock conta que Ravachol “convertera-se ao anarquismo quando ainda jovem e, em grande parte devido à sua extrema pobreza, introduzira-se no submundo do crime”. Sua ação de ilegalidade começou “com pequenos furtos e passou para o contrabando e falsificação de bebidas alcoólicas, não sendo bem-sucedido em nenhuma dessas

---

<sup>76</sup> Um exemplo de dicionários que remetem a palavra anarquia ao caos é o *Caldas Aulete*, iniciado por Francisco Júlio de Caldas Aulete, professor, lexicógrafo e político português. Apesar de no verbete aludir à “Ausência de governo, de autoridade, de liderança, também identifica como “Desordem, confusão resultante da falta de regras ou princípios reguladores”.

<sup>77</sup> De acordo com Jean Maitron (1910-1987), historiador do movimento operário francês, no livro “Ravachol e os Anarquistas”, Émile Henry (1872-1894) foi “um jovem espanhol promissor de classe média” que deflagrou “dois atentados contra a burguesia de Paris e declara que, desde então, os anarquistas responderiam com violência à violência da burguesia organizada no Estado”. Consultado no site <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/5018/3560>, dia 15/08/2019.

<sup>78</sup> Leon Czolgosz (1873-1901) foi trabalhador norte-americano e anarquista que atirou em 6 de setembro de 1901 no então presidente norte-americano William McKinley, que morreu oito dias depois. “Czolgosz foi considerado culpado e executado” – Encyclopædia Britannica [<https://www.britannica.com/biography/Leon-Czolgosz>] – consulta em 16/08/19.

<sup>79</sup> WOODCOCK, George: *História das Idéias e Movimentos Anarquistas – 1º Volume – A Ideia*. Floresta (RS): L&PM Editores, 2006. Tradução de Alice K. Miyashiro, Heitor Ferreira da Costa, José Antônio Arantes e Júlia Tettamanzy, pp. 15-16.

<sup>80</sup> Ibid.

atividades” desenvolvendo uma filosofia que “combinava a defesa da violência no presente com uma visão idílica da confraternidade futura”. A primeira prisão se deu pelo assassinato de “Jacques Brunel, um miserável nonagenário conhecido como o Eremita de Chambles, que vivera de esmolas durante cinquenta anos e que supostamente teria acumulado grande fortuna”. Ravachol e cúmplices mataram o homem e “carregaram consigo 15 mil francos”. Durante o julgamento, no ano seguinte, sob a acusação de homicídio, “Ravachol declarou que seus motivos não eram de todo egoístas: “Se matei, em primeiro lugar foi para satisfazer minhas necessidades pessoais; em segundo, para ajudar a causa anarquista, pois todos trabalhamos para a felicidade do povo”. (O Movimento, pp.82-83). As “razões” do roubo eram amplamente debatidas nos círculos anarquistas e homens de “princípios nobres e vida exemplar, como Elisée Reclus<sup>81</sup> e Sébastien Faure<sup>82</sup>”, entusiasmavam-se com tais convicções sobre a “imoralidade da propriedade que estavam prontos para justificar qualquer tipo de roubo em bases puramente teóricas” (O Movimento, p.82).

Quem também rebateu os atos violentos em nome da anarquia foi o russo Peter Kropotkin. No artigo *Anarquismo*<sup>83</sup>, destaca: “na segunda metade dos anos 80 e início dos

---

<sup>81</sup> Geógrafo e anarquista francês que viveu entre 1830 e 1905. “Durante o cerco alemão de Paris (1870 a 1871), ele participou das subidas do balão de Nadar. Servindo na Guarda Nacional em defesa da Comuna, foi preso em abril de 1871”, e em janeiro de 1872 teve “banimento perpétuo depois que cientistas europeus recorreram ao governo em seu nome. Depois de uma visita à Itália, ele se estabeleceu em Clarens, Switz” – Encyclopedia Britannica [<https://www.britannica.com/biography/Elisee-Reclus>] – 16/08/19.

<sup>82</sup> (1858-1942) - “Foi uma das grandes figuras do anarquismo francês, mas também uma personalidade independente, muito ligada à sua liberdade de liderar negócios pessoais, “o orador anarquista mais famoso”, “liderou o movimento anarquista em um **\*Dreyfusismo** não qualificado que, após o Caso, o trouxe ser permanentemente marginalizado” – consultado no Le Maitron Dictionnaire Biographique [<http://maitron-en-ligne.univ-paris1.fr/spip.php?article154431>] – 16/08/19.

\* Relativo ao Caso Dreyfus, que compõe a história do oficial do exército francês Alfred Dreyfus, de origem judaica, que foi “acusado erroneamente de ter transmitido segredos militares ao major alemão Schwartzkoppen. Condenado em 1894, ele seria deportado à Ilha do Diabo, na Guiana Francesa. Em 1896, o comandante Picquart, convencido da inocência de Dreyfus e da culpa de um outro oficial francês, Esterhazy, pediu a revisão do processo. Em 1898, Esterhazy seria declarado inocente e Picquart mandado para a Tunísia”. No jornal Aurore é publicado artigo que denuncia o antisemitismo e a corrupção do Exército francês. Picquart se suicida e uma nova revisão do processo começa em 1906. Consultado no romance *O caminho de Guermantes*, de Marcel Proust, volume 3 do livro *Em busca do tempo perdido*, com tradução de Mário Quintana. São Paulo: Editora Globo, 2007, pp.118-119. Books.google.pt [<https://bit.ly/3IIMZz1>] – 16/08/2019.

<sup>83</sup> Encyclopedia Britannica. p.916 [<https://archive.org/details/PeterKropotkinEntryOnanarchismFromTheEncyclopdiaBritannica/page/n1>] – consultado em 23/08/19.

anos noventa do século XIX, quando a influência dos anarquistas começou a ser sentida em greves, nas manifestações de 1º de maio, onde promoveram a ideia de uma greve geral para os anarquistas, um dia de oito horas, e na propaganda antimilitarista do exército, processos violentos foram dirigidos contra eles, especialmente nos países latinos (incluindo tortura física no Castelo de Barcelona) e nos Estados Unidos (a execução de cinco anarquistas de Chicago em 1887). Contra esses processos, os anarquistas retaliaram por atos de violência que, por sua vez, foram seguidos por mais execuções de cima e novos atos de vingança vindos de baixo. Isso criou no público em geral a impressão de que a violência é a substância do anarquismo, uma visão repudiada por seus partidários, que sustentam que, na realidade, a violência é recorrida por todas as partes na medida em que sua ação é obstruída pela repressão e leis excepcionais os tornam fora-da-lei”.

As ações ilegalistas que levaram o anarquismo a sinônimo de terrorismo foram praticadas por uma minoria de adeptos e em curto período, mas foram as que mais marcaram – de forma negativa - o movimento. Tal problemática é descrita pelo pesquisador brasileiro Felipe Corrêa, coordenador do Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) e editor da Faísca Publicações Libertárias, basicamente nesse trecho do seu livro *Bandeira Negra - Rediscutindo o Anarquismo*:<sup>84</sup>

“No que diz respeito à questão da violência, os insurrecionalistas acreditam que o anarquismo não deve ser difundido por palavras ou escritos, mas, principalmente, por fatos, sendo estes compreendidos como atos de violência contra capitalistas/burgueses e às ações. Eles consideram que os atos individuais de violência servem como vingança, mas, principalmente, que podem funcionar como um gatilho para influenciar trabalhadores e camponeses e aderir, a partir deles, a movimentos insurrecionais e revoltas populares, capazes de levar a cabo a revolução social. Vale ressaltar que esta estratégia sustenta que a violência pode ocorrer, e de fato ocorre, fora e sem respaldo ou vínculos com movimentos populares organizados, ou seja, trata-se de uma violência sem suporte popular e difundida fora do âmbito das classes dominadas organizadas. Muito do que se chamou “individualismo anarquista” foi incentivador e/ou adepto dessa estratégia, principalmente em função de suas posições contrárias à organização. Apesar de ser historicamente minoritária, esta estratégia foi a que mais se difundiu no imaginário popular e que ficou forjada na imagem do anarquista conspirador e terrorista.”

---

<sup>84</sup> CORRÊA, Felipe: *Bandeira Negra - Rediscutindo o Anarquismo* (Anarquismo insurrecionalista e anarquismo de massas). Curitiba: Prisma Editora, 2015, pp. 244-245.

### 1.5.: Propaganda pelo Feito

O caso Haymarket ganhou repercussão pelo mundo e nos anos que se seguiram foram de reação motivada pela revolta. “Houve manifestações por toda parte, comandadas pelos anarquistas. Mas é na França que o massacre de Chicago faz com que o anarquismo entre em uma nova era: a das bombas e da propaganda pelo feito”.<sup>85</sup> Os ilegalistas se consideravam heróis dos fracos e oprimidos? Woodcock descreve da seguinte forma, e cita a descrição feita pelo entusiasta do anarquismo francês Octave Mirbeau: “Ravachol restava na tradição do bandido heroico. Sua coragem era inegável. Mesmo seu idealismo e seu senso de missão parecem ter sido sinceramente conservados. Ele realmente acreditava que seus atos terríveis produziriam um mundo em que tais horrores jamais precisariam de novo ser praticados pelos homens contra os homens. Via-se como o romancista Octave Mirbeau o caracterizou: “O mau tempo a que se segue a alegria do sol e do firmamento sereno”. A pobreza e a experiência da injustiça, que haviam cometido contra ele e outros, atingiram-lhe profundamente o espírito, e agiu em nome de um objetivo que acreditava ser justo. Esqueceu-se, porém, de que os meios podem desvirtuar os fins, de que o desprezo pelas vidas dos indivíduos - inclusive pela vida de um velho imprestável como o Eremita de Chambles - pode conduzir ao desprezo pela vida como um todo. Estava tragicamente enganado, e pagou estoicamente pelos seus erros” (O Movimento, p.84).

Há, entretanto, os favoráveis aos atos extremos, como demonstra ser o historiador e escritor italiano Giampietro Berti: “A propaganda pelo feito, que não tem um autor determinado, é uma expressão espontânea da ação revolucionária”. Sobre a comparação entre terrorista e ‘anarquistas ilegalistas’, o historiador rebate: “Para se tornar um exemplo de pura revolta, o anarquista precisa se expor ao perigo. Ele não é o terrorista, que faz seu atentado e foge. Pelo contrário, ele precisa enfrentar a sociedade de cara descoberta. E, diante do tribunal, reivindicar seus atos. Ele precisa se servir de seu julgamento como um magafone formidável e fazer ressoar por toda a parte o nome do anarquismo”.<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> Destaque do primeiro episódio do documentário francês “História do Anarquismo: Sem Deuses, Sem Mestres” no capítulo em que aborda “1892: Propaganda pelo Feito”.

<sup>86</sup> Ibid.

Na opinião do escritor e ensaísta espanhol Servando Rocha, editor de La Felguera Editores, “não é necessariamente uma explosão ou uma bomba, mas apenas uma ação que ultrapasse os limites do discurso. Através de um gesto exemplar, os anarquistas achavam que podiam transmitir melhor a mensagem libertária”.<sup>87</sup> Sobre Ravachol, o texto do filme de Tancrède Ramonet visualiza que o tintureiro “vê na nova invenção de Nobel<sup>88</sup> a nova ferramenta ideal para destruir o velho mundo”. “Após a feroz repressão das primeiras manifestações do 1º de maio [1881] na França, sua revolta se transforma em fúria e ele decide passar para a ação”. Os efeitos das dinamites começam efetivamente quando? Segundo o historiador Jean Maitron, o “ponto de partida”<sup>89</sup> se deu com o caso Clichy, em 1º de Maio de 1891, no desfecho trágico para os manifestantes que pediam jornada laboral diária de oito horas. Maitron explica que ao “mesmo tempo que Ravachol tornou-se o justiceiro dos camaradas maltratados, aqui e ali houve perpetrados outros ataques cujos autores nem sempre foram encontrados”, e os jornais lançam a rubrica que reforça o olhar negativo do anarquismo: “a dinamite”. O primeiro artefacto explosivo disparado por Ravachol foi no dia 11 de março de 1892, com a ajuda dos companheiros Chaumartin, Simon Charles Achille, Jas-Béalas e a amante, Mariette Soubère. O alvo foi o juiz Benoît, que condenou os anarquistas Decamps<sup>90</sup> e Dardare<sup>91</sup> “por participação em violentos conflitos com a polícia durante as manifestações do 1º de maio de 1891”. Como não conseguiram descobrir o apartamento onde o magistrado morava, jogaram a bomba no

---

<sup>87</sup> Ibid.

<sup>88</sup> Relativo a Alfred Nobel (1833-1896), químico e industrial sueco que dedicou sua vida à técnica dos explosivos, como a dinamite e o detonador. Após mais pesquisas, inventou a balistite, uma pólvora, que logo foi usada em vários países para fins militares. Ele acumulou fortuna com suas fábricas, solitário, sem filhos, viu-se abalado por seus inventos usados em fins bélicos. Decidiu aplicar parte de sua fortuna para ajudar as organizações pacifistas, e que após a sua morte uma fundação patrocinasse anualmente a entrega de cinco prêmios para quem se destacasse em física, química, medicina, literatura, e outro para quem contribuisse de maneira notável para a paz mundial. Era o Prêmio Nobel. A Fundação Nobel foi criada em junho de 1900 e desde 1902 quatro prêmios são entregues pelo Rei da Suécia e o Nobel da Paz é entregue em Oslo, na Noruega. Consultado em e-biografia [[https://www.ebiografia.com/alfred\\_nobel](https://www.ebiografia.com/alfred_nobel)], dia 17/08/19.

<sup>89</sup> MAITRON, Jean: Ravachol e os Anarquistas, 1. La propaganda por el hecho Madri: Huerga & Fierro Editores, 1ª edição, abril de 2003, tradução de Pilar Moreno Pindado, p .21.

<sup>90-91</sup> “Henri Louis Decamps (1859-??), preso em 1891, permaneceu encarcerado até 1896, quando emigrou para os Estados Unidos, onde fez parte de uma colônia agrícola libertária em Nova Jersey. Charles Auguste Dardare (1866-??), preso junto a Decamps, foi condenado há três anos. Essas informações foram consultadas no artigo “O anarquista terrorista na imprensa escrita no século XIX”, de Fabrício Pinto Monteiro, Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia, publicado na revista de história “Temporalidades” [<file:///C:/Users/usuario/Downloads/5369-Texto%20do%20artigo-17262-1-10-20160903.pdf>], consultado em 23/08/19. Ele teve como fontes matérias no jornal The New York Times (28 março e 16 de abril de 1892); e Ravachol y los anarquistas, pp.53-95, de Jean Maitron.



edifício de número 136 da Av. De Saint-Germaine. No dia 27 do mesmo mês o atentado foi onde mora o promotor Bulot, no segundo dos quatro andares de um edifício nº 39 da Rua Clichy. Apesar da destruição dos imóveis, os alvos nada sofreram.

A estratégia do uso da propaganda para incentivar efeitos revolucionários, a priori, começa a ser difundida em 1881. De acordo com Jean Maitron, na França houve a “separação definitiva entre anarquistas e outros grupos socialistas” no dia 22 de maio de 1881, durante o Congresso Regional do Centro, e a partir dessa época “os camaradas” passam a “incessantemente preconizar a propaganda pelo feito”, destinada a afirmar princípios anarquistas por atos revolucionários”. No dia 14 de junho do mesmo ano, em Londres, “representantes dos socialistas revolucionários dos dois mundos” se reuniram, “todos partidários da destruição total, pela força, das atuais instituições políticas e econômicas aceitaram a declaração de princípios” - que foi defendida no “Primeiro Congresso da Internacional realizado em Genebra em 1866”. Reunião que aconteceu após as “graves divergências que opunham Marx e Bakunin, "autoritários" e "antiautoritários", dentro da Primeira Internacional”, iniciando o “movimento anarquista” e levando “a uma cisão definitiva no Congresso de Haia em 1872”.<sup>92</sup>

Na reunião em Londres, foram criadas “resoluções de um congresso internacional que quer marcar um renascimento da Internacional "antiautoritária"” e, entre outras coisas, proclama-se: “É estritamente necessário fazer todos os esforços possíveis para propagar através de atos a ideia revolucionária e o espírito de revolta nessa grande fração da massa popular que ainda não é uma parte ativa do movimento, e ilusões são feitas sobre a moralidade e eficácia dos meios legais”. A outra decisão foi abdicar do “terreno legal” ainda mantido e “agir no terreno da ilegalidade”, por considerarem “o único caminho que conduz à revolução”.<sup>93</sup> E surgem publicações que explicam aos seus leitores “como fazer bombas para fazer a revolução”, como os jornais anarquistas “Bandeira Negra, A Fome e A Luta social”. Esse tipo de “propaganda”, no entanto, passou a ser considerada “ineficaz” e chega ao fim entre 1887 e 1888.<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> MAITRON, Jean: Ravachol e os Anarquistas. La propaganda por el hecho Madri: Huerga & Fierro Editores, 1ª edição, abril de 2003, tradução de Pilar Moreno Pindado, pp. 18-20-21.

<sup>93</sup> Ibid., p. 21

<sup>94</sup> Descrição feita no trecho “61 - Paris, Avenue de Clichy” do 1º episódio do documentário *História do Anarquismo*.

De volta a Ravachol, os seus ataques criam “o mito dos anarquistas colocador de bombas”. Ele inspira medo e é perseguido. Para o combate, a “prefeitura se mune de novas armas” e a “polícia se reinventa na área científica”. Cria-se então “uma das primeiras fichas antropométricas da história”, e o retrato de Ravachol é estampado na primeira página de todos os jornais. Novos meios de comunicação que levam o nome e o rosto do ilegalista a se espalhar pelo “mundo todo”. No contra-ataque, o Governo e a imprensa aproveitam-se das grandes tiragens de jornais como “Le Petit Parisien, Le Petit Journal, Le Journal, Le Martin”, que, juntos, somam “entre 700 mil e mais de 1 milhão de exemplares ao dia”, diz o historiador Jean-Yves Mollier.<sup>95</sup> As capas dos suplementos dominicais imprimem formas para suscitar pânico. Mesmo assim, “esses atentados não provocaram uma reação hostil imediata em toda a opinião pública”<sup>96</sup>, e “Ravachol ganha a simpatia do povo” e se transforma em “uma espécie de herói, como Mandrin<sup>97</sup> ou Cartouche”<sup>98</sup>. Com louros de justiceiro, ganhou até canção exaltando seus feitos: La Ravachole.<sup>99</sup> Dancemos Ravachole, viva o som, viva o som, Dancemos a Ravachole, Viva o som da explosão...”.<sup>100</sup>

A estratégia de “propaganda pelo feito” propagou ideias do assassinato de políticos específicos e ataque a alvos coletivos e a somatória de ataques começa com a prisão de Ravachol, três dias após a explosão de sua última bomba. “No julgamento, diante do tribunal de Sena, com sua cabeça a perigo, ele sustenta seu gesto: “Existe atualmente um grande número de cidadãos que sofrem enquanto outros nadam na opulência, isso não pode continuar. Hoje há anarquistas suficientes para virar esse jogo. Para isso, é preciso

---

<sup>95-96</sup> Descrição feita no episódio “1892: Propaganda pelo Feito”, no documentário *História do Anarquismo*, e depoimento de Yves Mollier.

<sup>97-98</sup> Dois célebres bandidos do século XVIII “que souberam cativar a imaginação popular: Cartouche - Louis-Dominique Cartouche (1693-1721) - tornou-se assim o bom ladrão, enquanto que Mandrin - Louis Mandrin (1725-1755) - é um salteador temível que socorre os humildes”. Informações do livro *História das lendas*, de Jean-Pierre Bayard, conferidas no eBooksBrasil.org [http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html], dia 27/08/19.

<sup>99</sup> A canção La Ravachole é atribuída ao escritor e filósofo anarquista francês Sébastien Faure (1858-1942), e apareceu pela primeira vez em 1894, publicada no semanário libertário L’Almanach Du Pere Peinard, fundado em 1889 por Émile Pouget”. Em homenagem a Ravachol, “tornou-se muito popular entre a população, tocada com desdém por crianças e adultos” – conferido na revista francesa “Contrahistoria” no dia 27/08/19 [http://revistacontrahistoria.blogspot.com/2014/02/la-ravachole-cancion-popular-anarquista.html]. A música pode ser ouvida no canal https://www.youtube.com/watch?v=xJpA2LnCh5c.

<sup>100</sup> Descrição ainda do episódio “1892: Propaganda pelo Feito”, no documentário *História do Anarquismo*.

apenas um empurrão e a revolta acontecerá".<sup>101</sup>

Ravachol é preso “três dias após a explosão de sua última bomba”, no dia 30 de março de 1892, no Café Very, em Paris, “após a denúncia de um garçom, de nome Lhérote”, relata o professor brasileiro Fabrício Pinto Monteiro, Mestre em História, no artigo *O anarquista terrorista na imprensa escrita no século XIX*, publicado na revista *Temporalidades*.<sup>102</sup> A prisão de Ravachol estampa a capa do *Le Petit Journal*, em que se nota a reação dele e a dificuldade dos policiais para deter o anarquista:



Fig. 6.: A prisão de Ravachol. *Le Petit Journal Illustré*, n° 73, Paris, 1892.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Le\\_Petit\\_Journal#/media/Ficheiro:Ravachol\\_-\\_Arrestation.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Le_Petit_Journal#/media/Ficheiro:Ravachol_-_Arrestation.jpg)

---

<sup>101</sup> Trecho de abertura do episódio “Memórias de Ravachol - François Koëningstein, 1892” na primeira parte do documentário *História do Anarquismo*.

<sup>102</sup> Conferido no site <https://pdfs.semanticscholar.org/b508/99f741b01ad73341892d06c186682f052361.pdf>, dia 27/08/19.

## Parte II: Nova fase

### 2.1.: A vingança

A execução de Ravachol, que teve seu grito de revolução cortado pela lâmina da guilhotina, desencadeia uma série de atentados, como vaticinou o condenado. Vamos desde a fase da sentença decretada e a declaração de Ravachol. De acordo com George Woodcock, no segundo volume do livro *História das Idéias e Movimentos Anarquistas*, “Ravachol se pôs de pé diante de seus juízes em Montbrison” e anteviu: "Sacrifiquei minha própria vida. Se ainda luto é em nome da ideia anarquista. Pouco me importa se fui condenado. Sei que serei vingado". E assim foi feito, como lembra Woodcock: “Quatro dias depois de sua primeira dinamitação, uma bomba explodiu misteriosamente do lado de fora do quartel de Lobau, em Paris. Em seguida, um dia antes de ser condenado no primeiro julgamento, outra bomba, colocada no restaurante em que ele fora preso matou o proprietário e um freguês. Apenas em 1894, o responsável por esses atos foi preso em Londres e levado à França para julgamento. Era Théodule Meunier, um marceneiro que representava um tipo de terrorista bem diferente de Ravachol. Homem de vida exemplar, trabalhador discreto e de excelentes qualidades”. Na visão de Woodcock, a “violência natural que se encapelava no interior de Ravachol não fazia parte da natureza de Meunier, mas a fria racionalidade que o impelia era igualmente destrutiva. Meunier escapou da guilhotina, mas amargou longos anos na colônia penal, Mesmo assim, jamais se arrependeu de ter matado pessoas inocentes. "Fiz apenas o que tinha de fazer", disse ele a Jean Grave<sup>103</sup> mais de vinte anos depois." (O Movimento, pp.84-85).

Ravachol foi "guilhotinado em julho de 1892, ao grito interrompido de "Viva a re...", que se acredita tratar-se de "Viva a revolução", tornou-se um mito por sua frieza nos atentados que participou e na coragem diante da guilhotina".<sup>104</sup> Após a execução, deu-se

---

<sup>103</sup> “Jean Grave (1854-1939) foi um militante anarquista francês de enorme importância – conferido no dia 27/08/19 - [http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/arquivo/?p=digitallibrary/digitalcontent&id=274]

<sup>104</sup> Do livro *Michel Foucault – Desdobramentos*, organizado por Marcos Nalli, Sonia Regina Vargas Mansano. Trecho em N.T. Conferido no site <https://bit.ly/2MOedkH>, dia 27/08/19.

uma onda de ataques, que seria a vingança vaticinada por Ravachol. Conforme Woodcock, “após a execução de Ravachol houve um intervalo de calma de vários meses na campanha terrorista. Até que em 8 de novembro de 1892 uma bomba explode nos escritórios da companhia de mineração Carmaux, com o objetivo de “vingança das injustiças cometidas contra os mineiros” da empresa. A “marmita de explosivos”, colocada pelo jovem Émili Henry (inicialmente citado na pag. 21 deste trabalho), foi “interceptada pela polícia e explodiu na delegacia”, matando cinco pessoas e um sexto não resistiu a um ataque cardíaco. Na noite do dia 12 de fevereiro de 1894, Henry “vinga” a execução do também ilegalista Auguste Vaillant, um “francês miserável que, experimentando uma terrível crise social e constantes trocas de emprego, decidiu protestar jogando uma bomba da galeria da Câmara dos Deputados Franceses em 9 de dezembro de 1893”. Émili Henry coloca uma bomba no luxuoso Café Terminus, frequentado pela elite francesa, “considerado pelos anarquistas um símbolo da arrogância e do esbanjamento da burguesia da época”.<sup>105</sup> Referendou o brado de Vaillant após ouvir sua sentença de morte, repetindo a coragem de Ravachol: "Viva a Anarquia! Minha morte será vingada!" (O Movimento, p.86).

O julgamento e as declarações de Émile Henry são um capítulo interessante da história do anarquismo que deve ser conferido. Como é extenso, informo link em nota de rodapé que leva aos trechos do julgamento e da defesa do réu na compilação de capítulos do livro *Ravachol e os Anarquistas*, de Jean Maitron, “resultado de uma pesquisa realizada nos arquivos de polícia da Prefeitura de Paris na década de 1950”.<sup>106</sup> “Se o francês Ravachol era uma referência por ter iniciado a era dos atentados políticos anarquistas, foi Émile Henry quem se tornou a figura mais conhecida deste período”. Durante seu julgamento, ao ser perguntando sobre “as pessoas inocentes” que ele matou, justificou que o lugar “só era habitado por burgueses. Não haveria, portanto, inocentes”.<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup> A partir de “escritórios da companhia de mineração Carmaux”, as informações foram do artigo "Terror em Paris no século XIX: os atentados anarquistas", publicado da Revista Fórum, autoria do brasileiro Guilherme de Paula, autor do livro *Terrorismo: um conceito político* (Editora CRV, 2015) – conferido em 27/08/19 [revistaforum.com.br/semanal/terror-em-paris-no-seculo-xix-os-atentados-anarquistas/Henry].

<sup>106</sup> “Émile Henry, o benjamim da anarquia”, por Jean Maitron – link sobre o julgamento e a defesa: file:///C:/Users/utilizador/Downloads/5018-11932-1-SM.pdf, conferido em 27/08/19.

<sup>107</sup> Continuação do artigo "Terror em Paris no século XIX: os atentados anarquistas".

Como consequência da propaganda pelo feito, sete líderes políticos foram assassinados entre 1894 e 1913: “Sadi Carnot, presidente da França, morto em 1894; Antonio Cánovas del Castillo, primeiro ministro da Espanha, em 1897; Elizabeth Sissi, imperatriz da Áustria, em 1898; Umberto I, rei da Itália, em 1901; William McKinley, presidente dos Estados Unidos, em 1901; José Canalejas, primeiro-ministro espanhol, em 1912, e rei Georges, da Grécia, em 1913”.<sup>108</sup> O temor tomou conta da realeza e de chefes de Estado. Fortalece o cotejo entre “terrorismo” e “anarquismo”. Estigma do qual o movimento só conseguiu superar no século XX, após “uma intensa problematização de outras lideranças intelectuais que apontavam que os atentados trouxeram mais consequências negativas do que positivas à causa anarquista. Em geral, onde aconteceram atentados, o anarquismo, como ideologia política, foi caçada, desqualificada e reprimida”.<sup>109</sup>

A morte de Sadi Carnot (1837-1894) teve como força maior a morte de Vaillant, diante da petição apresentada por um dos deputados feridos para absolvê-lo e Carnot recusou-se (O Movimento, p.86). E foi com a morte do presidente francês que se iniciou a série de assassinatos de líderes políticos internacionais mortos por autodeclarados anarquistas. Para matar Carnot, o jovem padeiro italiano Sante Caserio se deslocou até Lyon e, durante um desfile público, cravou uma adaga no presidente. Em seu depoimento, disse que vingou tanto de Ravachol como de Vaillant”.<sup>110</sup> Cesario foi apressadamente “julgado e condenado à morte. E para que seu túmulo não se torne um local de peregrinação”, seus restos mortais são lançados em uma fossa anônima. “Mas isso não é o suficiente e a repressão se generaliza”.<sup>111</sup>

Os jornais franceses ilustraram suas capas com a imagem do atentado e uma série de políticas é lançada para aprimorar da segurança de figuras públicas à repressão de grupos políticos radicais. Conforme Gaetano Manfredonia, historiador italiano especializado no movimento operário e libertário na Itália e na França, em depoimento

---

<sup>108</sup> Artigo "Terror em Paris no século XIX: os atentados anarquistas", autoria de Guilherme de Paula, publicado na Revista Fórum – conferido em 27/08/19 [revistaforum.com.br/semanal/terror-em-paris-no-seculo-xix-os-atentados-anarquistas/Henry].

<sup>109</sup> Ibid.

<sup>110</sup> Trecho do documentário *História do Anarquismo*, primeiro episódio.

<sup>111</sup> Ibid.

no filme *História do Anarquismo*, é nesse momento que são adotadas na França as chamadas "leis perversas", que "proíbem toda propaganda anarquista que faça parte de alguma associação criminosa e, ao mesmo tempo, toda propaganda antimilitarista". Como resultado, foi feito o fichamento de "quase todos os informativos militantes, incluindo os infelizes que eram apenas assinantes dessa ou daquela revista libertária". Surge "então a ideia de uma conspiração terrorista, uma conspiração internacional", conforme declara o historiador e jornalista Matthew Carr no mesmo filme. Diz que é a "primeira vez que o conceito de guerra ao terror é utilizado". Nos Estados Unidos, o jornal New York Times, em 1894, imprime "títulos sobre a necessidade de exterminar o terrorismo".

## 2.2.: Contra-ataque

Para declarar guerra ao imaginário "perigo negro", "governos de 21 países organizam a Conferência Internacional para a Defesa Social e Contra os Anarquistas, onde são criadas as bases do que viria a ser a Interpol".<sup>112</sup> E em Roma, na Itália, no ano de 1898, ocorre a Conferência Antianarquista, que reúne todos os governos, diante do pavor que "todos os governos, reis e príncipes" estão com a ideia de serem assassinados por um anarquista. "Mas isso tudo não serve de nada, já que no dia 29 de julho de 1900, na Itália, o rei Umberto I é assassinado por um anarquista, Gaetano Bresci\*", conta o historiador Giampietro Berti.<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> Trecho do documentário em que discorre sobre a "Conferência Internacional pela Defesa Social e Contra o Anarquistas (novembro de 1898)", ainda no primeiro episódio.

<sup>113</sup> Ibid.

\* Italiano de Prato, Bresci "nasceu em 10 de novembro de 1869. Emigrou para os Estados Unidos, estabelecendo-se em Patterson, Nova Jersey, onde se casou e fundou uma família", "encontrou trabalho como tecelão de seda", envolveu-se "no movimento sindical local" e "desenvolveu visões anarquistas e ajudou a estabelecer o periódico radical La Question Sociale". Em 1900 pede "o retorno de US\$ 150 que emprestara ao jornal", viaja para a Itália e assassina "o rei Umberto. Quando entrevistado pela polícia, ele alegou ter matado o rei em vingança pelo massacre de trabalhadores em Milão em 1898". Condenado à prisão perpétua, "foi encontrado estrangulado em sua cela em 22 de maio de 1901". O anarquista estadunidense "Leon Czolgosz mais tarde afirmou que as ações de Bresci inspiraram sua decisão de assassinar o presidente William McKinley" – conferido no dia 28/08/19 no site <https://spartacus-educational.com/USAbresci.htm>.

Mesmo com toda repressão e as leis de exceção, os ataques continuam. Também tombaram o czar da Rússia [Alexandre II], o presidente do Uruguai, o rei e o príncipe herdeiro de Portugal, e assim por diante. Para contrapor a propaganda pelo feito dos anarquistas, o Estado faz sua propaganda e encontra em “empresários astutos” o proveito do anarquismo para publicizar “seus pequenos negócios, como é o caso de Edison<sup>114</sup>, que aproveita a execução de Léon Czolgoszcz, assassino do presidente dos Estados Unidos MacKinley, para promover suas duas novas invenções: o cinema em 35mm e a cadeira elétrica”, conforme destaca o filme de Ramonet.

Na França, diante do pânico que se seguiu após o atentado de Vaillant, a Câmara dos Deputados, para reprimir o movimento anarquista, aprova uma série de três leis, entre 1894 e 1894. São as “leis céleres”, que foram difamadas ao “serem chamadas de *les lois scélérates* (leis fraudulentas)”.<sup>115</sup> George Woodcock conta que das leis de exceção, a primeira “considerava crime não apenas incitar a atos criminosos, como também justificá-los”. A segunda dizia respeito às “associações de malfeitores” e os definiam antes pelo propósito que pela ação. A terceira lei, criada após a morte de Carnot, proíbe atos de propaganda anarquista “por quaisquer meios”. No propósito de derrubar por completo o movimento libertário, o governo mira primeiro na imprensa anarquista. Sob pressão, o *Le Père Peinard* sucumbiu em dia 21 de fevereiro de 1894. Ou seja, parou de circular. Menos de três semanas mais tarde foi a vez do *Le Révolté* interromper as atividades.

Muitos anarquistas intelectuais foram presos e, no dia 6 de agosto, alguns dos mais conhecidos foram levados às salas dos tribunais para o “Processo dos Trinta”\*, em que a acusação preparou um “maquiavelismo auto-anulador”. (O Movimento, pp.88-89). Ainda segundo Woodcock, a “vitalidade essencial do anarquismo francês e a resistência de suas raízes no terreno político do século XIX foram mostradas pela velocidade com

---

<sup>114</sup> Referência ao expressivo inventor Thomas Edison (1847-1931).

<sup>115</sup> Expressão (“leis fraudulentas” ou “leis desonestas”) popularizada por Francis de Pressensé, Émile Pouget e Léon Blum\* (que assina “um jurista”) em um panfleto publicado em 1899, chamado *Les Lois Scélérates, de 1893 a 1894* – consultado 29/08/19 [https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k836767].

\* Francis de Pressensé (1853–1914) foi político francês e homem de letras [en.wikisource.org/wiki/1922\_Encyclop%C3%A6dia\_Britannica/Pressens%C3%A9,\_Francis\_de]; Émile Pouget (1860-1931) fundou, em 1879, o primeiro sindicato de empregados e foi editor do jornal *Le Père Peinard* [https://www.universalis.fr/encyclopedie/emile-pouget/]; Léon Blum (1872-1950), “primeiro premier socialista (e o primeiro judeu) da França”, presidindo o governo de coalizão da Frente Popular em 1936- 37) [https://www.britannica.com/biography/Leon-Blum] – consultado em 28/08/19.

\* Processo que levou aos tribunais dezenas de militantes anarquistas.



que o movimento ergueu-se da obscuridade de 1894, quando sua imprensa foi arrasada, seus líderes respondiam a processos e sua estrutura de grupos autônomos foi quase inteiramente desmantelada”. O momento de isolamento corresponde ao período de 1881 a 1894, “quando os anarquistas erravam por uma imensidão de grupos sociais marginais e buscavam o caminho para o milênio em atos desesperados e visões idílicas”. (p.89)

No final do século XIX, os anarquistas entenderam que a estratégia do atentado contribuiu ainda mais para descredibilizar a causa libertária. O jornalista Matthew Carr discorre: "Ao final do século XIX, muitos anarquistas, e mesmo aqueles que no início haviam aceito essa estratégia, começaram a rejeitar a propaganda pelo feito e a dizer que era uma estratégia que não levava a lugar algum". O escritor anarquista canadense Robert Graham complementa: "É o caso de Errico Malatesta, que disse: "O problema é que isso nos afastou das lutas". Os anarquistas precisam estar no cerne das lutas sociais. E no final dos anos 1890, os anarquistas retornam para o movimento social e é assim que nasce o sindicalismo revolucionário”.<sup>116</sup>

### 2.3.: Ação direta

No início do século XX os trabalhadores conquistam o direito de se organizar em sindicatos. Com a “criação das Bolsas de Trabalho, e depois da CGT”, “o anarquismo e o sindicalismo se fundem para dar vida ao sindicalismo revolucionário, que mais tarde receberá o nome de anarcosindicalismo”.<sup>117</sup> O historiador e jornalista sul-africano Michael Schmidt conta no documentário de Ramonet que suas “pesquisas mostram que o sindicalismo é fundamentalmente uma estratégia anarquista”, mas reconhece que “nasceu fora do movimento anarquista, e eles passaram a adotá-lo”, e dentro dessa estratégia “as Bolsas de Trabalho ocupam uma posição especial”. O movimento das

---

<sup>116</sup> Esses depoimentos são dados do documentário do francês Tancrède Ramonet sobre o anarquismo.

<sup>117</sup> Descrição no documentário que indica o início da fase da “Ação direta” a partir do ano de 1906.

Bolsas de Trabalho teve como propulsor o jovem anarquista francês Fernand Pelloutier (1867-1901), “que ficou conhecido por se opor à estratégia do atentado”, conforme a *Encyclopedia Britannica*. Esteve entre os “principais organizadores e teóricos do movimento trabalhista francês que influenciou profundamente a filosofia e os métodos de sindicalismo anarcossindicalista”. Desiludido com a política partidária de esquerda, voltou-se “para o anarquismo e, em 1895, tornou-se secretário da *Fédération des Bourses du Travail*, uma instituição que combina as funções de clubes de trabalhadores, bolsas de emprego e federações sindicais locais”. Passou, então, a criticar “os marxistas ortodoxos por confiar no aparato do Estado. Acreditava que “os trabalhadores desenvolveriam formas de produção comunistas e criariam “um estado socialista dentro do estado burguês”.<sup>118</sup>

E o que significa essa Bolsa de Trabalho? O historiador francês Jean-Yves Mollier explica sobre essa mobilização: “É uma organização, um lugar onde as pessoas vêm para procurar trabalho. Inicialmente é um lugar que permite que aqueles que não têm emprego encontrem um”, e também servem como escolas profissionalizantes, bibliotecas. “Ali discute-se e elabora um verdadeiro pensamento”.<sup>119</sup> As Bolsas de Trabalho foram erguidas em imponentes prédios em várias cidades francesas. Entre algumas delas, destacamos a de Paris, a de Lyon e a de Saint-Etienne, que também é chamada de Palácio de audiências públicas e cursos e onde consta o salão **Sacco e Vanzetti\***. Voltando aos prédios das Bolsas, vale frisar a declaração do professor e historiador Normand Baillargeon, da Universidade de Quebec, sobre esses prédios: “Para um estrangeiro como eu, quando venho para a França, fico muito emocionado ao ver esses prédios. Eles são

---

<sup>118</sup> Consultado no dia 28/08/19 [<https://www.britannica.com/biography/Fernand-Pelloutier>].

<sup>119</sup> Explicação durante entrevista para o documentário História do Anarquismo.

\* Referência aos anarquistas italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, que emigraram para os Estados Unidos em 1908, um sapateiro e o outro vendedor ambulante de peixes. Eles foram réus em um controverso julgamento pelo assassinato de FA Parmenter, mestre de pagamentos de uma fábrica de calçados, e Alessandro Berardelli, o guarda que o acompanhava, a fim de garantir a folha de pagamento que eles estavam carregando, no dia 15 de abril de 1920, em Massachusetts, EUA. O julgamento causou repercussão internacional e muitos foram os apelos para evitar a execução dos dois. Em 3 de agosto de 1927, o então governador Alvan T. Fuller se “recusou a exercer seu poder de clemência; seu comitê consultivo concordou com esta posição. Manifestações ocorreram em muitas cidades do mundo e bombas foram detonadas na cidade de Nova York e na Filadélfia”. Sacco e Vanzetti, mesmo inocentes, foram executados na cadeira elétrica em 23 de agosto de 1927. No 50º aniversário de suas mortes em 1977, o governador de Massachusetts, Michael S. Dukakis, proclamou que Sacco e Vanzetti não haviam sido tratados com justiça e que nenhum estigma deveria ser associado a seus nomes” – consultado no dia 09/09/19 [[www.britannica.com/biography/Sacco-and-Vanzetti](http://www.britannica.com/biography/Sacco-and-Vanzetti)]

muito imponentes. E é muito lindo que os operários tenham pago por isso com suas economias. Havia ali a encarnação dos ideais sociais, políticos e econômicos que eles defendiam. Eram locais de defesa dos trabalhadores imediatos”. Locais onde, segundo Anne Steiner, professora de Sociologia na Universidade de Paris X-Nanterre, autora de livros de referência sobre o movimento anarquista individualista e as lutas sociais da Belle Époque, também havia “debates, conferências e espetáculos aos domingos, que os trabalhadores vinham assistir com suas famílias. Espetáculos bem exigentes, de alto nível. Eram casas de educação popular”. Hoje muitos desses imóveis funcionam ainda como sede de entidades sindicais.

Para o professor francês Jean-Yves Mollier significava “uma ideia dourada no seio do movimento sindicalista”, que é o “sindicalismo de ação direta”, que ele prefere chamar de “sindicalismo autossuficiente”. Para ele, o “sindicalismo precisa ser capaz de impor todas as suas pautas e mudar radicalmente a sociedade”. E no papel sindical, os anarquistas recusam a estratégia das urnas. A cada eleição eles defendem um abstencionismo radical. Na observação da ensaísta libertária suíça Marianne Enckell, também para o documentário francês, os anarquistas entendiam que “o voto era uma arma ilusória, que não mudava nada”, e que “mesmo na melhor das democracias, os dez representantes do povo não dão nenhuma satisfação ao povo que os elege”. No que o historiador Norman Baillargeon complementa: “Não se trata de uma recusa à democracia e sim uma contestação daquilo que geralmente oferecem como sendo a democracia”. Como exemplo cita a rejeição à permanência do poder, por isso nos “movimentos anarcossindicalistas havia delegados, mas eles eram destituídos o tempo todo”. As mobilizações desses sindicatos tinham como projétil contra o capitalismo/burguesia a greve geral. Seria uma espécie de insurreição por meio da economia, sem a necessidade do uso da violência extrema. A socióloga Anne Steiner assim descreve o cenário possível: “Como a burguesia não é capaz de enfrentá-los, passa a existir uma sociedade sem Estado, já quem o Estado não tem mais razão de existir”.<sup>120</sup> Decide-se, então, o início da greve geral para o dia 1º de maio de 1906, o que provoca ansiedade e nervosismo e incendeia o clima entre os sindicalistas e o Estado/burguesia.

---

<sup>120</sup> Todas essas explicações dos historiadores aqui descritas foram em depoimentos ainda no primeiro episódio do documentário *História do Anarquismo*, mais amplo diante do seu período de surgimento como prática e da longevidade que prolongou-se.

Na contagem regressiva para a paralisação geral, bandeirolas indicavam a cronometragem mostrando quantos dias faltavam para a liberdade. Nesse meio tempo a “burguesia é tomada pelo pânico” e em Paris “uma tropa de 45 mil homens está a postos para impedir qualquer tipo de manifestação”, conta Anne Steiner, que discorre sobre a estratégia da polícia para dispersar manifestações: “Eles fazem a tática do carrocel, a cavalaria roda as praças, ocorrem enfrentamentos na Praça da República. Eles lutam com sabres e, geralmente, já chegam atacando com a parte cortante”. Confronto tal que deixou muitos manifestantes mortos e vários outros mutilados, além de prisões. Mesmo com o desfecho trágico, “os anarquistas não conseguem conquistar a jornada laboral de oito horas, mas o governo cede, sob pressão, a um dia de folga, e os trabalhadores provam que podem se mobilizar e ganhar uma causa”.

Novamente o altruísmo se sobressai entre os bravos anarquistas e a luta pela liberdade com igualdade continua, fortalecidos na popularidade que eleva o movimento de organização com o sindicalismo revolucionário. E é por meio da *Carta de Amiens* que se afirma a independência de ação dos sindicatos em relação aos partidos políticos (apartidarismo), enfatiza a separação entre economia e política. Torna-se “uma das referências e documentos mais importantes do sindicalismo revolucionário”.<sup>121</sup> Carta declarada durante o congresso da Confederação Geral do Trabalho da França, realizada na cidade de Amiens, em 1906. “Continua sendo, ainda hoje, o código do movimento sindical na França e no mundo”, atesta o escritor sul-africano Michael Schmidt, no documentário dirigido por Ramonet. O sindicalismo revolucionário abre o leque de abrangência em diversos países, sobretudo os capitalistas industrializados. Chega, inclusive, a populações periféricas, “até então negligenciadas pelas demais correntes políticas”, com suas publicações impressas em todos os idiomas, e assim o anarquismo reforça “sua influência e aumenta sua força de impacto”, completa Schimidt.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Consultado no site Esacamedic [<https://esacademic.com/dic.nsf/eswiki/230762>], dia 09/09/19

<sup>122</sup> História do Anarquismo [<https://www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=188s>] – conferido em 08/09/19

## 2.4.: Sindicalismo e anarquismo

É na França, onde a filosofia do movimento anarquista propalada por Proudhon ficou comprometida devido às tendências individualistas nos atos terroristas, que anarquistas se unem em esforços para agrupar uma massa de seguidores, principalmente pela infiltração nos sindicatos. Esta incursão no anarquismo era “particularmente ativa nos bourses du travail ("trocas de trabalho"), grupos locais de sindicatos originalmente criados para encontrar trabalho para seus membros”. Em 1892 foi formada uma confederação nacional dessas ‘trocas de trabalho’, e em 1895 “um grupo de anarquistas, liderado por Fernand Pelloutier, Émile Pouget e Paul Delesalle”<sup>123</sup>, passa a controlar a organização e desenvolve a teoria e a prática da classe trabalhadora. “Ativismo mais tarde conhecido como anarcossindicalismo ou sindicalismo revolucionário”.<sup>124</sup>

Nas discussões para destruir o capitalismo e Estado, muitos dos anarcossindicalistas defendem que a “função tradicional dos sindicatos - lutar por melhores salários e condições de trabalho - não era suficiente”. Partindo dessa premissa, argumentam que os “sindicatos devem se tornar organizações militantes” e agir para “dominar fábricas e serviços públicos, que seriam operados pelos trabalhadores”, tornando o sindicato em “dupla função - como órgão de luta dentro do sistema político existente e como órgão de administração após a revolução”. A estratégia para o que chamavam de "revolução das armas cruzadas" visualizava um “colapso do Estado e do sistema capitalista”. Apesar das “greves gerais parciais, com objetivos limitados” na França e “em outros lugares com sucesso variável”, o prospecto da “greve geral milenar” para “derrubar a ordem social em um único golpe nunca foi tentada”. Mesmo assim, os anarcossindicalistas somaram prestígio entre os trabalhadores da França e “mais tarde da Espanha e da Itália”, devido a incisivas atitudes diante de que as “condições de trabalho eram ruins e os empregadores tendiam a responder brutalmente à atividade sindical”.<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> Paul Delesalle (1870-1948) – metalúrgico francês e “depois livreiro especializado; anarquista militante e sindicalista revolucionário; vice-secretário da Federação de Intercâmbios do Trabalho e, em seguida, da seção de Intercâmbios da CGT, de 1897 a 1908”. Conferido no dia 08/01/2020 em Le Maitron (Associação de Amigos do Maitron): <http://maitron-en-ligne.univ-paris1.fr/spip.php?article76074>

<sup>124</sup> Conferido na Encyclopedia Brittanica no dia 28/08/19 [www.britannica.com/topic/anarchism/Anarchism-as-a-movement-1870-1940#ref539310].

<sup>125</sup> Ibid.

E a grande organização sindical francesa chamada Confederação Geral do Trabalho (CGT) é fundada em 1902, com os anarcossindicalistas mantendo o controle da organização até 1908, exercendo “considerável influência sobre seus interesses” até depois da Primeira Guerra Mundial, conforme descreve a *Encyclopedia Britannica*.<sup>126</sup> Nesse cenário do sindicalismo podemos abordar as intensas atividades do anarquista italiano Errico Malatesta (1853-1932), “essencialmente propagandista e organizador” que “contribuiu, em teoria e prática, com a trajetória do anarquismo em muitos países; militou em distintas localidades na Europa, nas Américas e na África”. Foi Malatesta um dos primeiros fundadores dos “sindicatos revolucionários na Argentina, no fim dos anos 1880; participou de greves na Bélgica, em 1893, e de protestos contra o aumento do pão na Itália, em 1898; contribuiu com a União Sindical Italiana (USI); participou da greve geral e da Semana Vermelha de 1914, na Itália; articulou a esquerda antifascista na Aliança do Trabalho, no início dos anos 1920. Participou, de armas a mão, das insurreições de Apulia, em 1874, de Benevento, em 1877, e foi preso mais de uma dezena de vezes”, conforme destaca o pesquisador brasileiro do anarquismo Felipe Corrêa.<sup>127</sup>

Malatesta não deixou nenhuma obra completa, mas seus muitos escritos seguem até hoje como, digamos assim, uma bíblia para os adeptos do movimento libertário. No escrito *Anarquismo e Sindicalismo*,<sup>128</sup> ele descreve sobre sua fala na sessão de encerramento do último congresso da União Sindical Italiana, em que ironiza: “Pronunciei palavras que escandalizaram os “sindicalistas puros”, que desagradaram certos camaradas, sem dúvida porque as consideram inoportunas, e, o que é pior, receberam aplausos mais ou menos interessados de pessoas estranhas à União Sindical, distantes de minhas ideias e de meu pensamento”. Sobre esse momento, ele distingue “sindicalismo e anarquismo”. Atenta para a importância de não se “confundir o “sindicalismo”, que quer para si uma doutrina e um método para resolver a questão social,

---

<sup>126</sup> Conferido no dia 28/08/19 [[www.britannica.com/topic/anarchism/Anarchism-as-a-movement-1870-1940#ref539310](http://www.britannica.com/topic/anarchism/Anarchism-as-a-movement-1870-1940#ref539310)]

<sup>127</sup> Artigo do brasileiro Felipe Corrêa, sob o título “Pensamento político de Errico Malatesta”, produzido como contribuição ao curso de extensão “Teoria Política Anarquista e Libertária”, realizado em 2014, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e promovido pelo Observatório do Trabalho na América Latina. Conferido em 29/08/19 [[www.academia.edu/5942604/O\\_Pensamento\\_Pol%C3%ADtico\\_de\\_Errico\\_Malatesta](http://www.academia.edu/5942604/O_Pensamento_Pol%C3%ADtico_de_Errico_Malatesta)]

<sup>128</sup> Escritos Revolucionário de Errico Malatesta, Sindicalismo e Anarquismo, Umanità Nova, 06/04/1922, pp. 40-41. Conferido 28/08/19: [<http://www.culturabrasil.org/zip/malatesta.pdf>].

“com a propaganda, a existência e a atividade dos sindicatos operários”. Reconhece a utilidade dos “sindicatos operários” para a “ascensão do proletariado”, semeando a “consistência aos trabalhadores de suas reais posições de explorados e escravos”, que se faz “compreender que os patrões são inimigos e que o governo é o defensor dos patrões”. Entende que as melhorias, mesmo “sendo incertas e ilusórias”, são necessárias para “impedir que a massa se adapte e se embruteça” na miséria sempre igual e assim aniquilar “o próprio desejo de uma vida melhor”. Resume: “O sindicato operário é, por sua natureza, reformista, não revolucionário” (*Anarquismo e Sindicalismo*).

Malatesta, entretanto, defende o trabalho organizativo, de construir e criar movimentos populares e de participar dessas mobilizações populares mais amplas para fortalecer o processo social cuja força seria responsável por um processo revolucionário, conforme explica o pesquisador brasileiro Felipe Corrêa. Segundo especifica, o italiano entendia que “as massas devem ser as protagonistas do processo de transformação social” e atenta para que “a pedagogia das lutas, como o processo de mobilização, possui riscos por meio de pautas corporativas, reivindicando questões de curto prazo e perdendo a perspectiva revolucionária”. Diz que Malatesta “se aproxima mais do sindicalismo revolucionário do que da estratégia anarcossindicalista, que defende o vínculo explícito e programático do anarquismo com os movimentos populares”.<sup>129</sup>

No que se relaciona à “greve geral de protesto, para apoiar reivindicações de ordem econômica e política compatíveis com o regime”, Malatesta entende como “uma arma poderosa nas mãos do proletariado” para desencadear uma revolução social radical, contanto que saiba “compreendê-la” e “utilizá-la” diferentemente da forma “praticada pelos seus antigos partidários”. Questiona-se, e alerta: “Entretanto, eu me pergunto se a ideia da greve geral não fez mais mal do que bem à causa da revolução! Na realidade, creio que no passado o mal levou a melhor sobre o bem e hoje poderia ser o contrário, ou seja, a greve geral poderia ser um meio eficaz de transformação social, mas sob a condição de compreendê-la e de utilizá-la de uma forma diferente daquela praticada pelos seus antigos partidários”.<sup>130</sup>

---

<sup>129</sup> Felipe Corrêa (vídeo) sobre “Errico Malatesta – Teoria e estratégia anarquista”, conferido em 17/07/19: [ithanarquista.wordpress.com/2013/08/05/errico-malatesta-teoria-estrategia-anarquista].

<sup>130</sup> Escritos Revolucionário de Errico Malatesta, A Greve Geral, Umanità Nova, n.º 132, 7 de junho de 1922; pp. 45-47. Conferido 28/08/19: [http://www.culturabrasil.org/zip/malatesta.pdf].

O mito da greve geral pela classe trabalhadora teve apologia no teórico francês Georges Sorel (1847 – 1922), adepto do sindicalismo revolucionário para promover a ruptura do regime capitalista, com a massa laboriosa cruzando os braços e paralisando a economia. Além de não ser uma personalidade dos meios sindicais, Sorel “era repudiado por seus teóricos, Pelloutier, Pouget, Pataud<sup>131</sup> e Yvetot”<sup>132</sup>. Engenheiro de profissão, interessou-se primeiro por Marx e depois por Bergson<sup>133</sup>, e tentou “combinar as ideias desses complexos filósofos com a experiência prática do movimento sindicalista com o propósito de criar sua própria teoria de desenvolvimento social”. Foi considerado um dos principais idealizadores do sindicalismo revolucionário, com trajetória intelectual de oscilações políticas que o levaram a polêmicas vinculadas à tradição marxista. Observou no “sindicalismo revolucionário” o formato de “toda a organização do proletariado”. Para ele, a “relação entre greves violentas e a guerra é frutífera em resultados”, e concorda que “a guerra ofereceu às antigas repúblicas as ideias que formam o ornamento” da cultura moderna. “A guerra social, para a qual o proletariado não cessa de se preparar nos sindicatos, pode gerar os elementos de uma nova civilização, característica de um povo de produtores” (Georges Woodcock - O Movimento, p.98).

No célebre livro *Reflexões sobre a Violência*, que publicou em 1908, Sorel aparece como “um defensor do movimento trabalhista puro e autônomo, que continua sendo a única chance de salvar o mundo da decadência moral”.<sup>134</sup> Na conclusão do seu livro, Sorel diz que são em “greves que o proletariado afirma a sua existência”, e relaciona ao poder de violência: “A greve é um fenômeno de guerra; seria mentira dizer que a violência é um acidente chamado a desaparecer das greves”. (p. 297). Sobre a greve geral, reafirma: “O mito em que o socialismo está totalmente condensado, ou seja, uma organização de

---

<sup>131</sup> Émile Pataud (1869-1935) foi “eletricista; sindicalista revolucionário; secretário do sindicato do CPDE, de 1904 a 1910, e sindicato dos trabalhadores da indústria elétrica – consultado em 29/08/19 [http://maitron-en-ligne.univ-paris1.fr/spip.php?article107712].

<sup>132</sup> Georges Yvetot (1868-1942) foi “tipógrafo, anarquista e sindicalista, eleito secretário-geral da Federação das Bolsas de Valores em 22 de março de 1901; secretário-geral adjunto da CGT” - consultado em 29/08/19 [http://maitron-en-ligne.univ-paris1.fr/spip.php?article135463].

<sup>133</sup> Henri Bergson (1859-1941) foi “filósofo francês, o primeiro a elaborar o que passou a ser chamado de filosofia do processo, que rejeitava valores estáticos em favor de valores de movimento, mudança e evolução. Ele também era um estilista literário mestre, de apelo acadêmico e popular, e recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1927” - consultado em 29/08/19 [https://www.britannica.com/biography/Henri-Bergson].

<sup>134</sup> Georges Sorel por Joanna Gornicka, filósofa e professora da Universidade de Varsóvia, Polônia, conferido em 29/08/19 [http://maitron-en-ligne.univ-paris1.fr/spip.php?article76073].



imagens capazes de evocar instintivamente todos os sentimentos que correspondem às diversas manifestações da guerra travada pelo socialismo contra a sociedade moderna”. Considera que as greves “originaram no proletariado os sentimentos mais nobres” e que os reúnem em um quadro geral e, dessa forma, “dá a cada um deles sua máxima intensidade”. (pp.128-129).

No seu artigo sobre Sorel, a filósofa e professora polonesa Joanna Gornicka explica que o “método da luta sindicalista é encontrado na análise de Sorel sobre a concepção de força e violência”, onde a força “é o poder das instituições e do Estado no sistema de classes” que, com a ajuda dos meios administrativos e econômicos, “viola e humilha a dignidade do homem”, enquanto a violência “é um acto único para suprimir as classes da sociedade”; restaurando a “liberdade pela constituição de um novo épico moral baseado no dever geral do trabalho”. Entende que se o “trabalho se tornar a medida universal de valores”, a nova sociedade encontrará resistência contra as “crises da cultura e da civilização”.<sup>135</sup>

A força-motora na experiência do sindicalismo revolucionário transforma o anarquismo, “pelo menos por um tempo”, em um movimento com considerável apoio de massa, “embora a maioria dos membros dos sindicatos fosse de simpatizantes e companheiros de viagem, em vez de anarquistas comprometidos”, dimensiona a *Enciclopedia Britannica*.<sup>136</sup>

---

<sup>135</sup> Ibid.

<sup>136</sup> Conferido em 25/07/19 [[www.britannica.com/topic/syndicalism](http://www.britannica.com/topic/syndicalism)]

### Parte III: Revoluções e vertentes

#### 3.1.: O sonho da transformação

No início do século XX a ideia de tempos libertários ecoa pelo mundo, o anarquismo se fortalece e o tão propalado sonho da revolução parece ao alcance desejado, a tal ponto de se transformar em “elementos de paisagem social que se podiam ver revolucionários a ostentar sua bandeira negra sobre os recém lançados cartões-postais”, descrição feita no início do segundo episódio do documentário *História do Anarquismo*, que retrata o movimento entre os anos de 1907 e 1921, sob o tema “Terra e Liberdade”.<sup>137</sup> O cenário era, digamos assim, de “tanatose” – o mecanismo de defesa em que algumas espécies de animais se fingem de mortas para driblar o predador. Essa comparação uso aqui para explicar, por exemplo, a estratégia de Armand Fallières, novo presidente da República Francesa que em 1910 inaugurou em Besançon “com toda pompa, incluindo Marselhesa<sup>138</sup> e desfile da Guarda Suíça<sup>139</sup>”, uma estátua em homenagem a Proudhon.



Fig. 7 – Inauguração da estátua de bronze na Avenida Helvetia, realizada pelo escultor Georges Laethier. Não existe mais. Foi retirada durante a ocupação nazista para, fundida, ser usada em armamento.

Fonte: [www.besac.com/tourisme-besancon/pierre-joseph-proudhon/76.htm](http://www.besac.com/tourisme-besancon/pierre-joseph-proudhon/76.htm)

<sup>137</sup> Conferido no dia 30/08/19 [[www.britannica.com/topic/anarchism/Anarchism-as-a-movement-1870-1940#ref66524](http://www.britannica.com/topic/anarchism/Anarchism-as-a-movement-1870-1940#ref66524)].

<sup>138</sup> Marselhesa é o Hino Nacional Francês [<https://www.youtube.com/watch?v=9izCgn4iUqw>].

<sup>139</sup> “A Guarda Suíça da França era um destacamento militar com mercenários suíços que foram recrutados para O Exército Real e denominados Guarda Suíça” – conferido em 11/09/19 [[https://www.wikiwand.com/pt/Ex%C3%A9rcito\\_Real\\_franc%C3%AAs](https://www.wikiwand.com/pt/Ex%C3%A9rcito_Real_franc%C3%AAs)].

Enquanto as pompas e circunstâncias exibem um cenário dissimulado, nos bastidores “as condições dos trabalhadores permanecem muito difíceis”. Mesmo com a encenação, nos escaninhos do poder se temia a “iminência de um conflito mundial” para a transformação pretendida pelos libertários. A máscara, então, cai com a continuidade da sede por revolução, e “da França ao México, da Espanha à Ucrânia, em um período cheio de barulho e de furor, os anarquistas tentarão destruir de uma vez por todas o velho mundo”, segundo descrição no documentário francês. E é nessa transformação que começa uma forma espontânea de liberdade, “em lugares esquecidos, com mulheres e homens de um novo gênero, que criam outra das grandes correntes do movimento anarquista: o individualismo” (História do Anarquismo – Terra e Liberdade), que, diga-se, não se assemelha aos que se designavam anarquistas e promoviam ataques individuais, os chamados ilegalistas, que foram rotulados de terroristas. A época desse “novo homem” remete a 1909, que tinha na leitura o pensamento de semelhança egoísta do anarco-individualista Max Stirner (1806-1856). Tal grupo não acreditava na existência de “uma realidade social objetiva independente do indivíduo”, que “as classes sociais, o estado, as massas e a humanidade são abstrações e, portanto, não precisam ser consideradas seriamente”, e ensinou para os “leitores da classe trabalhadora” que “todas as pessoas são capazes da autoconsciência que as tornaria "egoístas", ou verdadeiros indivíduos”.<sup>140</sup>

A trajetória dessa nova forma – individualista - foi examinada “caso a caso” pela historiadora Anne Steiner, professora da Universidade de Nanterre. Ela conta, em



Fig. 8.: Anarquismo individualista

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=503s>

---

<sup>140</sup> História do Anarquismo: Terra e Liberdade – 1907 a 1921, conferido em 30/08/19 [<https://www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=503s>].

depoimento no capítulo “Terra e Liberdade”, que o desejo era “poder trabalhar sob seu próprio desígnio, por vontade própria”, e assim ser “homens por completo”. Rejeitam o “trabalho, a família, a pátria, todos os fundamentos da moral burguesa”. A proposta de “alternativas no modo de viver” faz “deles verdadeiros revolucionários”.<sup>141</sup>

Na fronteira desse aspecto de vida inspirado pelos individualistas eram defendidos abertamente a sexualidade, a educação e o modo de vestir, como vieram ao mundo, de preferência. Assim, passam a aderir a nudez, as mulheres se libertam do “espartilho, os chapéus e todas as roupas coercitivas”. Nesta pluralidade de viver também não consideram inconveniente amar várias pessoas ao mesmo tempo, numa liberdade tanto para mulheres quanto para os homens. Doutrina que fez “muito ranger de dentes e sofrimento”. O historiador Gaetano Manfredonia completa: “Em lugar do casamento, irão preconizar a união livre. Ou então, alguns, o amor livre”. Ou seja: conquistas que seguem até hoje, principalmente, com o desenvolvimento do chamado mundo globalizado. “Apesar de individualistas, esses anarquistas se agrupam bastante e, não podendo mudar o mundo, decidem mudar o universo”. Mas, como? De acordo com a explicação do documentário francês, eles criam nas cidades “ateneus libertários ou colônias agrícolas na zona rural” e propalam “seus ideais e seus atos”. Foi assim na “Palestina, onde os anarquistas judeus fundam Degania<sup>142</sup>, a mãe dos kibutzim<sup>143</sup>. Mas é sobretudo na América Latina que verdadeiras vilas libertárias nascem”. Essa forma de vida que ataca tudo o que contrariasse a vontade do indivíduo e evita todo tipo de vínculo, regra ou moral, contudo, “não triunfa”, e “suas colônias, verdadeiras anti-sociedades, que deveriam ser o germe do mundo novo, fecham uma após a outra”.<sup>144</sup>

Max Stirner, por considerar a “sociedade vigente autoritária e anti-individualista”,

---

<sup>141</sup>Ibid.

<sup>142</sup> Degania é considerada a “mãe dos Kibutzim”, fundada em 1910 com “pensamentos de assentamentos e comunidades comunais. A palavra kevutsa (fazenda coletiva) foi pronunciada pela primeira vez na fazenda Kinneret, criada em 1909 pelo escritório da Terra de Israel, chefiado pelo Dr. Arther Ruppín, durante a Segunda Aliya (1904-1914), quando o Império Otomano governou o país. Alguns dos primeiros assentamentos aliya foram bem-sucedidos, outros estavam em declínio” – consultado em 30/08/19 [https://degania.org.il/en/degania-homepage/history].

<sup>143</sup> Kibutz (kibutzim no plural) - "reunião" ou "juntos" – “é uma forma de comunidade comunitária em Israel” – por Jayme Fucs Bar em judaismohumanista.ning.com/profiles/blogs/os-kibutzim.

<sup>144</sup> Trecho do documentário Historia do Anarquismo: Terra e Liberdade – conferido no dia 30/08/19 [https://www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=503s]

defende “a derrubada das instituições governamentais”, que seja propalada a “igualdade entre todos os egoístas, mesmo que a veja em termos de tensão criada pelo equilíbrio de forças; e sugere – embora de forma um tanto vaga - meios insurrecionais através dos quais seria possível transformar a sociedade”, caracteriza Woodcock. Considera que “poucos anarquistas foram tão radicais quanto Stirner no seu culto à força, nem tão entusiastas na sua visão da vida como um eterno e amoral conflito de vontades”. Mas o seu mundo “fanático do individualismo” assustou “até alguns anarquistas, como Kropotkin, pela ferocidade do que ensinava”.<sup>145</sup>

### 3.2.: Pedagogia anarquista

Com o fracasso dessa corrente de pensamento individualista, entra em ação uma nova forma de se pensar a conquista da revolução social. Projeta-se que para mudar a sociedade se faz mister mudar o indivíduo. Ao considerar que a escola burguesa “inculca nas crianças desde a origem valores autoritários e centraliza todos os dispositivos de poder” surgem novas pedagogias e a “antiga Paideia<sup>146</sup> se mistura aos princípios libertários”. Novas formas de educação se espalham mundo afora e na Espanha surge um dos mais importantes: o *Movimento das Escolas Modernas*, criado pelo pedagogo anarquista espanhol Francisco Ferrer, com a proposta de fomentar uma educação laica, para crianças e adultos, “baseada em relações igualitárias entre alunos e professores”,

---

<sup>145</sup> WOODCOCK, George: História das Idéias e Movimentos Anarquistas –A Ideia. Floresta (RS): L&PM Editores, 2006. Tradução de Alice K. Miyashiro, Heitor Ferreira da Costa, José Antônio Arantes e Júlia Tettamanzy, pp. 103-104.

<sup>146</sup> Termo do grego antigo empregado para sintetizar a noção de educação na sociedade grega clássica, com ideais em que os estudantes eram submetidos a um programa que procurava atender a todos os aspectos da vida do homem. Entre as matérias abordadas estavam a geografia, história natural, gramática, matemática, retórica, filosofia, música e ginástica – conferido em 12/07/19 no site [www.infoescola.com/educacao/paideia](http://www.infoescola.com/educacao/paideia).

contextualiza historiador Robert Graham.<sup>147</sup> Da França, onde lecionava, Ferrer retornou a Barcelona para erguer a Escola Moderna, com o dinheiro que recebeu da herança da sua aluna francesa que chamava-a de “senhorita Meunier”. Escola construída em um “local amplo e arejado, com salas bonitas e bem decoradas, espaços múltiplos e pátios externos, para atividades ao ar livre”, onde tais atividades iam além da escola, com “visitas a fábricas, passeios pela praia para estudar a geografia local”, conforme descreve o professor brasileiro Sílvio Gallo no artigo “Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna”.<sup>148</sup> Sintetiza que o educador catalão cria uma editora para produzir os livros da sua escola, por considerar inadequados os livros didáticos disponíveis à época. De nome La Editorial, passa a publicar também o *Boletín de la Escuela Moderna*, para divulgar as atividades da escola e suas propostas pedagógicas, como a “coeducação” de ambos os sexos e de distintas classes sociais. Ferrer defende que o “ensino misto penetra por todos os povos cultos” e que não seria o primeiro, a lembrar: “Faz tempo que são reconhecidos os seus ótimos resultados. Esse ensino de referência teve como propósito a educação idêntica para as crianças de ambos os sexos para que desenvolvessem de forma semelhante a inteligência e assim “purifiquem o coração e temperem suas vontades” e que a “humanidade feminina e masculina seja compenetrada, desde a infância, com a mulher chegando a ser, não em nome, mas na realidade, a companheira do homem”.<sup>149</sup> Muito antes de Ferrer, no ano de 1869, Mikhail Bakunin já alertava para a importância da educação igualitária. O conceito central sobre educação foi descrito na obra *A instrução integral*, onde ele defende que a igualdade entre os homens existirá de fato quando todos tiverem acesso à mesma instrução. Pondera que a divisão faz com que a minoria burguesa, privilegiada nos estudos, exerça funções de controle e poder sobre a grande massa proletária, impedindo, assim, a efetivação da *Instrução Integral*, pois os burgueses ostentam vida boa na apropriação indevida do exaustivo trabalho do proletário, que, por sua vez, não tem acesso ao conhecimento:

---

<sup>147</sup> História do Anarquismo: Terra e Liberdade.

<sup>148</sup> Professor Associado do Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, SP, Brasil – conferido em 05/08/19 [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0103-73072013000200015].

<sup>149</sup> GUÀRDIA, Francesc Ferrer: A Escola Moderna. Tradução e diagramação: Ateneu Diego Giménez, COB-AIT, Piracicaba, SP, 2010. Edição original: La Escuela Moderna, FORU-AIT, Uruguai, 1960 [difusaolibertaria.files.wordpress.com/2012/11/adg-a-escola-moderna.pdf].

"Os burgueses não acham de modo algum que os seus filhos devam transforma-se em trabalhadores, e os trabalhadores estão privados de todos os meios que possibilitariam aos seus filhos uma instrução científica".<sup>150</sup>

O sucesso das escolas laicas e libertárias, onde crianças posam com rosto encoberto, entretanto, desperta inquietude no clero e na burguesia, que miram numa forma de condenação para Francisco Ferrer, um homem que era oposto “a todas as formas de violência”. A ocasião para culpá-lo erroneamente acontece na chamada “Semana Trágica de 1909”.<sup>151</sup> Ele foi acusado de “ter fomentado a greve geral de Barcelona” e imediatamente é “condenado à morte”.<sup>152</sup> Houve comoção internacional e protestos em “todas as grandes cidades da Europa” para “impedir a execução”, além de petições e até governos intervieram junto ao “governo espanhol” para poupá-lo, mas Ferrer é executado por um pelotão de fuzilamento. Horas após sua execução, “multidões se reúnem em toda parte nas grandes cidades e, principalmente, em Paris”, no dia 13 de outubro de 1909, com uma explosão de tumultos. “Os estivadores, que são, na verdade, a flor do proletariado dessa época, chegam com as enxadas nos ombros e arrancam o calçamento das avenidas, desenterram o encanamento de gás, furam e põem fogo. Paris é transformada em uma fogueira”.<sup>153</sup>

A soma de execuções pelo Estado/governo, como as de Ferrer, de Kotoku<sup>154</sup>, no Japão, e, alguns meses depois, de Sacco e Vanzetti<sup>155</sup>, nos EUA, exacerbam ainda mais os ânimos libertários e provocam nos “defensores do roubo, que preferem definir como expropriação”, uma retomada “individual do banditismo revolucionário”, com atos

---

<sup>150</sup> BAKUNIN, Mikhail: A Instrução Integral. Editora: Imaginário, editora brasileira especializada em obras libertárias. Coleção Escritos Anarquistas, 2003, p. 51.

<sup>151</sup> A Semana Trágica foi uma insurreição ocorrida em várias cidades catalãs, mas principalmente na de Barcelona, Espanha, durante a última semana - de 26 a 31 - de Julho de 1909, durante o reinado de Alfonso XIII, que gerou grande comoção social e repercussão na política governamental espanhola, momento que a situação social e sindical de Barcelona era explosiva, com a classe trabalhadora no auge da conscientização e organização, e o anarquismo contava com muitos seguidores, que levaram a culpa maior pelo cenário de edifícios, muitos deles religiosos, incendiados e com centenas de mortos – conferido em 05/08/19 no site [br.historyplay.tv/hoje-na-historia/e-desencadeada-semana-tragica-na-espanha](http://br.historyplay.tv/hoje-na-historia/e-desencadeada-semana-tragica-na-espanha).

<sup>152</sup> Marianne Enckell - ensaísta e historiadora do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo.

<sup>153</sup> Anne Steiner - Historiadora e professora da Universidade de Nanterre.

<sup>154</sup> Destacada figura do anarquismo japonês, Shusui Shūsui Kōtoku foi executado em janeiro de 1911, em Tóquio, junto a outros 11 anarquistas, entre eles a sua mulher, Kanno Sugako, escritora e jornalista anarco-feminista – conferido em 06/09/19 [[aov.blogs.sapo.pt/memoria-libertaria-a-selvatica-execucao-1107787](http://aov.blogs.sapo.pt/memoria-libertaria-a-selvatica-execucao-1107787)].

<sup>155</sup> Anarquistas italianos executados nos Estados Unidos, descritos na pag. 39 deste trabalho.

violentos em todo o mundo e precipitam na Europa a tão sonhada revolução, com “esses anarquistas” atacando “indistintamente a propriedade”, o que torna o “assalto” uma “estratégia revolucionária”.<sup>156</sup> Esses defensores do roubo ficaram conhecidos como “bandidos trágicos”, e sobre eles o revolucionário italiano Errico Malatesta escreveu em junho de 1913, no *Volontà di Ancona*, periódico de propaganda anarquista, no qual considera que parecia “tarde demais para falar deles”, mas posteriori porque considera que os “factos e discussões que, assim como se repetiram no passado, assim se repetirão infelizmente ainda no futuro, enquanto perdurarem as causas que os produzem”.<sup>157</sup> Descreve-os como “frutos amargos que amadurecem normalmente na árvore do privilégio”, que se declaram anarquistas, enquanto a burguesia mais uma vez se “aproveita” para “caluniar o anarquismo e consolidar o seu domínio”, e a “polícia”, que para Malatesta provoca as ações desses chamados bandidos – “amiúde ocultamente” – para promover a sua “importância própria, saciar o seu instinto de perseguição e aniquilamento, recebendo o preço do sangue em dinheiro e promoções”.<sup>158</sup>

### 3.3.: Filosofia heterogênea

O pensamento anárquico reúne uma variedade de vertentes, mas, apesar de alguns conceitos diferenciados, existe a convergência única entre as correntes: rejeição à dominação e à autoridade. Diferentemente dos marxistas, os anarquistas se distinguem “pelo que fazem e pela forma como se organizam para conseguir fazê-lo”, concebe o anarquista e antropólogo norte-americano David Graeber, em sua obra *Anarquismo no século XXI*. Comparação que faz para explicar a ideia, para ele “forçada”, de que o anarquismo, remetendo aos relatos tradicionais, geralmente é “mostrado como o primo

---

<sup>156</sup> Terra e Liberdade: [www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=188s](http://www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=188s).

<sup>157</sup> Artigo “Os Bandidos Trágicos”, por Errico Malatesta, conferido no dia 09/09/19 [<https://ultimabarricada.wordpress.com/2019/04/28/os-bandidos-tragicos>].

<sup>158</sup> Ibid.



pobre do marxismo”, por ser, teoricamente, menos preparado na forma organizacional, o que, para o autor, é recompensado – “talvez” – com “paixão e sinceridade”. Para exemplificar a dominação marxista, chama a atenção de que eles imprimem o nome de seus fundadores – “como no Lacanianismo, Maoismo e Leninismo” -, enquanto no anarquismo as linhas de pensamento são formas genéricas de “princípios como as chamadas vertentes”, por exemplo “anarcoindividualismo”, “anarcossindicalismo”, “anarcofeminismo”.<sup>159</sup>

No fervor da metade do século XX surge Murray Rothbard (1926 – 1995), considerado o grande teórico libertário dessa época, criador do libertarianismo moderno, também chamado de anarcocapitalismo, que ficou conhecido como “Senhor Libertário” e “O Maior Inimigo Vivo do Estado”, conforme descreve Llewellyn H. Rockwell Jr., norte-americano comentarista libertário de política, editor do LewRockwell.com, na introdução do livro *Por uma nova liberdade, o Manifesto libertário*, de Rothbard.<sup>160</sup> Tendência essa com pensamento contrário ao Estado, mas favorável à propriedade privada, sob o prisma de que tudo que os governos fazem, os indivíduos e as empresas podem fazer melhor. Para Lew Rockwell, este livro de Rothbard “ainda é considerado “perigoso””, considerando que “uma vez ocorrida a exposição ao rothbardianismo, nenhum outro livro sobre política, economia ou sociologia poderá novamente ser lido da mesma maneira”.

Rothbard defende a “não-agressão como “axioma central” do “credo libertário”, em que “nenhum ou grupo de homens pode cometer uma agressão contra a pessoa ou a propriedade de qualquer outro”. Tal agressão identifica como “sinônimo de invasão”.<sup>161</sup> O filósofo político americano reconhece que na balança ideológica contemporânea os libertários não abrem mão de ser contrários ao que vêm ao longo da história rejeitando, por considerar “um agressor central” e “dominante”: o Estado. E é neste detalhe que se percebe a diferença entre todos os outros pensadores, sejam de esquerda, de direita ou entre ambos: “o libertário se recusa a conceder ao estado a sanção moral para cometer

---

<sup>159</sup> GRAEBER, David: O Anarquismo no Século 21 e outros ensaios. Adaptado do e-book editado por Rizona Editorial, com tradução de Heitor Magalhães Corrêa, 2013, pp. 10-11.

<sup>160</sup> ROTHBARD, Murray: Por uma nova liberdade – O manifesto libertário, 1ª Edição, São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, tradução e Rafael de Sales Azevedo. Introdução, pp. 11-14.

<sup>161</sup> Ibid., Primeira Parte - O Credo Libertário, Propriedade e Troca - O Axioma da Não-Agressão, p. 38.

atos que quase todos concordam que seriam imorais, ilegais e criminosos, se fossem cometidos por qualquer pessoa ou grupo na sociedade.<sup>162</sup>

Sobre o fundamento para a “não-agressão contra a pessoa e a propriedade de qualquer indivíduo” seja o “axioma central do credo libertário”, Rothbard estetiza que nesse ponto os libertários, tanto do passado quanto do presente, “diferem consideravelmente”. Por que, então? Ele considera a existência de “três tipos amplos de fundação para o axioma libertário, que correspondem a três tipos de filosofia ética: emotivista, utilitário e o dos direitos naturais. Descreve os “emotivistas” como os que afirmam que “tomam a liberdade ou a não-agressão como sua premissa unicamente por motivos subjetivos, emocionais”, mas que “difícilmente serve para convencer qualquer outra pessoa”, e assim chegam ao “insucesso da doutrina que tanto estimam”. Já os utilitários imaginam que a “liberdade levará com mais segurança às metas aprovadas: harmonia, paz, prosperidade etc”, mas observa a negatividade da ética utilitária quando se expõe à presunção de “pesar as alternativas e decidir a respeito de políticas com base em suas consequências boas ou más”, e também na dificuldade que o utilitarista tem de adotar “algum princípio como um padrão de medida absoluto ou consistente a ser utilizado nas diversas situações concretas do mundo real”. No quesito “direitos naturais” aponta que são a “pedra fundamental de uma filosofia política que, por sua vez, está incrustada numa estrutura política superior, a da “lei natural””.<sup>163</sup>

Ao abordar sobre “comunalismo participativo” ou “comunismo”, o anarcocapitalista rebate ao analisar a lógica dos números: se essa premissa “sustenta que todos os homens deveriam ter o direito de possuir a propriedade de uma parcela igual de todos os outros”, isso que dizer que, diante do mundo com mais de dois bilhões de pessoas, “todos têm o direito de ter um bilionésimo de cada uma dessas outras pessoas”, o que considera um “disparate”, sob duas óticas, a primeira de que “cada homem tem o direito de ter propriedade sobre parte de todos os outros, e, no entanto, ele não tem o direito de ter propriedade sobre si mesmo”, e a segunda segue o pressuposto de “um mundo em que nenhum homem está livre para tomar qualquer atitude sem conseguir antes a aprovação ou, na realidade, ser assim ordenado por todos os outros membros da

---

<sup>162</sup> Ibid., pp. 37-38

<sup>163</sup> Ibid., Direitos de Propriedade, pp. 40-41.

sociedade”. Dessa forma, conclui:<sup>164</sup>

O mundo comunista participativo não pode ser colocado em prática; pois é fisicamente impossível para todos manter o controle contínuo sobre todos os outros, e exercitar, assim, sua fração igualitária de propriedade parcial sobre todos os outros homens. Na prática, portanto, o conceito de propriedade universal e igualitária sobre os outros Propriedade e Troca é utópica e impossível, e a supervisão e o decorrente controle e propriedade sobre os outros recairia necessariamente sobre um grupo especializado de pessoas, que acabaria por se tornar uma classe dominante. Assim, na prática, qualquer tentativa de governo comunista automaticamente se torna um governo de classes, e nos remeteria à primeira alternativa.

Na vertente do libertarianismo aparece outro notável norte-americano: Robert Nozick (1938-2002). Mas, ao contrário de Rothbard, ele acredita que uma instituição como “Estado” pode existir sem que viole os direitos dos indivíduos. É o que se pode chamar de retomada\* do Estado mínimo, na variante do neoliberalismo americano a partir das décadas de 1970 e 1980. Ao mesmo tempo em que defende a possibilidade de um estado mínimo que não exerça interferência na economia de um país, Nozick aceita o livre mercado de agências de proteção do anarcocapitalismo, sob a justificativa de que a proteção é um benefício, e não um direito. Assim, o mercado deve prover esse benefício como dota qualquer outro, porque para o proeminente filósofo esse “Estado é apenas uma agência (ou uma federação) que se tornou dominante em um dado território, e é assim que essa agência (ou a federação) precisa continuar se concebendo para não se tornar uma agência agressora”, como explica em artigo a professora brasileira Andrea Faggion, pós-doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas e Colorado University at Boulder, nos Estados Unidos.<sup>165</sup> Dessa forma, a tendência de Nozick era defender ao máximo os direitos individuais do cidadão contra interferências do Estado. Com a publicação de *Anarquia, Estado e Utopia*,<sup>166</sup> em 1974, ele inicia com a afirmação de que

---

<sup>164</sup> Ibid., Direitos de Propriedade, pp. 43-44.

<sup>165</sup> Conferido no artigo “Um pequeno guia para Robert Nozick”, em 11/09/2019 [[www.studentsforliberty.org/pequeno-guia-robert-nozick](http://www.studentsforliberty.org/pequeno-guia-robert-nozick)].

<sup>166</sup> NOZICK, Robert: *Anarquia, Estado e Utopia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, tradução de Ruy Jungmann, 1991 (Prefácio).

\* No distante século 571 a.C. (até 531 a.C.) viveu o filósofo individualista chinês Lao Tzu, de quem se sabe pouco, que teria sido o primeiro economista político a discernir os efeitos sistêmicos da intervenção governamental. Entendeu que a opinião de que o indivíduo e sua felicidade eram a unidade fundamental da sociedade, e caso as instituições sociais prejudicassem a felicidade do indivíduo, elas deveriam ser reduzidas ou completamente abolidas. Declarou que qualquer intervenção por parte do governo seria contraproducente e levaria a confusão e tumultos – conferido em 11/09/2019 em: [www.mises.org.br/Article.aspx?id=673](http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=673).

“indivíduos têm direitos e há coisas que nenhuma pessoa ou grupo lhes pode fazer sem violar os seus direitos”. Direitos tão inerentes que se questiona até onde o Estado e seus servidores podem interferir, fazendo dessa teoria o tema central da sua obra, com a elaboração de diversas indagações, relacionando argumentos e, também, refutando. Na mesma obra informa que seu interesse pela teoria anarquista individualista nasceu de uma longa conversa que teve há alguns anos (que no livro ele fala em seis anos) com Murray Rothbard.

Pois bem, na tese central em que destaca os direitos individuais e a presença do Estado mínimo, Nozick apresenta esse estado “limitado a estreitas funções” como as de proteger os cidadãos “contra a violência, o roubo e a fraude, garantia do cumprimentos de contratos etc”, e atenta que se for qualquer Estado mais extenso “violaria o direito das pessoas de não ser obrigadas a fazer certas coisas e, assim, não se justifica”. Dessa forma, o “Estado mínimo é inspirador, assim como correto”.<sup>167</sup> Para rebater a condenação que os anarquistas individualistas imputam ao Estado como “imoral”, o filósofo indica a possível resolução dos problemas sem necessidade de originar um governo, no que chama de “mão invisível”, com o surgimento de associações não-estatais de ajuda mútua que tenham uma posição dominante por meio das leis do mercado. Tal alternativa “moral” seria a transição do que o autor denomina de “Estado ultramínimo” - que se diferencia do Estado Policial por proteger somente os que se associam e pagam voluntariamente pelo serviço - para o Estado mínimo, que impede os independentes de fazerem justiça com as próprias mãos, oferecendo a eles a compensação do amparo gratuito. Portanto, considera que nenhum direito é violado porque o monopólio da força surge por um processo de mão invisível, de mercado, e por meios “moralmente permitidos”:<sup>168</sup>

Explicar como um Estado emergiria do **estado de natureza\*** sem que os direitos de qualquer pessoa fossem violados. São assim rejeitadas as objeções morais do anarquista individualista ao Estado mínimo. Não se trata de imposição injusta de um monopólio: o

---

<sup>167</sup> Ibid., Capítulo 3, As restrições morais e o Estado, p. 42.

<sup>168</sup> Ibid., O Estado, p. 132

\* O autor remete ao “estado de natureza” sob a ótica do filósofo britânico John Locke (1632-1704) de que os indivíduos possuem “direitos naturais (incluindo o de tentar preservar a vida de alguém, de apreender objetos de valor não reclamados etc.) porque foram dados por Deus a todo o seu povo”. Estado inerentemente instável. “Os indivíduos estariam sob constante ameaça de dano físico. E eles seriam incapazes de perseguir quaisquer objetivos que exigissem estabilidade e ampla cooperação com outros seres humanos” – conferido no dia 11/09/19 em Internet Encyclopedia of Philosophy [www.iep.utm.edu/Locke].

monopólio de facto cresce mediante um processo de mão invisível e através de meios moralmente permissíveis, sem que o direito de pessoa alguma seja violado e sem que sejam apresentadas reivindicações a um direito especial que outros não possuem. E exigir dos clientes do monopólio de facto que paguem pela proteção daqueles a quem proíbem do exercício da justiça privada contra eles, muito longe de ser imoral, é moralmente exigido pelo princípio de compensação [...] para as possíveis consequências danosas desses mesmos atos, ou se não têm uma apólice de danos contra terceiros que cubram essas consequências.

Robert Nozick imagina uma teoria de propriedade elencada como um sistema “retributivo”, em que “uma distribuição é justa se surgir de outra distribuição justa através de meios legítimos”. Leva em conta que sistemas diferentes, como o redistributivo – tais são o socialismo, o liberalismo igualitário ou social-democracia -, seriam injustos, sob a justificativa de que tais sistemas não proporcionam aos indivíduos o que os princípios retributivos oferecem, como, por exemplo, o “direito a decidir o que fazer com o que se possui”. (pp.77-78). Já na ótica do ativista anarquista alemão Rudolf Rocker (1873-1958), a organização do anarco-sindicalismo deve ser “baseada nos princípios do federalismo, na livre combinação de baixo para cima”, possibilitando o “direito de autodeterminação de todo membro sobre qualquer outra coisa e reconhecendo apenas o acordo orgânico de todos, fundamentado nos interesses semelhantes e convicções comuns”.<sup>169</sup>

### 3.4.: O inimigo?

O antagonismo entre o pensamento proudhoniano e marxista teve a característica de perdedor e vencedor já em 1872, com o rompimento no Congresso de Haia em que a ala marxista se sobressaiu com a expulsão de Bakunin e seus seguidores. A outra derrota chega com o início da revolução russa, em 1917. E dessa vez para todo o movimento anarquista, que, apesar de retomar seu vigor diante do tipo de insurreição que sempre

---

<sup>169</sup> ROCKER, Rudolf: Anarco-Sindicalismo (Teoría y practica), Barcelona: Ediciones Picazo, segunda edición: Colección Nueva Senda: dicbre., 1978, p. 40.

defendeu e almejou, cai numa espécie de cilada que me faz lembrar a “parábola do escorpião”, em que o lacrau pede a um sapo para carregá-lo até a outra margem do rio, o sapo responde que seria um tolo se assim o fizesse, porque seria picado por ele e, paralisado, afundaria. O escorpião falseia que se o picasse afundaria junto. Confiando na lógica do escorpião, o sapo concorda e o carrega nas costas, mas no meio do rio o escorpião crava seu ferrão no sapo. Ao questionamento do porquê, o escorpião justifica ser da sua natureza. Ou, quem sabe, remete à natureza de Falstaff, o farsante que deu nome à última ópera do compositor italiano Giuseppe Verdi (1813-1901). Falstaff ficou eternizado pelo coro “Tutto nel mondo é burla” (Tudo no mundo é farsa).

O que significam essas fábulas e metáforas no contexto da revolução russa? Digamos que seja uma forma rebuscada para a narrativa do poder que os “soviets” alcançam sobre os anarquistas ao atacar as injustiças e defender a “jornada de oito horas, abolição da pena de morte, liberdade de opinião e de consciência”, como está descrito no segundo episódio do documentário francês, no capítulo “1917 - Todo poder aos Sovietes”. Destaca que na “imensa Rússia, onde Tolstói é homenageado, onde se erige um monumento à glória de Bakunin e onde se oferece ministérios a Kropotkin, os anarquistas têm tudo a crer que a anarquia, enfim, está triunfando”. Mas, de acordo com o documentário, trata-se de uma estratégia de Vladimir Ilitch Oulianov, o Lenin, que até então não é considerado “um marxista dogmático ou um aspirante a déspota”. Ele faz críticas “à ideia de Estado, estendendo desse modo a mão aos anarquistas”. Diante da “ilusão de convergência de pontos de vista e de uma similaridade de objetivos”, Lenin, em outubro, usa os anarquistas para tomar o Palácio de Inverno, e os libertários acham que “chegou a grande noite deles”.<sup>170</sup>

Nesse cenário de ideários libertários, Lenin assume o poder dizendo, segundo o historiador Eric Aunoble, professor da Universidade de Genebra: “Irão nos acusar de sermos anarquistas com isto, mas assim mesmo prefiro a acusação de anarquista agora a ser confundido com social-democratas que participam em governos da União Sacra. E, assim, isso irá manter a ilusão de ambos os lados de que bolcheviques e anarquistas visam o mesmo objetivo e possuem, de moldo geral, os mesmo métodos de ação em campo e se

---

<sup>170</sup> Conferido no dia 08/09/2019 [<https://www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=188s>]

distinguem apenas pelos métodos de organização interna".<sup>171</sup> Anarquistas de todo o mundo são atraídos para a revolução russa. Conforme o professor Giampietro Berti, da Universidade de Pádua, a encenação atrai a simpatia “inclusive de Malatesta”; Kropotkin volta à Rússia por considerar que a revolução “terá uma forma libertária”, e anarquistas “dos quatro cantos do mundo” seguem Emma Goldman “para participar da revolução russa”. Ocasão em que as “organizações libertárias” ficam “no papel de honra” e controlam, além de uma parte da capital Moscou, por meio da “Federação de Grupos Anarquistas”, a Ucrânia, com a insurreição sob o comando do ucraniano Nestor Makhno, “um lavrador de origem bem humilde mas com um imenso talento militar”, que “cria comunidades do tipo anarquista em toda parte e demonstra que se pode ter uma vanguarda revolucionária que não seja organizada em partidos”.<sup>172</sup>

Makhno monta um imenso exército insurrecional, com base no voluntariado, em que os oficiais são eleitos, e semeia a revolução por onde passa, usando como emblema “a bandeira negra portando um crânio e tíbias cruzadas sob os quais está escrito: “Morte a todos que se opuserem à liberdade dos trabalhadores”. A cada cidade liberada, abriam “as prisões”, “redistribuíam a comida para a população” e fomentavam “formas de coletivizar as terras e de autogerir as empresas”, caracteriza Kenyon Zimmer, professor da Universidade de Texas em Arlington. O exército ficou tão poderoso que somou mais de 40 mil homens e obteve um trem blindado que ostenta escrito o nome “ANARQUIA”, como relata o anarcossindicalista francês Frank Mintz, professor e historiador da Fundação Pierre Besnard. Segundo ele, o trem era igual ao de Leon Trotsky (1879-1940),<sup>173</sup> comunista teórico e líder na revolução russa em Outubro em 1917.<sup>174</sup>

O cenário começa a mudar radicalmente em 1919, quando, em Moscou, Lenin decreta “o comunismo de guerra” e os bolcheviques “começam a ver com maus olhos as ações dos anarquistas e as críticas que eles fazem já do centro da nova capital em relação à ditadura em cima do proletariado”. Os anarquistas então percebem que os “bolcheviques não são revolucionários de verdade”, “não estão interessados” no “bem-estar dos trabalhadores” e “não gostam dos anarquistas, aliás, nem de ninguém que não seja

---

<sup>171</sup>Terra e Liberdade, conferido em 08/09/19 [www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=188s].

<sup>172</sup> Ibid.

<sup>173</sup> Encyclopedia Britannica, conferido em 08/09/19 [www.britannica.com/biography/Leon-Trotsky]

<sup>174</sup> Ibid., [www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=188s](http://www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=188s)

bolchevique” (Kenyon Zimmer). A situação piora em 1918, quando Trotsky, no comando do Exército Vermelho, declara a chegada da hora de “varrer os anarquistas da Rússia com vassoura de ferro”.<sup>175</sup> Ou seja: é decretada a ruptura entre anarquistas e bolcheviques. O terror para os anarquistas em solo russo se completa em 1921, quando da morte de Kropotkin. Época em que muitos anarquistas já amargam o encarceramento. “O partido bolchevique aceita soltar os anarquistas para irem assistir ao funeral de Kropotkin. São milhares. Mas logo após o funeral, os prendem novamente” (Giampietro Berti). Lenin, então, ordena o fuzilamento, nos porões da prisão A TCheka, do “poeta libertário Lev Tcherny e da militante Fanny Baron”, além de “sete outros anarquistas. E nas semanas seguintes, os bolcheviques decidem purgar os dois últimos focos do anarquismo na União Soviética”.<sup>176</sup> Também destruíram a comuna formada em Kronstadt,<sup>177</sup> em março de 1921, e na primavera do mesmo ano aniquilaram a “Makhnovtchina”, de forma cruel e covarde. Senão, vejamos como descreve o francês Frank Mintz: “A cavalaria e os oficiais makhnovistas estavam com o Exército Vermelho perto de Sebastopol (cidade). Fizeram um grande banquete para celebrar a vitória. E é aqui, sabe, que o leninismo é muito bem organizado. Durante a noite, todos os oficiais makhnovistas foram fuzilados”. Ou seja, o exército anarquista foi eliminado enquanto dormia sob o efeito do álcool após uma noite de muita bebida, comida e danças cossacas. “A revolução russa é catastrófica para o anarquismo. O movimento anarquista desaparece por completo da Rússia. Seus últimos representantes morrem nos campos de Stalin<sup>178</sup> ou no exílio”.<sup>179</sup> A intenção foi silenciar os libertários para que não ecoassem aos trabalhadores a ilusão da política de igualdade e liberdade. O caso Sacco e Vanzetti (anarquistas italianos executados nos Estados Unidos,

---

<sup>175</sup>Terra e Liberdade [www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=188s] – 08/09/19.

<sup>176</sup> Ibid.

<sup>177</sup> Marinheiros localizados na fortaleza de Kronshtadt, que apoiaram a revolução de 1917, rebelaram-se contra o domínio soviético após a Guerra Civil (1918–2020), desencantados com o governo bolchevique, que não conseguiu fornecer um suprimento alimentar adequado às populações urbanas, restringiu suas liberdades políticas e impôs duras normas trabalhistas - conferido na Encyclopedia Britannica [www.britannica.com/event/Kronshtadt-Rebellion] – 08-/09/19 .

<sup>178</sup> Trata-se de Joseph Stalin (1878-1953), arqui-inimigo de Trotsky, conseguiu suceder Lenin e governou por um quarto de século ditatorialmente a União Soviética, conhecido pelo terror e mortes de milhões de vidas – consultado na Encyclopedia Britannica no dia 09/09/19 [www.britannica.com/biography/Joseph-Stalin].

<sup>179</sup> “1917 - Todo poder aos Sovietes” – conferido em 09/09/19 [www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=188s].



descritos na pág. 39 deste trabalho) também ganha, curiosamente, na União Soviética repercussão contrária à emblemática morte dos dois – que foram considerados inocentes postumamente. Sobre essa defesa dos comunistas, o historiador Jean-Yves Mollier comenta no último episódio do documentário *História do Anarquismo*, que trata do período entre 1922 e 1945, sob o título “Em memória do derrotado”: “Sabemos hoje que, em Moscou, tomou-se a decisão de explorar o martírio de Sacco e Vanzetti para torná-lo efetivamente o símbolo da repressão burguesa, a repressão capitalista do Estado, que simboliza o grande capital, ou seja, os Estados Unidos”. Nesse mesmo panorama, o historiador anarquista canadense Robert Graham diz que outra intenção dos *stalinistas* era acumular um tipo de “capital moral” para atrair a simpatia dos trabalhadores ao defender os italianos prestes a serem executados e, assim, “alcançar os próprios interesses”. E complementa: “O movimento anarquista se quebra nos EUA e não será mais visto até pelo menos a década de 1960”.<sup>180</sup>

O anarquismo, que já vinha somando derrotas enquanto o sonho da revolução distanciava-se, segue dispersando-se. Além dos anarquistas russos, ocorre diáspora de militantes norte-americanos e italianos, enquanto muitos emigraram para a França, onde a democracia liberal não tinha sucumbido à ditadura, explica o historiador italiano Giampietro Berti (Em memória do derrotado). E é em Paris que os artistas se inspiram no pensamento libertário. Mas a causa libertária vai perdendo forças diante de várias derrotas e da força comunista, com muitos dos proletários seduzidos pelos marxistas-leninistas franceses. “Eles ganham terreno contra os anarquistas, tomam suas estruturas, reivindicam seus mártires e destroem seus símbolos”.<sup>181</sup> E surge outro inimigo desestruturante: o fascismo, a face do capitalismo que fascina as “classes proletárias e tranquiliza a pequena burguesia” Ao contrário dos anarquistas, os fascistas aprenderam na guerra que a “violência deve ser organizada”, conforme explica Giampietro Berti. Para atrair os trabalhadores, os líderes fascistas usam da farsa sua arma poderosa. Na França, o antidemocrata Charles Maurras (1868–1952), líder da *Action Française*,<sup>182</sup>

---

<sup>180</sup> “Em memória do derrotado” – conferido em 11/09/19 [www.youtube.com/watch?v=JiZ1rhsbAYk&t=1253s]

<sup>181</sup> Ibid.

<sup>182</sup> Influente grupo francês anti-republicano de direita – conferido em 11/09/11 [www.britannica.com/topic/Action-Francaise].

organiza o *Círculo de Proudhon*<sup>183</sup>, em homenagem ao “pai do anarquismo”, para atrair os trabalhadores; e na Itália, o ex-professor e jornalista Benito Mussolini - que é chamado de Duce (líder) pelos seguidores do fascismo - funda o Partido Nacional Fascista, com suas jovens milícias conhecidas como “camisas negras”.\*

Entremeios, muitos outros anarquistas não se enganam com as facetas fascistas, acompanhando a visão de Errico Malatesta, que, ao retornar à Itália em 1913, encontra-se em Milão com Mussolini, com quem conversa por cerca de uma hora. Após o encontro, um amigo pergunta a Malatesta o que ele achou de Mussolini, ao que este responde não se tratar de um “socialista, muito menos anarquista”, mas sim um “revolucionário que fará muitos caminhos”, de acordo com o que descreve Giampietro Berti. Tais anarquistas então se opõem a esses novos líderes de efeitos lobos em pele de cordeiro, e se unem para combater a ameaça empunhando armas. Do aprisionamento na Polônia, Nestor Makhno chega a Paris. Nas discussões para o enfrentamento, os anarquistas concluem que as derrotas foram motivadas pela falta de organização. Criam-se, então, “documentos em que se declaram a favor da constituição de uma organização anarquista estruturada, fundada no princípio da responsabilidade coletiva, que, para eles, é algo indispensável para poder retomar a luta e vencê-la”, explica Gaetano Manfredonia no capítulo “1926: União Geral do Anarquistas”, no último episódio de *História do Anarquismo*.

E o foco desse novo momento é a Espanha, por ser, assim como em França e Itália, “uma verdadeira base popular, com milhares, centenas de milhares de militantes”, conta Giampietro Berti. Fala-se em um jovem anarquista espanhol que se refugia em Paris e chama a atenção de Makhno: Buenaventura Durruti. No compartilhamento de experiências, remetem aos fracassos do passado e projetam novas possibilidades. Durruti revela seu passado terrorista, com a criação do grupo “Los Solidários”<sup>184</sup>, famoso pelas ações diretas na Espanha. Em 1936, Makhno morre, Durruti retorna à Espanha e assume o comando da pretensa revolução social, que acontece na guerra civil convocada pelo

---

<sup>183</sup> *Cercle Proudhon* no original francês, trata-se de um “grupo de reflexão que tentou a convergência entre os movimentos nacionalista e anarco-sindicalista”, conforme a [pt.metapedia.org/wiki/C%C3%ADrculo\\_Proudhon](http://pt.metapedia.org/wiki/C%C3%ADrculo_Proudhon).

<sup>184</sup> Grupo de ação armada que atuou entre 1922 e 1923 em Barcelona, Espanha, “em resposta à guerra travada pelos setores de empregadores e governo contra os sindicatos. Surgiu como sucessor do grupo anterior chamado “Los Justicieros”, criado em Zaragoza – conferido em 12/09/19: [\[www.portaloaca.com/historia/historia-libertaria/598-iquienes-fueron-qlos-solidariosq.html\]](http://www.portaloaca.com/historia/historia-libertaria/598-iquienes-fueron-qlos-solidariosq.html)].

\* Conforme descreve o site [mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/fascismo.htm](http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/fascismo.htm) (12/09/19).

general Francisco Franco para assumir o controle do país. Segundo Giampietro Berti, as organizações libertárias fazem um chamado geral à mobilização contra o golpe fascista, e, inspirados pela makhnovtchina<sup>185</sup>, reúnem mais de três mil homens e desencadeiam ao “mesmo tempo guerra e revolução”. Libertários perseguem mestres e deuses e anunciam o fim de privilégios. Conta o historiador Servando Rocha<sup>186</sup> que eles “aboliram o dinheiro, parece impossível hoje, mas eles eram milhares que se organizavam”. Nos territórios libertados, o “clero foi expropriado e os antigos exploradores” passaram a trabalhar juntos aos camponeses. São dias da igualdade tão sonhada, sem a habitual divisão de classes da sociedade. A Revolução Libertária Espanhola aboliu toda forma de burocracia, decisões importantes foram tomadas no Conselho, as tarefas eram coletivizadas, empresas autogeridas, e na área cultural, os membros do grande sindicato libertário CNT (Confederação Nacional do Trabalho) - como atores, dançarinos, operárias, músicos e técnicos - gerenciavam cinema, ópera, orquestras sinfônicas etc (Em memória do derrotado). Viveu-se o sonho de um universo anarquista.

O ataque contrarrevolucionário, contudo, aparece com poder superiormente destruidor. Segundo conta no documentário de Ramonet, as tropas franquistas contaram com máquinas automobilísticas enviadas pelo empresário e inventor norte-americano Henry Ford (1863-1947); o fascismo italiano enviou suas tropas militares e até mesmo a sombria Legião Condor<sup>187</sup> se juntou para realizar uma “verdadeira limpeza social e ideológica”. Houve um reforço mundial que levou libertários à luta ao lado dos insurgentes da Coluna Durruti, como Emma Goldman, no alto dos seus 67 anos. Na obra “A tragédia na Espanha”, o ativista Rudolf Rocker aborda sobre a astúcia de Stalin durante “os primeiros três meses da grande luta pela liberdade”. Atenta que em todos os países da Europa e da América “centenas de organizações ditas ‘neutras’” disfarçam o “jogo que os puxadores de arame em Moscou” lançam nos bastidores e o “mesmo jogo desprezível” repetem na Espanha, e assim “encontraram ouvidos dispostos” às suas

---

<sup>185</sup> Exército Insurrecional Makhnovista, ou apenas Makhnovitchina, liderado pelo anarquista Nestor Makhno – conferido dia 12/09/19 [guerras.brasilecola.uol.com.br/seculo-xx/makhno-guerra-civil-na-ucrania].

<sup>186</sup> Depoimento no documentário História do Anarquismo, episódio “Em memória do derrotado”.

<sup>187</sup> Temida unidade de combate aéreo da Alemanha Nazista, criada a partir de voluntários em novembro de 1936 – conferido em 12/09/19 [incrivelhistoria.com.br/legiao-condor-guerra-civil-espanhola].

dissimulações nos “círculos socialistas burgueses e de direita”.<sup>188</sup> Mesma preocupação que Emma Goldman descreve em carta para Rudolf Rocker: “...Não pode ser bem-vinda para Stalin uma revolução social vitoriosa na Espanha, por razões que você conhece...Eu sei que os mentirosos do Kremlin são capazes de qualquer, desde que possam ferver a sopa”.<sup>189</sup>

Os anarquistas tradicionais também não viram com bons olhos quatro libertários serem ministros – pela primeira vez na história -, o que aconteceu em 4 de novembro de 1936, quando os republicanos decidem formar um novo governo da vitória em Madri para “reunir as diferentes forças antifascistas contra os franquistas” (Em memória do derrotado). Entre os que se mostraram céticos está Emma Goldman, que, em carta ao amigo anarquista Rudolf Rocker, descreve: “Se a entrada dos nossos camaradas no governo pode trazer mudanças é algo que temos de esperar para ver. Não estou familiarizada com as situações internas para me permitir fazer o meu próprio julgamento e só espero que não tenha havido um erro de cálculo”.<sup>190</sup> E Rocker lembrou: “Emma alertou sobre o falso jogo da política espanhola de Stalin desde o início, pois a sua experiência lhe mostrou que tudo menos o que é bom pode ser esperado daquele lado”. Entretanto, indica que ela “reconheceu a difícil situação dos camaradas espanhóis e sabia que neste estado extraordinário, onde cada dia exigia novas medidas que surgiam da constante mudança de condições, nem sempre era possível decidir o que em determinado momento era precisamente o melhor”, assim, não considerou traição como criticaram alguns companheiros espanhóis.<sup>191</sup>

O movimento anarquista começa então a se dividir, o Partido Comunista, também representado no governo, fortalece-se cada vez mais com o apoio militar de Stalin, aproveita-se da desunião, “exige que a revolução libertária seja adiada e que as milícias anarquistas e desarmadas sejam reintegradas a um exército regular liderados por comissários políticos”, os quatro ministros votam a favor, Durruti considera traição. “E é

---

<sup>188</sup> ROCKER, Rudolf: A tragédia da Espanha, capítulo “A atitude do Partido Comunista na Espanha”, Nova York: Fraye Arbeter Shtime, 1937, p. 21.

<sup>189</sup> GOLDMAN, Emma: La palabra como arma. Buenos Aires : Libros de Anarres; tradução de Alexis Rodríguez Mendoza, 2010, p. 14.

<sup>190</sup> Idib., p. 14.

<sup>191</sup> Idib., pp. 14-15.

nesse momento que os republicanos caem em um dilema, que em muitos afirmam: "preferimos a ordem fascista ao anarquismo"', descreve o historiador espanhol Sevando Rocha.<sup>192</sup> Para enfraquecer os anarquistas e dominar Durruti, o governo propõe transferir a coluna denominada com seu nome para Madri, sitiada pelos franquistas. Os libertários veem uma armadilha, mas Durruti entende ser uma "oportunidade para reviver o processo revolucionário na capital espanhola". No meio do caminho, Durruti sai do carro em que estava para saber o que acontecia e na volta ao veículo recebe um tiro fatal. Até hoje esse disparo é um mistério. "Um tiro como esse, a queima-roupa, só pode ser assassinato. E é uma tese imediatamente propagada pelos franquistas, que dizem que os republicanos se matam entre si. E então essa tese é adotada pelo Partido Comunista. Que diz que os anarquistas são pequenos burgueses, desorganizados e que se matam uns aos outros. Mas, para mim, foi um acidente", opina Frank Mintz, historiador da Fundação Pierre Besnard.<sup>193</sup> Ele conta que dentro do carro havia um soldado que portava um fuzil "com um ferrolho que não funcionava" e quando Durruti se levanta, leva o tiro. "Durante a guerra, dizer que uma personalidade como Durruti morreu estupidamente por causa de uma arma que não funcionou bem, era ridículo", acrescenta. O corpo foi levado para ser sepultado em Barcelona, onde "mais de 500 mil pessoas marcham até o cemitério de Monjuïc, onde ele é enterrado. Esta é a última demonstração pública em larga escala da força dos anarquistas durante a Guerra Civil Espanhola".<sup>194</sup>

Sem sua figura estrategista, o anarquismo sofre grande repressão e com as "Jornadas de maio de 1937", mostradas em partes pelo filme "Terra e Liberdade", de Ken Loach, o movimento libertário começa a ser destruído. "A Guerra Espanhola termina em 1º de abril de 1939. Muitos anarquistas ficam presos em campos de concentração. E muitos outros são fuzilados", relata Frank Mintz. Quem foi, então, o grande inimigo do anarquismo? Como bem define o historiador Gaetano Manfredonia, autor de vários trabalhos de pesquisa e livros sobre a história das correntes libertárias na Itália e na França, os bolcheviques foram os "adversários mais perigosos do movimento anarquista que o anarquismo já conheceu".<sup>195</sup>

---

<sup>192</sup> Trecho e depoimento no documentário História do Anarquismo, episódio "Em memória do derrotado".

<sup>193</sup> Ibid.

<sup>194</sup> Ibid.

<sup>195</sup> Depoimento no 2º episódio da série documental "História do Anarquismo: Sem deuses, Sem mestres".

### 3.5.: Insustentável liberdade

Muito se falam em revoluções sociais que marcaram épocas. Entre as mais comentadas estão as da Rússia e da China, por exemplo. Mas pouco é lembrado do que foi a primeira grande revolução do século XX: a do México, que eclodiu em 1910 e teve no seio das lutas o Partido Liberal Mexicano (PLM), dirigido pelos irmãos anarquistas Enrique (1877-1954) e Ricardo Flores Magón (1874-1922), que estavam exilados nos Estados Unidos quando estoura a revolução, segundo relata Kenyon Zimmer, historiador e professor da Universidade Texas Arlington, no segundo episódio do documentário *História do Anarquismo (Terra e Liberdade)*.<sup>196</sup> Esse capítulo começa com o seguinte depoimento do ensaísta e historiador Robert Graham: “É de fato incrível que a revolução mexicana seja menos conhecida que a revolução russa ou que a revolução chinesa. Pois é a primeira grande revolução do século XX”. O magonismo foi a facção mais radical dos liberais mexicanos no combate à ditadura de Porfirio Díaz no México, no poder desde 1876. No Manifesto do Partido Liberal Mexicano, emitido em 23 de setembro de 1911 pelo Conselho Organizador do partido, conclamou: “Seja cada um mestre de si mesmo. Que todos sejam organizados pelo consentimento mútuo de individualidades livres. Morte à escravidão! Morte à fome! Vida longa para "Land and Liberty!" (Terra e Liberdade)”.<sup>197</sup> Manifesto que ganhou repercussão no órgão oficial do partido, o *Regeneracion*, em 20 de janeiro de 1912.<sup>198</sup>

Segundo o filme de Ramonet, a ideia dos irmãos Magón emerge da mais “pura tradição libertária”, a levar em conta que não prega apenas a “ação direta, mas também, e mais ainda, porque clama por uma vasta reforma agrária”. Complementa que essa concepção inspira “outras três organizações revolucionárias de peso”, no sul com o exército insurrecional de Emiliano Zapata; na capital com a Casa do Trabalhador Mundial, e ao norte perfila a ação que os IWW<sup>199</sup> abriram ao México.

---

<sup>196</sup> Conferido em 18/09/2019 [www.youtube.com/watch?v=cEMFuf3iWds&t=2006s].

<sup>197</sup> Conferido em 18/09/19 [http://libcom.org/library/manifesto-magon]

<sup>198</sup> Ibid.

<sup>199</sup> Trata-se do sindicato Industrial Workers of the World (Trabalhadores Industriais do Mundo), originado nos EUA, adepto da teoria sindicalista revolucionária: [www.iww.org](http://www.iww.org) – 18/09/19.

O historiador Kenyon Zimmer descreve que a acção no México foi a primeira na história em que os libertários “possuem um exército que funciona com os princípios anarquistas”, com a intenção de implantar o “comunismo libertário” e, assim, criar uma “nova sociedade anarquista no México”, para posteriormente exportar o conceito aos Estados Unidos e demais países do mundo. O professor explica que os anarquistas da época, como Kropotkin, “enxergaram a revolução mexicana como sendo a primeiríssima das revoluções anarquistas”. Grito de liberdade que fez Ricardo Flores Magón a verdadeira “Revolução Social”, que “não é feita de cima para baixo, mas de baixo para cima”, dos que devem seguir o seu curso de vida sem a “necessidade de patrões”. Reverbera que é a “revolução dos deserdados, que mostra sua cabeça na festa dos fartos, reivindicando o direito de viver”, e não uma “revolta vulgar, que termina com o destronamento de um bandido e a ascensão ao poder de outro bandido, mas uma luta de vida ou morte entre as duas classes sociais: a dos pobres e a dos ricos, a dos famintos contra os satisfeitos, a dos proletários contra os proprietários”.<sup>200</sup> Mais uma vez o sonho de viver sem o domínio da trilogia “Capital, Autoridade e Clero!”,<sup>201</sup> exorcizada por Ricardo Flores Magón, termina diante da força desigual somada pelos contrarrevolucionários mexicanos com o apoio do exército de soldados americanos, de acordo com o documentário francês. Desfecho trágico com as comunas retomadas, revolucionários mexicanos fuzilados, os estrangeiros capturados e levados para “campos de concentração nas fronteiras”. Mas, esperanças sopram do sul do País, onde Emiliano Zapata<sup>202</sup>, que representa os povos indígenas, foi influenciado pelas teses do PLM, e “os irmãos Flores Magón, que o conheciam bem, tinham uma simpatia enorme pelo movimento zapatista”, diz o professor Frank Mintz no documentário, onde também conta que ele, por onde passa, “redistribui terra, faz cunhar sua própria moeda e alcança as portas da Cidade do México”. Entretanto, um “mal-entendido entre anarquistas da cidade e do campo, entre trabalhadores e lavradores” foi funesto para a história do

---

<sup>200</sup> FLORES MAGÓN, Ricardo: Los pobres son la fuerza: discursos de Ricardo Flores Magón, no capítulo “La Revolución Social” (Discurso del 1º de junio de 1912), Buenos Aires: EGodot Argentina, 2014, ISBN 978-987-3847-48-6, p. 52 – tradução livre.

<sup>201</sup> Ibid., p. 64.

<sup>202</sup> Zapata (1879-1919) foi um dos líderes da Revolução Mexicana contra ricos latifundiários que haviam usurpado terras de camponeses. Seu objetivo era fazer que as terras fossem devolvidas a esses agricultores pobres, sob o lema “Terra e Liberdade” – [escola.britannica.com.br/artigo/Emiliano-Zapata/482916] – 18/09/19.

movimento libertário. Conforme explica Frank Mintz, os zapatistas chegaram para se reforçar a revolução com suas medalhas da Virgem de Guadalupe, o que provocou uma reação negativa dos anarquistas do México, que logo rotularam serem “manipulados” pelo catolicismo. “Na prática, eles se comportavam como reais militantes anarquistas. Porém, os militantes anarquistas da cidade, muito intelectualizados, os viam, empregando o clichê marxista, como os “lacaio” do capital ou da igreja. Foi mesmo um desencontro entre o anarcossindicalismo e o zapatismo”, descreve Mintz.

No mesmo capítulo, o historiador e jornalista sul-africano Michael Schmidt informa que tal guerra entre as diferentes “facções progressistas” destrói o “conteúdo anarquista da revolução, no momento em que esta deveria ter atingido seu apogeu”. Os trabalhadores da cidade, que pertencem aos batalhões vermelhos, tornam-se “auxiliares do exército burguês” e lançam guerra aos zapatistas. Na cidade mexicana de Tlaltizapan, onde os zapatistas instalaram seu estado maior, os vermelhos matam “268 lavradores”, entre eles “112 mulheres e 42 crianças”, conforme descreve o documentário. Zapata cai em uma emboscada, no dia 10 de abril de 1919, e morre em decorrência de tiros, aos 40 anos de idade. David Doillon, investigador e editor independente e libertário na França, coautor do livro *Os anarquistas da Revolução Mexicana*, destaca no filme de Ramonet que os trabalhadores do México e das cidades consideram “a massa de lavradores como reacionária” e que o “mundo novo não pode aparecer em uma massa de lavradores atrasados”, mas sim da “vanguarda trabalhadora esclarecida”. Complementa que a ausência de “reflexão” das causas da derrota dos anarquistas durante a revolução mexicana fará com que o “partido liberal de Flores Magón caia logo no esquecimento”. Enquanto isso, os libertários europeus passam terrível dentro da 1ª Guerra Mundial, e Ricardo Flores Magón, após publicar manifesto “aos anarquistas do mundo inteiro e aos trabalhadores em geral”, é preso pelas autoridades norte-americanas e condenado a “terminar seus dias em uma prisão de alta segurança”.<sup>203</sup>

---

<sup>203</sup> História do Anarquismo: Terra e Liberdade - 1907-1921.



### 3.6.: Indomináveis

Um mundo sem hierarquias, sem governantes, sem domínios, sem conceitos pré-estabelecidos. Será que um dia esse sonho libertário será possível efetivamente? Os movimentos libertários podem ressurgir mais organizados e planejados? Toda essa luta que ceifou muitas vidas não passou de busca pela utopia? Alguns pontos de uma série de dúvidas que ao longo de mais de 150 anos vêm gravitando podem estar esclarecidos – pelo menos parcialmente - no vasto estudo – bibliográfico e de análises - que o jurista alemão Paul Eltzbacher (1868-1928) realizou sobre o anarquismo, em 1900. Das constatações, ele aponta a “completa falta de ideias claras sobre o anarquismo”, seja entre as massas, seja entre acadêmicos e/ou os chamados homens de Estado. Senão, vejamos tais incongruências por ele compiladas:

Ora a lei suprema do anarquismo é descrita como uma lei histórica da evolução, ora é a felicidade do indivíduo, ora é a justiça. Ora dizem que o anarquismo culmina na negação de todo programa, que ele possui somente um objetivo negativo; ora, por outro lado, que seu aspecto negativo e destruidor é equilibrado por um aspecto afirmativo e criativo; ora, em conclusão, que o que é original no anarquismo relaciona-se exclusivamente às suas afirmações sobre a sociedade ideal, que sua essência verdadeira e real está em seus esforços positivos. Ora se diz que o anarquismo rejeita o direito, ora que ele rejeita a sociedade, ora que ele rejeita somente o Estado. Ora se declara que, na sociedade futura do anarquismo, não há vínculos contratuais ligando as pessoas; ora, por outro lado, que o anarquismo busca ter todas as questões públicas solucionadas por contratos entre comunas e sociedades federalmente constituídas. Ora se diz que, em geral, o anarquismo rejeita a propriedade, ou pelo menos a propriedade privada; ora se realiza uma distinção entre o anarquismo comunista e individualista, ou mesmo entre o anarquismo comunista, coletivista e individualista. Ora se declara que o anarquismo concebe a sua realização por meio do crime, especialmente por meio de uma revolução violenta e com o auxílio da propaganda pelo fato; ora, por outro lado, que o anarquismo rejeita as táticas violentas e a propaganda pelo fato, ou que esses não são, necessariamente, elementos constitutivos do anarquismo. (Eltzbacher, 2004, pp. 3-4 *apud* Felipe Corrêa, 2015, p. 45).

O enredado verificado por Eltzbacher indica a caracterização da dificuldade de se compreender o anarquismo. Esse mesmo problema motivou o pesquisador brasileiro Felipe Corrêa, coordenador do Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA), a assemelhar seu livro *Bandeira Negra: Rediscutindo o anarquismo*<sup>204</sup> à obra do jurista alemão, apesar do hiato de mais de cem anos de ambas publicações. Corrêa afirma que

---

<sup>204</sup> CORRÊA, Felipe: *Bandeira Negra - Rediscutindo o Anarquismo* (Anarquismo insurrecionalista e anarquismo de massas). Curitiba: Prisma Editora, 2015, pp. 45-46.

“mesmo com os avanços nas pesquisas sobre o anarquismo” ainda persiste hoje o leque de “debates e discordâncias nas soluções e respostas” a esses pormenores fundamentais. Outro problema apresentado pelo brasileiro é a limitação de “estudos gerais que apresentam e discutem o anarquismo de maneira satisfatória”, dificultando, assim, uma discussão discernida criteriosamente sobre o movimento anárquico no contexto que engloba “sua definição, suas negações, proposições, estratégias e correntes”. O que é comprobatório, ao longo da investigação deste trabalho, na dificuldade para a elaboração de pesquisas e detalhamentos desse instigante e intrigante ideal de liberdade com o máximo de igualdade. Falo aqui com a propriedade de quem encontrou dificuldade na reunião de obras para construir essa dissertação.

Pode-se exemplificar como um dos vácuos desse importante movimento - sufocado pela reunião de poderes (estado, governo, capitalismo e, sobretudo, o marxismo-leninismo) e que ficou rotulado como uma composição de caos, desordem e marginalidade - a inexistência de uma obra completa daquele que foi dos mais notáveis e atuantes anarquistas, que mais viveu o período de lutas e transições: o italiano Errico Malatesta, que, ainda muito jovem, por volta dos 14 anos, após ligação com o republicanismo de Giuseppe Manzzini (1805-1872)<sup>205</sup>, converte-se ao anarquismo, por volta de 1871-1872, no contexto da Primeira Internacional. Pois bem, vivenciando o anarquismo por mais de 60 anos da sua vida, com militância na Europa, nas Américas, na África e na Ásia, passando por vários acontecimentos políticos, econômicos e sociais, Malatesta produziu muitos escritos, mas até hoje suas obras completas não foram publicadas, sequer em italiano. Suas ideias, portanto, estão disponíveis a partir de textos que ele escreveu, conforme explica Felipe Corrêa.<sup>206</sup>

Qual o panorama hoje do anarquismo no mundo? O movimento continua despertando interesses e adeptos? Sim, como comprovam as pesquisas sobre o movimento, ações e planejamentos. Neste trabalho indicamos exemplos de adeptos da atualidade, como no filme de Tancrèd Ramonet, os historiadores que concederam depoimentos ao documentário, o brasileiro Felipe Corrêa etc, Alguns, também, que se

---

<sup>205</sup> Giuseppe Manzzini foi um republicano intransigente, propagandista e revolucionário genovês, conforme a *Encyclopedia Britannica* [www.britannica.com/biography/Giuseppe-Mazzini] – 18/09/19.

<sup>206</sup> Conferido em 19/09/19: [ithanarquista.wordpress.com/2013/08/05/errico-malatesta-teoria-estrategia-anarquista].

autodeclararam anarquistas. E dos partidários e grupos que seguem ecoando, mesmo que um tanto ainda silenciosamente, digamos assim, o prosseguimento desse desejo libertário é fato. E entre os seguidores destaca-se idem o espanhol Tomás Ibáñez Gracia (Zaragoza, 1944), ativo militante anarquista, desde quando esteve como filho do exílio libertário na França, onde participou de grupos de jovens anarquistas franceses e de jovens exilados espanhóis, entre 1947 e 1973. Nos anos 1960, tempo em que ainda eram coragem e destemor ousar questionar a hegemonia do Partido Comunista, Ibáñez atuou na construção de organizações libertárias de luta anti-Franco, pela FIJL (Federação Ibérica de Jovens Libertários), e no retorno à Espanha tentou, em 1976, reconstruir a CNT, sem sucesso. Mas até hoje ainda levanta tal bandeira. Aposentado como professor de Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona, é autor de vários livros sobre o movimento anárquico e também trabalhos de pesquisa em psicologia social.

É na obra *Anarquismo é Movimento: Anarquismo, Neonarquismo e Pós-anarquismo*, publicada em 2004, que Tomás Ibáñez demonstra sua crença na continuidade do anarquismo. No início do “preâmbulo”, ele exclama: “Sim! O anarquismo está em movimento”. E reflete que a “dinâmica de renovação” faz avançar rapidamente no crescimento das “suas linhas e dos seus temas de intervenção”, além do que observa o “aumento considerável das suas publicações”. O estímulo desse crescimento, analisa, é reflexo das mal vistas “mudanças sociais, culturais, políticas e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas”, reforçando o movimento em “diferentes partes do mundo”, com símbolos anarquistas emergindo em “regiões mais remotas do globo”. Mesmo assim, tem a consciência de que mesmo diante de um “número de pessoas atingidas pela influência do anarquismo experimentasse um aumento extraordinário”, ainda assim seria insignificante perante os bilhões de habitantes do planeta.<sup>207</sup>

Na comparação que Tomás Ibáñez faz do movimento que se emerge atualmente ao praticado, mesmo que teoricamente, no passado, a diferença existente, em sua visão, é de que hoje existe o projeto de um “anarquismo mais tático que estratégico, mais virado para o presente do que o utópico, em que o que importa é a subversão pontual, local, limitada, mas radical, dos dispositivos de dominação e a criação aqui e agora de práticas

---

<sup>207</sup> IBÁÑEZ, Tomás: *Anarquismo es movimiento - Anarquismo, neoanarquismo y postanarquismo*, Barcelona: Virus Editorial, p. 5 - ISBN: 978-84-92559-53-4.

e de espaços que afirmem a revolução no presente, transformando radicalmente as subjectividades de quem nelas se envolve”. Declaração feita em entrevista ao site La Marea, veículo espanhol com a liberdade de informação em que “não há, nem acima nem abaixo. Somos uma cooperativa”. Esse impulso que o militante espanhol considera vertiginoso passa pelo advento das chamadas mídias sociais, em que cada pessoa pode dispor de seu próprio veículo para expandir suas opiniões e criar mobilizações. A Wikipedia, maior enciclopédia virtual do mundo, é um exemplo atual de liberdade de expressão. Não se sabe até aonde vai o seu limite, mas a concepção do projeto é de uma “enciclopédia colaborativa, universal e multilíngue” em que os editores são voluntários e integram uma “comunidade colaborativa, sem um líder, na qual os membros coordenam os seus esforços no âmbito dos projetos temáticos e diversos espaços de discussão”, como vislumbraram libertários dos séculos XIX e XX. Além disso, “o conteúdo é disponibilizado sob a licença Creative Commons BY-SA e pode ser copiado e reutilizado sob a mesma licença — mesmo para fins comerciais — desde que respeitando os termos e condições de uso”, conforme informações descritas no “portal comunitário”.<sup>208</sup>

Sobre a tão propalada “utopia” dessa luta libertária, Ibañez atenta que o ressurgimento atual do anarquismo vem cercado “por uma reavaliação do pensamento utópico e pela convicção da necessidade da utopia”. Para ele, essa reflexão provavelmente “seja em parte porque o mundo de hoje carece de utopia que o anarquismo encontre um terreno fértil propício ao seu desenvolvimento”, contanto, chamada a atenção de que a “utopia também já não é exactamente o que era”. Debruçando-se sobre a renovação do anarquismo, ele observa que a “atual revitalização da utopia é a revitalização de uma utopia plenamente consciente, absolutamente convencida de que não passa de uma utopia”. Ou seja, é a projeção de se levantar um incitamento à luta, e não um “projecto futuro em busca de realização”, e assim mapear direções aptas a serem “inventadas e não seguidas”.<sup>209</sup> Em entrevista ao site lamarea.com, Ibañez demonstra que apesar da existência de “eventuais ressurgimentos de atitudes fundamentalistas”, que ele chama de “guardiões do templo”, há a necessidade de mudanças sobre a essência do passado e de

---

<sup>208</sup> Conferido no site [pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_Wikimedia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Wikimedia), em 20/09/19.

<sup>209</sup> IBÁÑEZ, Tomás: *Anarquismo es movimiento - Anarquismo, neoanarquismo y postanarquismo*, Barcelona: Virus Editorial, p. 85 - ISBN: 978-84-92559-53-4.

aproveitar a "larga experiência que acumulou" ao longo dos anos, reinventar-se e esclarecer os erros passados cometidos "debaixo das dobras da sua própria bandeira", de forma crítica. Sobre qualquer defesa de opção pela via eleitoral, o anarquista espanhol afirma que toda participação no sistema desativa a "política emancipadora", por entender contrário à frase de que "o poder corrompe", pois na sua concepção "para chegar ao poder já é preciso estar corrompido".<sup>210</sup>

E as redes sociais, são territórios livres para mobilizações e organizações libertárias? Realmente, as chamadas redes sociais, como Twitter e Facebook, principalmente, foram plataformas usadas para arregimentar voluntários que lançaram revoltas nas ruas de países do norte da África e do Oriente Médio, a partir de dezembro de 2010, no que ficou conhecido como Primavera Árabe”, em que alcançaram uma e outra vitória com queda de regimes opressores. Entretanto, críticos observam como mais um movimento efêmero, tal qual foram as tentativas insurrecionais no auge do movimento anárquico. O jornal espanhol El País, por exemplo, fez uma ampla matéria sobre o desenrolar desse processo “democrático”, desde a sua eclosão até o mês abril deste ano de 2019. Antes de destacar o resultado em cada país, a reportagem considera que "embora a corrente revolucionária tenha fracassado, e quase todos os seus brotos tenham minguado, algumas transformações foram introduzidas para sempre no cotidiano de jovens e mulheres". E que, acima de tudo, "abriu-se a janela para a comunicação através das redes sociais". Convém destacar um pouco do que ocorreu nesses países, de acordo com o levantamento feito pelo El País, a contar que se trata de um movimento por tentativas libertárias, por mais que se trate de um conteúdo histórico a uma metodologia teórica, mas está reproduzida em um contexto de acontecimentos atuais que devem ter no efeito influências de um coração de libertação corajosamente perpetrada, mesmo que um tanto timidamente, ainda, por teóricos anarquistas, e seus destemidos e temidos homens de ações. Vamos ao resumo dos acontecimentos da chamada Primavera Árabe, que teve como propulsor de mobilizações a tecnologia por meio das chamadas mídias sociais:<sup>211</sup>

---

<sup>210</sup> Opiniões de Tomás Ibañez em entrevista ao site lamarea.com, um veículo espanhol com a proposta de redação protegida de “qualquer tipo de pressão política ou comercial”. Conferido em 19/98/19 no site [www.lamarea.com/2014/06/29/tomas-ibanez](http://www.lamarea.com/2014/06/29/tomas-ibanez), traduzido pelo brasileiro Portal do Anarquista [colectivolibertarioevora.wordpress.com/2015/01/30/entrevista-tomas-ibanez-nunca-se-toma-o-poder-e-sempre-o-poder-que-nos-toma].

<sup>211</sup> Conferido no dia 20/09/19: [brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978\_043457.html].

No salto da Primavera Árabe, **Tunísia** e **Egito** se desenvolveram como almas gêmeas. Revoltas pacíficas derrubaram seus respectivos governantes tiranos: o egípcio Hosni Mubarak e o tunisiano Ben Ali, pondo em marcha o processo de transição para a democracia que num primeiro momento levaram o islamismo político ao poder. Mas, perante a comunidade internacional, a Tunísia foi o "único caso de sucesso entre as revoltas árabes", como a conquista do direito à liberdade de expressão. Mesmo assim, a "corrupção que carcomia o Estado durante a era de Ben Ali persistiu, e tampouco os abusos policiais desapareceram totalmente". A economia foi "salva de um colapso, mas não emergiu a "prosperidade" sonhada. No Egito chega ao poder o marechal Abdel Fattah al Sisis, considerado mais tirano que Mubarak. Calcula-se que nos últimos quatro anos prendeu 60 mil pessoas por razões políticas ou por fazer uso de suas liberdades individuais, com tortura nos calabouços que faz silêncio ensurdecedor. Aumentou o terrorismo e a economia continua minguando. Na **Líbia**, imaginava-se a liberdade com a morte de Muamar al Gadafi e a liberdade segue sucumbindo a milícias que assumiram maiores parcelas de poder, com olhos no farto óleo do petróleo. A **Síria** é um capítulo à parte de uma guerra desoladora que já soma mais de 340 mil mortes, "sendo um terço delas civis", cinco milhões se refugiaram em países vizinhos e "outros 6,5 milhões foram deslocados internamente". "A guerra destruiu quase metade dos centros médicos e escolares". No **Iêmem** o cenário hoje é de pobreza extrema, onde "sete dos seus 26 milhões de habitantes passam fome, e 1 milhão estão contaminados pela cólera."<sup>212</sup> Em **Bahreim**, considerado um país rico, a revolta foi reduzida a um "conflito de baixa intensidade" e o "Estado encarcerou dezenas de ativistas pacíficos e cerceia direitos e liberdade", diante do silêncio "cúmplice da comunidade internacional". Na **Argélia**, o presidente Abdelaziz Buteflika, que estava há 12 anos no poder, furou a onda das manifestações sem empreender grandes mudanças". No **Marrocos**, países ativistas entendem que o país sofreu uma "regressão de suas liberdades nos últimos sete anos". Na **Jordânia**, o rei Abdullah II se "comprometeu a impulsionar um processo de reforma que tenta manter no "tabuleiro político a Irmandade Muçulmana", principal grupo de oposição. E por fim o **Líbano**, onde a Primavera Árabe passou longe e a guerra síria destruiu boas expectativas econômicas, um tanto impactada pela fuga de turistas.

---

<sup>212</sup> "Cólera é uma doença infectocontagiosa aguda do intestino delgado, causada por uma enterotoxina produzida pela bactéria vibrio colérico (Vibrio cholerae)": drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/cólera.

A revolução da tecnologia virtual, que se diversifica e cresce numa velocidade que comumente vai além da capacidade da sociedade alcançar o parâmetro de uma infinidade de recursos, dos mais improváveis – talvez, ou provavelmente -, conhecidos e despercebidos, vem gerando, também, um relativo momento anárquico, em que as pessoas se sentem livres para opinar, criticar, elogiar, mobilizarem-se contra opressores, ou não. Entretanto, ao mesmo tempo vivem um mundo ainda desconhecido, pois esses territórios são livres, mas têm donos, que a todo tempo manipulam o uso de tais redes da forma como lhes convêm e promovem mudanças quando se veem obrigados diante de determinações do Estado, nas suas formas de poderes, sejam legislativos, executivos ou judiciário. A revolução digital e suas muitas formas de plataformas são um enigma para o futuro? Provavelmente – breve ou ainda um tanto distante. Uma interpretação difícil de codificar-se. A priori, “só sei que nada sei”.<sup>213</sup>

---

<sup>213</sup> Expressão atribuída ao filósofo grego Sócrates, como bem define nessa explanação o filósofo, escritor e palestrante brasileiro Mário Sérgio Cortella [[www.youtube.com/watch?v=I6NCCqx47zM](http://www.youtube.com/watch?v=I6NCCqx47zM)] 20/09/19.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nada suponho, nada proponho: - exponho.

**Paul Eltzbacher**

Esquadrinhar o movimento anárquico não foi tarefa fácil. Para não dizer exaustivamente difícil. Não porque o desenrolar desse instigante e significativo movimento extraísse o interesse por cada detalhe destes mais de 150 anos de luta contra um sistema de dominação evidenciado na divisão de classes e na opressão de uma maioria renegada ao privilégio da minoria. Custoso, muito mais, pela falta de uma amplitude de obras neste campo de ideais libertários, tanto na teoria quanto na prática, e também no desenvolvimento e nas divergências relacionados à etimologia do anarquismo. Talvez o estigma que se impingiu à palavra anarquia – anarquismo – tenha criado um rol de opiniões preconcebidas sem o conhecimento do verdadeiro pensamento a que se tentou vivenciar os defensores e os adeptos dessa teoria política, que não propalava caos, desordem, violência e nem as caracterizações negativas que foram transformando a pureza do movimento, que na verdade aspirava – provavelmente hoje nem tanto quanto um dia vislumbraram Pierre-Joseph Proudhon e muitos de seus seguidores – a transformação da sociedade numa convivência de liberdade e igualdade, com a abolição dos meios de dominação, especificamente o pilar Estado/capitalismo/clero.

Percebi ao longo desta investigação o desinteresse do tema ou da história do anarquismo em conteúdos didáticos nas escolas e nas universidades, de diversos países – digo com mais propriedade no Brasil, onde estudei desde o que no período se chamava primário. E muito da carência, ou mesmo inexistência, de obras até dos mais expressivos nomes do movimento libertário, que o jurista alemão Paul Eltzbacher trata em seus estudos científicos sobre o anarquismo como os representantes mais ilustres: William Godwin, Proudhon, Stirner, Bakunin, Kropotkin, Benjamin Tucker e Liev Tolstói.<sup>214</sup>

---

<sup>214</sup> ELTZBACHER, Paul: O Anarquismo - Segundo seus mais ilustres representantes (Godwin, Proudhon, Stirner, Bakunin, Kropotkin, Tucker, Tolstói etc.), tradução do alemão por Pedro Dorado, professor da Universidade de Salamanca, Madrid: La España Moderna. Obra consultada na Biblioteca Digital Jurídica da Universidade de Servilha, em 21/09/19: [http://fama2.us.es/fde/ocr/2013/elAnarquismoSegunSusMasIlustresRepresentantes.pdf].



Neste mesmo estudo, que ele elaborou a partir de 1900, analisando pormenores as doutrinas dos “sete notáveis” anarquistas que elegeu, em que traça o emaranhado de mal entendidos e distorções sobre o movimento libertário, Eltzbacher aborda sobre a importância de se “conhecer os trabalhos anarquistas mais importantes e significativos” e ao mesmo tempo reconhece a dificuldade existente por falta de “escritos desse tipo” em “bibliotecas públicas”. Aponta que “às vezes são tão raros que é extremamente difícil” para o acadêmico ter acesso às obras mais importantes.

Tal ausência de oferta e de indicação de obras produzidas por teóricos anarquistas pode estar ocasionada ao pré-conceito que se formou ao redor do anarquismo, ocasionando, conseqüentemente, a falta de interesse de um público maior. Esse vácuo levou-me à dificuldade de, por exemplo, encontrar obras sobre o anarquismo seja em livrarias, seja em bibliotecas. O campo mais propício foi o da internet, onde muito da produção histórica do movimento é disponibilizado para leitura e pesquisa, possivelmente pela ausência de obras em ambientes de pesquisas bibliográficas. Certamente que algumas produções encontrei em bibliotecas e livrarias, outras em aplicativos de venda e troca de livros. O que falo sobre essa dificuldade é no campo geral de meios de pesquisas, diferentemente do que acontece em outras áreas, como o comunismo, não o formulado na concepção do expoente da teoria anarco-comunista Kropotkin. Também o socialismo. Não o socialismo libertário, mas o de ideologias e doutrinas dessa corrente que prega organização coletivista e igualitárias, entretanto em percepções diferentes.

Podemos exemplificar esse contexto nas ideias opostas entre o bakuninismo e o marxismo. Enquanto Bakunin acreditava que a revolução só aconteceria se fosse de trabalhadores para trabalhadores, nada acima dos trabalhadores, porque não acreditava no Estado, Marx discordava e defendia a ditadura do proletariado, por entender o Estado como ente central na revolução ou na superação do capitalismo. Bakunin acreditava que se trocar alguém do poder, por mais revolucionário que fosse, não demoraria para o Estado assumir a sua face mais opressora. Pensamento que formou uma das frases mais antológicas do anarquista russo: “Se você pegar o mais ardente dos revolucionários e der a ele um poder absoluto, num ano ele será pior do que o próprio tsar” (czar).<sup>215</sup> (*apud* Daniel Aarão Reis).

---

<sup>215</sup> REIS, Daniel Aarão: A revolução que mudou o mundo - Rússia, 1917. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 – página inicial do livro com notáveis frases de autores expressivos.

Sobre o anarquismo, chamou-me atenção, e deixei para expor nestas considerações finais, o que contextualizou o anarquista lituano Alexander Berkman (1870-1936), grande amante e parceiro de Emma Goldman no movimento anarquista nos Estados Unidos, do qual foram líderes. Ele fez do livro *O ABC do Comunismo Libertário*<sup>216</sup> uma das obras fundamentais para entender o anarquismo em linguagem simples, comum, pois ele mesmo foi crítico da linguagem rebuscada como considerou ao que muito foi descrito o movimento. No prefácio do livro, escrito em 1928, atenta que “os livros anarquistas, com poucas exceções, não são acessíveis à compreensão do leitor comum”, o que considerou também um “defeito comum à maioria das obras que tratam de questões sociais”. Remeteu a essa problemática o “resultado” de existir “muito poucos livros que tracem o problema social de forma simples e inteligente”. Essa foi uma das motivações para escrever a obra e assim “reexpor a posição anarquista” numa “linguagem clara” que “possa ser entendida por qualquer um”.

Berkman diz que o “pouco” conhecido do anarquismo “é geralmente ouvir dizer e amplamente falso”, o que se pode constatar no dia a dia, durante todos esses longos anos até a atualidade, inclusive por “pessoas inteligentes”, como diz o anarquista lituano, que “muitas vezes têm um conceito errado sobre o assunto”. Ele generaliza: “Seu líder político, nem seu chefe, nem o policial falarão honestamente sobre o anarquismo”, assim como “jornais”, “publicações” e a “imprensa capitalista”. Somem-se a eles a “maioria dos socialistas e bolcheviques” na celeridade de desnaturalizar a essência anarquista. E no conceito “falso” que propalam o anarquismo como “desordem e caos”, aponta o que trata de “desonestidade com que os grandes mestres do socialismo - Karl Marx e Friedrich Engels - se manifestaram, que ensinaram que o anarquismo viria depois do socialismo”.

E é do pensamento de Berkman que visualizo o anarquismo, na reunião da minuciosa investigação do movimento libertário a que me dediquei para esta dissertação. Com a devida vênia, percebo também como (não a “maior” compreendida pelo anarquista) uma das mais extraordinárias coisas “que o homem já pensou” para ter liberdade e bem-estar, capaz de “trazer paz e alegria ao mundo”. Uma aspiração, contudo, que pode estar a anos-luz de alcançar. Assimilo que para se chegar à desejada liberdade coletiva potencializada com a igualdade o homem deve avançar muito no vigor da alma,

---

<sup>216</sup> BERKMAN, Alexander: *El ABC del comunismo libertario*, 1ª ed. - Buenos Aires: Libros de Anarres, traduzido por Marcos Ponsa González-Vallarino, 2009, ISBN 978-987-1523-07-8.

submeter-se a muitas renúncias materiais...até obter o auge sublime de/do ser. Um estágio cada vez mais longínquo diante de um mundo em que o capitalismo transborda, o coletivismo segue nas mais variadas situações como uma melancia – verde por fora, vermelha por dentro – e o socialismo sucumbe estratosférico. Senão, é observar a multiplicação de pregadores do por dentro. Uma espécie de camaleão. Tal a fábula do escorpião. Tal vaticinado por Falstaff. Tal o que tradicionais anarquistas um dia alertaram sobre os bolcheviques. Tal um antigo ditado popular do Nordeste brasileiro, do Nordeste onde nasci, que até hoje se pronuncia para ressaltar a desconfiança em um cenário ou em alguém que vive sob a égide da filosofia do egoísmo: “Farinha pouca, meu pirão primeiro”. Pirão no Brasil é uma espécie de papa feita da mistura de farinha de mandioca com caldo, seja de carne ou ave ou peixe cozido.

Toda essa dificuldade, tanto metodológica quanto didática, tanto teórica quanto dialética, fez-me levar, talvez ousar, a compor essa dissertação muito mais em torno da reunião do contexto histórico do movimento anárquico que ao teor científico de análise e interpretação crítica. Minha pretensão maior com este trabalho é informar mais, inclusive com detalhes, desse importante movimento, em várias fases – das mais importantes –, ainda tão marginalizado. Desde o momento a que me submeti a investigar o anarquismo que observo o comportamento das pessoas, seja em comentários nas redes sociais, seja em comentários quando informo sobre o tema desta dissertação. Os comentários aleatórios escritos passam muito pelo uso de chamar alguém de “anarquista” para classificar como “desordeiro”, até mesmo como pejorativamente “comunista”. Dos comentários em conversa sobre este trabalho, ouço exclamações tipo “que interessante!”, “uau!”, e perguntas curiosas sobre o que realmente é anarquismo. Outros reputam, em tom de ‘brincadeira’ com sutil ironia, que “é uma loucura”, “trabalho que vai resultar em nada”, e questionamento como “por que abordar uma doutrina tão agressiva?”. Ou seja, o anarquismo continua alvo de discriminação. Muito porque foi disseminado como “terrorista” etc, e não houve interesse de responsáveis pela educação em incluir na aprendizagem curricular. E também por ações dolosas que vão se propagando em nome – ainda – da “anarquia”.

## REFERÊNCIAS

AVRICH, Paul: The Haymarket Tragedy. New Jersey: Princeton University Press, 1984 – [[https://libcom.org/files/haymarket\\_tragedy\\_avrich.pdf](https://libcom.org/files/haymarket_tragedy_avrich.pdf)] – consultado de 20/07/19 a 25/08/19.

BAKUNIN, Mikhail: A Instrução Integral. Editora: Imaginário, editora brasileira especializada em obras libertárias. Coleção Escritos Anarquistas, 2003, p. 51.

BERKMAN, Alexander: El ABC del comunismo libertario, 1ª ed. - Buenos Aires: Libros de Anarres, traduzido por Marcos Ponsa González-Vallarino, 2009, ISBN 978-987-1523-07-8.

CORRÊA, Felipe: Bandeira Negra - Rediscutindo o Anarquismo (Anarquismo insurreccionalista e anarquismo de massas). Curitiba: Prisma Editora, 2015, pp. 45-46.

CORRÊA, Felipe: Bandeira Negra - Rediscutindo o Anarquismo. Curitiba: Prisma Editora, 2015, p. 235.

CORRÊA, Felipe: Bandeira Negra - Rediscutindo o Anarquismo (Anarquismo insurreccionalista e anarquismo de massas). Curitiba: Prisma Editora, 2015, pp. 244-245.

COSTA, Caio Túlio: O que é Anarquismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 16ª impressão, 2004, p. 12.

DOMMANGET, Maurice: Historia del 1º de Mayo. Barcelona: Editorial Laia, 1976, tradução de Marta Guasíavino, p. 35.

ELTZBACHER, Paul: O Anarquismo - Segundo seus mais ilustres representantes (Godwin, Proudhon, Stirner, Bakunin, Kropotkin, Tucker, Tolstoi etc.), tradução do alemão por Pedro Dorado, professor da Universidade de Salamanca, Madrid: La España Moderna. Obra consultada na Biblioteca Digital Jurídica da Universidade de Servilha, em 21/09/19:

[<http://fama2.us.es/fde/ocr/2013/elAnarquismoSegunSusMasIlustresRepresentantes.pdf>.

Encyclopedia

Britannica.

p.916

[<https://archive.org/details/PeterKropotkinEntryOnanarchismFromTheEncyclopdiaBritannica/page/n1>] – consultado em 23/08/19.

FLORES MAGÓN, Ricardo: Los pobres son la fuerza: discursos de Ricardo Flores Magón, no capítulo “La Revolución Social” (Discurso del 1º de junio de 1912), Buenos Aires: EGodot Argentina, 2014, ISBN 978-987-3847-48-6, p. 52 – tradução livre.

GOLDMAN, Emma: La palabra como arma. Buenos Aires : Libros de Anarres; tradução de Alexis Rodríguez Mendoza, 2010, p. 14.

GRAEBER, David: O Anarquismo no Século 21 e outros ensaios. Adaptado do e-book editado por Rizona Editorial, com tradução de Heitor Magalhães Corrêa, 2013, pp. 10-11.

GUÀRDIA, Francesc Ferrer: A Escola Moderna. Tradução e diagramação: Ateneu Diego Giménez, COBAIT, Piracicaba, SP, 2010. Edição original: La Escuela Moderna, FORU-AIT ,Uruguai, 1960 [[difusaolibertaria.files.wordpress.com/2012/11/adg-a-escola-moderna.pdf](http://difusaolibertaria.files.wordpress.com/2012/11/adg-a-escola-moderna.pdf)].

IBÁÑEZ, Tomás: Anarquismo es movimiento - Anarquismo, neoanarquismo y postanarquismo, Barcelona: Virus Editorial, p. 5 - ISBN: 978-84-92559-53-4.

IBÁÑEZ, Tomás: Anarquismo es movimiento - Anarquismo, neoanarquismo y postanarquismo, Barcelona: Virus Editorial, p. 85 - ISBN: 978-84-92559-53-4.

Jean-Yves Mollier, Historiador e Professor da Universidade de Versailles, no documentário "História do Anarquismo: Sem Deuses, Sem Mestres", 1º Episódio - *A paixão por destruição - 1840-1906*.

MAITRON, Jean: Ravachol e os Anarquistas. La propaganda por el hecho Madri: Huerga & Fierro Editores, 1ª edição, abril de 2003, tradução de Pilar Moreno Pindado, pp. 18-20-21.

MALATESTA, Errico. Escritos Revolucionários – A Greve Geral, Umanità Nova, n.º 132, 7 de junho de 1922.

MALATESTA, Errico. Escritos Revolucionários – reunião dos principais textos do anarquista italiano. Cultura Brasileira, Projeto Cultural de apoio ao estudante brasileiro nas áreas de Ciências Humanas, Atualidade Crítica e Filosofia, p. 8.

MALATESTA, Errico. Escritos Revolucionários - Sindicalismo e Anarquismo, Umanità Nova, 06/04/1922. [<http://www.culturabrasil.org/zip/malatesta.pdf>]

MICHEL, Louise: A Comuna II. Lisboa: Editorial Presença, 1971, tradução de Maria Clarinda Brás e Armando da Silva Carvalho.

NOZICK, Robert, *Anarquia, Estado e Utopia*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

NOZICK, Robert: *Anarquia, Estado e Utopia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, tradução de Ruy Jungmann, 1991 (Prefácio).

NOZICK, Robert, Anarquia, Estado e Utopia. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 9.

PROUDHON, Pierre-Joseph: *O que é a propriedade?*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. Tradução de Marllia Caeiro, p. 19.

PROUDHON, Pierre-Joseph: *O que é a propriedade?*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. Tradução de Marllia Caeiro, pp. 19-20.

PROUDHON, Pierre-Joseph: *O que é a propriedade?*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. Tradução de Marllia Caeiro, p. 21.

PROUDHON, Pierre-Joseph: *O que é a propriedade?*. Tradução: Marllia Caeiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1975, pp. 234-235.

PROUDHON, Pierre-Joseph: *O que é a propriedade?*. Tradução: Marllia Caeiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1975, pp. 234-235.

REIS, Daniel Aarão: A revolução que mudou o mundo - Rússia, 1917. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 – página inicial do livro com notáveis frases de autores expressivos.

ROCKER, Rudolf: A tragédia da Espanha, capítulo “A atitude do Partido Comunista na Espanha”, Nova York: Fraye Arbeter Shtime, 1937, p. 21.

ROCKER, Rudolf: Anarco-Sindicalismo (Teoría y practica), Barcelona: Ediciones Picazo, segunda edición: Colección Nueva Senda: dicbre., 1978, p. 40.

ROTHBARD, Murray N.: *A Anatomia do Estado*. Tradução: Tiago Chabert. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil. 1ª Edição.

ROTHBARD, Murray: Por uma nova liberdade – O manifesto libertário, 1ª Edição, São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, tradução e Rafael de Sales Azevedo. Introdução, pp. 11-14.

STIRNER, Max: *O único e sua propriedade*. Tradução: João Berrento. Lisboa: Editores Refractários, 2004, p. 144.

WOODCOCK, George: História das Idéias e Movimentos Anarquistas – 1º Volume – O homem dos paradoxos. Floresta (RS): L&PM Editores, tradução de Júlia Tettamanzy, 2007, p. 7.

WOODCOCK, George: História das Ideias e Movimentos Anarquistas – 1º Volume - Ideia. Floresta (RS): L&PM Editores, 2007. Tradução de Júlia Tettamanzy, p. 202.

WOODCOCK, George: História das Ideias e Movimentos Anarquistas – 1º Volume - Ideia. Floresta (RS): L&PM Editores, 2007. Tradução de Júlia Tettamanzy, p. 204.

WOODCOCK, George: *História das idéias e movimentos anarquistas* – Volume 1: A idéia. Tradução: Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2007, p. 10 (Prólogo).

WOODCOCK, George: História das Idéias e Movimentos Anarquistas – 1º Volume – O homem dos paradoxos. Floresta (RS): L&PM Editores, 2007. Tradução de Júlia Tettamanzy, p. 117.



WOODCOCK, George: História das Idéias e Movimentos Anarquistas – 2º Volume – O Movimento. Floresta (RS): L&PM Editores, 2006. Tradução de Alice K. Miyashiro, Heitor Ferreira da Costa, José Antônio Arantes e Júlia Tettamanzy, p. 62.

WOODCOCK, George: História das Idéias e Movimentos Anarquistas – 1º Volume – A Ideia. Floresta (RS): L&PM Editores, 2006. Tradução de Alice K. Miyashiro, Heitor Ferreira da Costa, José Antônio Arantes e Júlia Tettamanzy, pp. 15-16.

WOODCOCK, George: História das Idéias e Movimentos Anarquistas –A Ideia. Floresta (RS): L&PM Editores, 2006. Tradução de Alice K. Miyashiro, Heitor Ferreira da Costa, José Antônio Arantes e Júlia Tettamanzy, pp. 103.104.